

CONCURSO LITERÁRIO

OSÓRIO

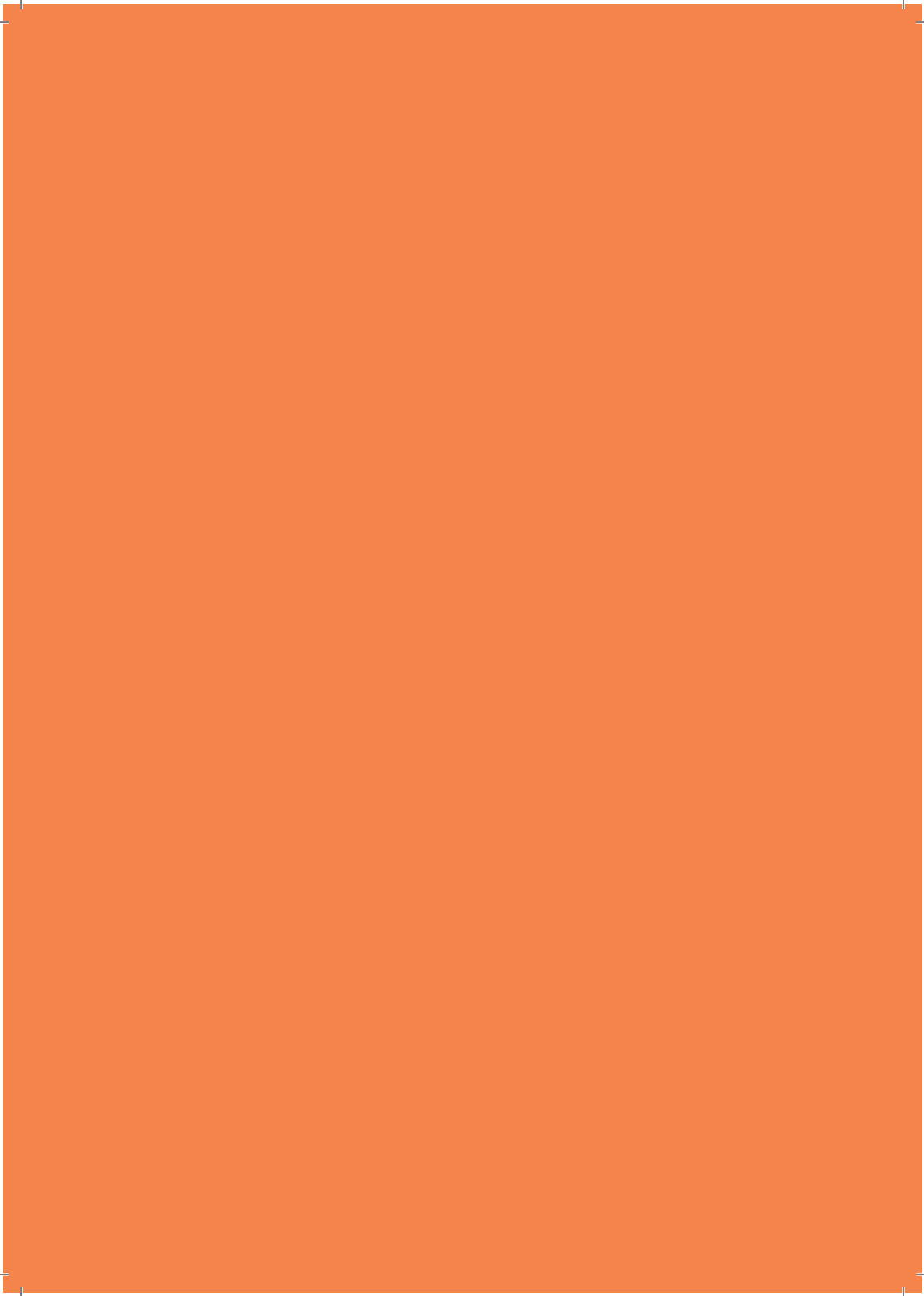
ALVES DE CASTRO

Contos **4**
vol.



UFOP

LEO COSTA



Contos 4
vol. 1



Universidade Federal do Oeste da Bahia
Rua Professor José Seabra de Lemos, 316
Recanto dos Pássaros, Barreiras (BA)

www.ufob.edu.br
ufob.edu.br/acessoinformacao
facebook.com/ufoboficial
instagram.com/ufoboficial
youtube.com/ufoboficial

Reitoria, Barreiras

✉ gabinete@ufob.edu.br

Campus Reitor Edgard Santos, Barreiras

Centro das Ciências Exatas e das Tecnologias

✉ ccet@ufob.edu.br

Centro das Ciências Biológica e da Saúde

✉ ccbs@ufob.edu.br

Centro das Humanidades

✉ cehu@ufob.edu.br

Centro Multidisciplinar de Barra

✉ campus.barra@ufob.edu.br

Centro Multidisciplinar de Bom Jesus da Lapa

✉ campus.lapa@ufob.edu.br

Centro Multidisciplinar de Luís Eduardo Magalhães

✉ campus.lem@ufob.edu.br

Centro Multidisciplinar de Santa Maria da Vitória

✉ campus.samavi@ufob.edu.br



CONCURSO LITERÁRIO
OSÓRIO
ALVES DE CASTRO

Contos *4* vol.



UFOB

Copyright © 2025 Universidade Federal do Oeste da Bahia

EDIÇÃO

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

PINTURA DA CAPA

Leo Costa, artista da Bom Jesus da Lapa (BA):

Vaqueiro do sertão, 80 x 70 cm, óleo sobre tela, 2020

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Cícero Félix

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Oeste da Bahia
Biblioteca Universitária

U58 Universidade Federal do Oeste da Bahia.

Contos. / Universidade Federal do Oeste da Bahia. Barreiras / Ba: [s.n.], 2025.

176 p. – (Concurso Literário Osório Alves de Castro; v.4)

ISBN do livro físico: 978-85-60065-08-0

ISBN do livro digital: 978-85-60065-07-3

1. Literatura. 2. Contos. 3. Cultura. 4. Oeste da Bahia. 5. UFOB. II. Série.

CDD B869.3

Bibliotecária - Documentalista Ana Cristina Santos de Jesus CRB - 5/1000



Sumário

APRESENTAÇÃO

Outra narrativa, 11

CÍCERO FÉLIX*

PREFÁCIO

Eu te conto: resistência narrada,
apesar dos pesares, 15

JOSENILCE RODRIGUES DE OLIVEIRA BARRETO*

Vô Neco, a onça e a aliada, 23

JÉSSICA FURTADO

O lado mais pesado da balança
e as tangerinas, 31

MARCOS NUNES LOIOLA

Mandacaru assombrado, 39

CRISLLEY RIAN

A vida também é sobre ter coragem
de comer uma cascavel inteira, 53

LUZIA MARIELLE FERREIRA DA SILVA

Gaiola mental, 61

KAMILA DOS SANTOS

Carrancas distorcidas, 71

JAMES WILKER FREIRE MACHADO

Sempre fui assim, 83

ANA REBECA

Nível de consciência, 93

ANTONIO OLIVEIRA DE SOUZA

Dilema, 105

GISELE DO PRADO SATELES

Desde que ela se foi, 115

SILVANO MESSIAS DOS SANTOS

Do amor, 125

ICTERUS JAMACAI

Vozes da terra calada, 133

JEAN LUCAS VINHAS MEDEIROS DE CARVALHO

O canto do mar e da terra, 143

JOSMAILTON ANJOS

O antiemético, 153

TIAGO LOPES DE SOUZA

Encontros e desencontros, 163

JORGE NÉRIS



Outra narrativa

CÍCERO FÉLIX*

Desde a segunda edição da coletânea de contos, do Concurso Literário Osório Alves de Castro, adotamos como parte do projeto gráfico/editorial divulgar na capa de cada edição a arte de um arteiro ou arteira do Território de Identidade Acadêmica da UFOB. Assim, além valorizar, incentivar e estimular a arte literária, passamos a dar visibilidade a potência criativa dessas pessoas pouco conhecidas na região.

Esta edição é ilustrada com a pintura “Vaqueiro do sertão”, de Leo Costa. Natural de Bom Jesus da Lapa, ele se descobriu para a arte do desenho e pintura ainda garoto, quando estudava a 6ª série. Ele lembra que sua primeira tela foi o chão, na pequena estância da avó, no povoado de Favelândia. “Eu limpava o chão e desenhava”, recorda.

Hoje, Leo Costa é um artista reconhecido, tem obras espalhadas por todo Brasil. Em 2003, participou de um concurso de pintura de Portugal e ficou entre os cinco melhores, com direito a publicação em uma revista de circulação europeia. Os temas recorrentes de suas obras são

o rio São Francisco, os povos são-franciscanos e a cultura ribeirinha e rural.

O 3º volume da coletânea foi ilustrado por Inácio Cordeiro, com uma obra que mostra a pequena igreja Nossa Senhora Aparecida, construída em 1915, na então Vila São Desidério, à época distrito de Barreiras.

Natural de São Desidério, Cordeiro fez a primeira pintura aos 14 anos. Seu sonho era cursar Belas Artes. Na década de 1980 foi para Goiânia e acabou indo trabalhar de aprendiz em uma oficina de letreiro. Ele não conseguiu realizar seu sonho de fazer Belas Artes, mudou-se para Barreiras e abriu uma empresa de comunicação visual. Paralelamente, continuou explorando seu talento para as artes visuais.

O professor, artista e guardião da memória do Mestre Guarany, Jairo Rodrigues ilustrou a 2ª edição da coletânea com uma releitura de esboço a lápis de “O violeiro”, do modernista Cândido Portinari.

Rodrigues nasceu em Santa Maria da Vitória e sua memória mais remota sobre sua relação com as artes visuais é de quando tinha 10 anos. Aos quinze já fazia aquarelas. Morou em Belo Horizonte e em Salvador, onde realizou várias exposições. Há mais de 10 anos ele tem se dedicado a construir o Memorial Artístico F. Guarany, espaço que será voltado para a memória do mestre, considerado o primeiro artista popular da arte moderna brasileira, e promoção da arte e cultura local.

Com esta iniciativa de ilustrar a capa com a arte de um artista, arteiro ou arteira do território, oferecemos também uma narrativa que vai além da literatura, que conta histórias através de tintas, traços, pinceladas, cores, formas e expressões de vida.

Viva a diversidade da escrita, da potência criativa.

**Cícero Félix, professor na UFOB e coordenador de Arte e Cultura da PROEC/UFOB.*



Eu te conto: resistência narrada, apesar dos pesares

JOSENILCE RODRIGUES DE OLIVEIRA BARRETO*

Perscrutar o texto e todos os aspectos extralinguísticos que o compõe, partindo da sua edição, do estudo do seu processo de produção, transmissão e recepção é ofício do filólogo, que é, por natureza, o estudioso do texto desde a Antiguidade Clássica na renomada Biblioteca de Alexandria. Na contemporaneidade, o fator que se apresenta como novo é quando uma filóloga de formação é convidada para fazer parte do processo de escolha dos textos, escritos por diferentes mãos e residentes na região Oeste da Bahia, que farão parte de uma coletânea, que vem para coroar escritores até então desconhecidos e torná-los protagonistas da quarta edição do Concurso Literário Osório Alves de Castro, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Oeste da Bahia, o que, sem dúvidas, é uma ação de aproximação da universidade com a comunidade que a circunda.

O santamariense que dá nome ao referido concurso, além de romancista, desenvolveu o ofício de alfaiate, destacando-se dentro e fora do sertão são-franciscano como protagonista em sua escrita e vencedor do prêmio Jabuti de Literatura, em 1962, com o romance “Porto Calendário”, consagrando a sua obra com narrativas que ligam o sertão de São Francisco a São Paulo, cidade onde também residiu. Osório Alves de Castro se lançou na Literatura local e nacional e como homenagem, mais do que justa, nomeia o concurso que dá espaço para novos protagonistas se fazerem conhecidos na Literatura regional.

Nesse cenário, fazer parte do processo de composição desta coletânea, enquanto leitora em primeira mão dos contos que aqui estão reunidos é, sem dúvidas, um privilégio e um lugar de protagonismo para quem ocupa esse espaço. Agregado a esse privilégio e protagonismo vem também a responsabilidade de, nestas linhas, apresentar esta obra que se junta às anteriores na conjuntura de incentivar e dar visibilidade às produções de pessoas que, em alguns casos, escrevem pela primeira vez ou que já tiveram outras experiências de escrita dentro ou fora do território que compõe a região Oeste da Bahia.

Assim, as histórias contadas nos quinze contos reunidos neste livro e a partir de perspectivas distintas despertam em nós emoções, reflexões e o sentimento de pertencimento à região em que a UFOB está inserida, a partir das diversas narrativas que fazem parte dos textos aqui reunidos e que nos lembram do nosso cotidiano ou de uma utopia ou distopia deste. Nesse aspecto, a assertiva de Antônio Cândido sobre o poder humanizador da Literatura e, portanto, sua defesa como um direito que não pode nos ser negado se faz incontestável, embora na contramão disso tenhamos cada vez mais menos leitores em nosso país, conforme dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Eco-

nômico (OCDE), que mostram que os resultados de 2022 em leitura se mantiveram praticamente os mesmos de 2018.

Para minimizar esse problema, ações como a promoção de concursos como o IV Concurso Literário Osório Alves de Castro podem abrir espaços para que estudantes se sintam estimulados a ler e a escrever, tornando-se protagonistas de suas próprias histórias. Ler, portanto, contos como “Vô Neco, a onça e a aliada”, “O lado mais pesado da balança e as tangerinas”, “Mandacaru assombrado”, “A vida também é sobre ter coragem de comer uma cascavel inteira”, “Gaiola mental”, “Carrancas distorcidas”, “Sempre fui assim”, “Nível de consciência”, “Dilema”, “Desde que ela se foi”, “Do amor”, “Vozes da terra calada”, “O canto do mar e da terra”, “O antiemético” e “Encontros e desencontros” promovem, além de protagonismo para os seus autores, oportunidades de conhecimento, inspiração, emoção e paixão pelas letras.

E por falar em conhecimento, inspiração, emoção e paixão pelas letras, nos quinze contos selecionados, esses elementos não faltam. Em cada um deles o leitor se envolve e desenvolve uma emoção diferente, saberes que inspiram e paixão a cada linha enquadrada em cada folha, antes em branco. De fato, nos contos apresentados nas páginas seguintes desta coletânea, os autores parecem não terem precisado “lutar com as palavras”, diferentemente do que Carlos Drummond de Andrade descreveu em “O lutador”, sobre a dificuldade que cada escritor tende a ter ao exercer o ofício da escrita. Bom, se houve dificuldades ou não no ato de escrever de cada autor não se sabe, mas é indubitável que cada conto tem temas e desperta sentimentos diferentes em cada um dos seus leitores, e que maravilha é isso nesses textos!

Para finalizar, gostaria de trazer como exemplo de autoria protagonista a estudante do nono ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual 26 de Março, localizada no município do Paraná (RN), Leticia Maria Morais, que se tornou uma das vencedoras do concurso nacio-

nal promovido pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), e cujo tema foi “Brasil 200 Anos de Independência: Lendo nossa história, escrevendo nosso futuro”, ocorrido em 2022. Na oportunidade, a estudante escreveu o poema “Mulheres da história, espelhos do futuro”, que versa sobre o protagonismo de diferentes mulheres na História do nosso país.

Assim como a referida estudante, autores dos contos desta coletânea como Jéssica Furtado, Marcos Nunes, Crisley Rian, Luzia Marielle, Kamila dos Santos, James Wilker, Ana Rebeca, Antônio Oliveira, Gisele do Prado, Silvano Messias, Icterus Jamacaii, Jean Lucas, Josmailton Anjos, Tiago Lopes e Jorge Nêris protagonizam, a partir das suas escritas, os seus lugares na Literatura do Oeste baiano e estrelam nesta obra, que se soma às outras três coletâneas já publicadas nos concursos anteriores, assim como um dia também começou Osório Alves de Castro como escritor em sua querida Santa Maria da Vitória (BA).

Feitas essas ponderações, desejo uma excelente leitura de cada um dos contos que, junto com os seus autores, protagonizam esta coletânea!

***Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto**, *professora na UFOB e doutora em Filologia e Língua Portuguesa.*







Vô Neco, a onça e a aliada

JÉSSICA FURTADO

– Fique quieto, rapaz! Tá achando que onça é cachorro?

– Calma, vô, eu só ia pegar o casaco que ficou caído ali perto da carretilha.

– Ora, menino, um bicho desse tamanho aqui na nossa cara e você querendo pegar casaco?

– É, vô, é que se ela vier pra cima, eu jogo o casaco na cara dela e a gente sai correndo. É o tempo certinho de fuga.

– Ô, seu coisa, se depender de você, tamo é morto. Larga de gracinha e aquieta.

E foi assim a primeira vez na vida em que eu vi uma onça-pintada. Era bonita demais; um animal que, pra mim, demonstrava claramente a criatividade de Deus na feitura da natureza. A pintura do couro parecia ter sido feita manualmente, e os olhos de caçadora nos paralisavam. Fiquei tão maravilhado – muito mais do que amedrontado – que até pensei alto:

– Morrer na boca de um bicho desse nem seria tão ruim assim,

nem todo mundo tem a chance de ver uma dessa de perto durante a vida. É bonita demais, vô! Eu morreria feliz!

– Meu Senhor amado, não ouça as conversa torta desta criança! Seu moleque, você não tem um miolo certo nessa sua cabeça. – respondeu ele, em um tom que mais se assemelhava ao compadecimento do que à raiva.

– Calma, meu avô, é que eu ouvi dizer que ver onça dá sorte.

– Cuma é a história??? – questionou-me enquanto me encarava incisivamente curioso, franzindo as sobrancelhas grossas parcialmente grisalhas que conferiam ainda mais força à expressividade facial única daquele homem.

– É verdade, meu avô. Celso me contou que viu uma onça rodeando aquela mata atrás da escola. Disse ele que, no dia seguinte, tirou foi dez na prova de matemática. Entendeu a presença do bicho como um sinal da Providência!

– Aaaah, então quer dizer que foi a onça que fez Celso tirar dez e não a peia que dei naquele moleque para que ele largasse o futebol e estudasse??? Teu primo tem que parar de inventar mentira. Ele me disse esses dias que viu livusia enquanto caminhava pra casa de sua tia. Além de mentiroso tá vendo assombração. Era só o que faltava!

– É verdade, vô. Celso disse que a livusia contou que ele é filho de Pelé!!!

– Pelé?! – exclamou meu avô, contendo a risada para não chamar a atenção da onça.

– E por que não seria? Celso não tem pai e é bom no futebol. Tudo faz sentido, meu avô! Falou até que vai jogar pela seleção no futuro.

– O dez em matemática foi coisa da onça e a aparição contou que ele é filho de Pelé, por isso joga uma bola meia boca??? Ora rapaz, eu tô criando é um neto doido e outro abestalhado porque acredita no doido.

– Ei, vô, ó o bicho se aproximando!

Eu e meu avô tínhamos ido pescar às margens do Rio Preto, em Santa Rita de Cássia. Passamos o fim da tarde e parte da noite escondidos no meio do mato, conversando baixo e esperando a tal da onça se afastar para irmos embora dali.

Vô Neco era um homem de peso e estatura medianos, pele par-da, com pelos escuros que cobriam todo o corpo, apenas a barba e as sobrancelhas exibiam fios brancos. Tinha pouco mais de meio século de idade e era detentor de uma personalidade que preenchia cada ambiente em que pusesse os pés, fosse fazendo gracejos, dando risadas, impondo respeito ou alteando sua grave voz para defender o que acreditava ser o certo. Era sistemático com suas coisas pessoais: seria notado qualquer item minimamente movido do lugar em que ele havia posto, e a bronca seria dada. Parecia uma tempestade de raios que previa uma chuva intensa, porém que segundos depois dava lugar a um tempo aberto e ensolarado. Tentava manter uma postura bruta e rústica, apesar disso, em cinco minutos de conversa era visível que ali habitava um monumento natural, arrancando facilmente sorrisos de quem se aproximava pelo simples fato de existir, de ser tão admirável sem fazer esforços, de transmitir uma grandiosidade na singeleza da existência. Era água corrente que percorria diversos lugares sem perder a essência e em todo canto deixava seu legado: um afluente da autêntica felicidade.

Recordo-me que meu avô tinha olhos pequenos com pálpebras inchadas que transmitiam carinho. Eu sabia que ele me amava só pela forma afetuosa como me olhava, ainda que somente uma vez na vida eu tenha ouvido essa afirmação sair da boca dele – quando eu quase morri afogado em outra pesca, no ano anterior, e ele me salvou. Eu era fã daquele cara.

Ele costumava carregar consigo um facão para se defender de

possíveis perigos – dizia ele que era para isso, todavia eu acreditava que a peça havia se tornado mais uma espécie de amuleto do que uma arma branca, pois aquele homem não dava um passo fora de casa sem a tal da “aliada”. Sim, esse era o nome do facão; assim foi batizado depois que meu avô ouviu dizer, em 1945, que os países vencedores da Segunda Guerra Mundial compunham um grupo denominado “Aliados”. Ele sabia pouco ou quase nada sobre a guerra e o que absorveu dela, de fato, foi o nome “Aliados”, que achou bonito e que, posteriormente, usou para inspirar o batismo da sua companheira de jornada.

Pois bem, a aliada havia desaparecido na noite anterior ao encontro com a fera. Estávamos acampando ali pela região, perto do rio. Na manhã seguinte, meu avô sentiu falta do artefato logo quando acordou. Achou que fosse alguma brincadeira minha e deu-se por convencido, durante algumas horas, de que a qualquer momento eu devolveria a aliada. Mudou de feição subitamente quando me perguntou, olhando nos meus olhos e segurando firme no meu braço, sobre o paradeiro do objeto. Eu respondi com toda a sinceridade que havia no meu peito que eu não sabia onde estava (e realmente não sabia, isso não foi coisa minha), e ele viu verdade em mim. De enraivecido, fez-se aflito, e assim se manteve até a hora em que a pintada apareceu caminhando pertinho de nós. Parece até que previa a insegurança que a ausência da aliada causaria.

– Ê lazeira miserável... Era só minha aliada comigo e eu mostrava pra esse bicho quem é o mais valente de nós dois. – dizia meu avô, amuado com o revés que havia se apresentado a nós, crente de que o facão nos salvaria num possível embate com o felino.

A Providência não quis que morrêssemos pela boca daquela onça, somente deu a nós o apreço de a espreitarmos de perto. Ela muito nos rodeou, mas acabou indo embora (e nós também). Celso, se estivesse com a gente, teria atribuído a esse evento alguma predição ou marca

miraculosa. Eu provavelmente teria acreditado. Ele talvez estivesse certo.

Voltamos ao nosso acampamento em silêncio extremo, silêncio entre nós, digo, pois, a mata próxima emitia sons naturalmente noturnos, ora aprazíveis, ora inquietantes. Vô Neco nada falava, contudo, sua testa continuava franzida, como se empregasse esforços para resgatar na lembrança o paradeiro da aliada. Nenhuma boa nova.

Amanheceu, juntamos nossas coisas na matula, organizamos os poucos peixes pescados, colocamos na carroceria da Chevrolet velha do meu avô e pegamos a estrada de volta para a nossa cidade. A viagem foi percorrida sem muita conversa, o que parte se justifica pelo meu cochilo que durou horas e parte pela chateação de meu avô com o sumiço do amuleto. Era uma tarde de domingo e ele me deixou na casa de tia Martinha, meia-irmã dele, pois meu primo Celso lá já estava para que passasse o último dia das férias. Disse que voltaria no dia seguinte para nos buscar, pois as aulas começariam na terça-feira. Despediu-se de mim, cobrando o pedido da benção que eu frequentemente esquecia.

– Benção, vô Neco!

– Deus lhe dê boa sorte, meu filho!

O restante do domingo e a segunda-feira foram dias bons, típicos dos últimos dias de férias de duas crianças pobres de doze anos na década de 70: descalços, jogando bola na rua, lançando pião e brincando com o carrinho de rolimã que vô Neco havia feito.

Na segunda à noite, já na porta da casa de tia Martinha, à espera de meu avô, eu e Celso ouvimos gritos de uma voz conhecida. Era Pedro Batista, um amigo do colégio e vizinho da rua de cima, que vinha descendo de bicicleta, enlouquecido, gritando:

– Silvinho! Celso! Seu vô Neco! Seu vô Neco!

Corremos em desespero em direção a Pedro Batista e perguntei o

que tinha acontecido. Ele me respondeu:

– Tem uma Chevrolet capotada na estrada, há uns dois quilômetros daqui, com um homem dentro. O povo tá comentando que foi seu avô, Silvinho!

Na noite em que vimos a onça, a Providência realmente não quis que morrêssemos pela boca dela, mas quis levar meu vô Neco dois dias depois, na estrada, enquanto ele dirigia para buscar Celso e eu na casa de minha tia. Ele sofreu um infarto fulminante no volante.

O que tinha a onça a ver com isso? Não sei, entretanto naquele dia em que a vimos, a morte nos cercou, e na segunda-feira à noite ela alcançou quem eu mais amava. Por meses eu não saí de casa e nem me coloquei em situações que apresentassem o menor potencial de perigo, achei que a morte também viria atrás de mim. Eu pensei que conhecia a tristeza e o medo até descobrir o que o luto era capaz de fazer com uma criança.

Seis anos depois, em 1976, no dia da minha mudança para o sudeste do país, terminando de ajeitar a minha mala na chácara dos meus avós, onde eu havia sido criado, minha avó se aproximou de manso, reflexiva, e me chamou, minutos antes de nos vermos pela última vez. Disse:

– Eu preciso lhe entregar um negócio, meu filho.

Fomos até o quarto dela, outrora deles, e ela apanhou uma caixa do fundo do guarda-roupas, falando:

– Por anos as coisas de Neco quase não foram mexidas. Pouquíssimas vezes tive coragem de abrir o lado dele do armário. Ontem, me preparando pra sua partida, tive um repentino momento de força e revirei tudo. Acabei encontrando essa caixa. Acho que ela é sua.

Abri o embrulho feito sem muito jeito, por mãos que só conheciam o trabalho bruto, mas que muito amor ali empregou para fechá-lo. Lá estava ela: a velha aliada de vô Neco. Retirei e a encarei, atônito. Não

sei como ela apareceu e em que momento meu avô planejava entregá-la a mim. Minha avó nada soube explicar e meu avô não mais estava conosco para que eu fizesse meus questionamentos. Em segundos, lembrei do dia da onça e chorei desoladamente no colo de minha avó, recordando as memórias marcantes vividas com o homem que me criou como um pai e que eu tinha a honra de chamar de avô.

Ao guardar novamente a aliada na caixa, reparei que havia num cantinho dela um pequeno papel dobrado com o seguinte escrito, em mal traçada, porém esforçada linha:

“Ao maior aliado da minha vida: Silvinho”.



O lado mais pesado da balança e as tangerinas

MARCOS NUNES LOIOLA

Simone estava prestes a completar doze anos quando colocou Deus contra a parede pela primeira vez. Foi num início de noite, debaixo do abacateiro do quintal da sua própria casa. A mãe havia saído para visitar uma tia em estado terminal no centro da pacata cidade. O pai, bêbado, resmungava na varanda da casa.

As cenas de embriaguez do pai eram corriqueiras, mas Simone nunca se acostumara. O frágil corpo de criança reagia sempre com o mesmo temor. Por muitas vezes o viu agredir a mãe sem mais nem menos. Por tantas vezes se escondeu, indefesa, debaixo da cama, fugindo da agressividade daquele homem por quem ela, aos poucos, nutria o desamor. A dificuldade de olhá-lo nos olhos tornou-se inevitável.

Simone sentia mesmo era inveja dos irmãos mais velhos, independentes, que tão cedo partiram para a cidade grande e se livraram

daqueles infortúnios. Mas, dona de um coração solidário, logo se questionava: quem cuidaria da mãe?

Naquela noite, desde o momento em que ouviu a voz do pai, trancou-se no quarto e apagou a luz. Ele detestava ver a filha fugir como quem anseia escapar das garras de um bicho. Em razão disso, era sempre repreendida da forma mais grosseira possível. Havia, no final das contas, bastante tempo que não via no pai qualquer resquício de delicadeza.

Não tardou para ele adentrar a casa e começar a gritar pela mulher. Gritou uma, duas, três vezes. E entre um chamado e outro, a qualificou com alguma palavra de baixo calão. Simone mal respirava dentro do quarto. Sua ambição mais urgente era o retorno da mãe ou que o pai caísse em algum canto e não levantasse por tão cedo, como ocorrera outras vezes. Mas, feito um treinado cão farejador, ele sentiu a presença da menina.

O coração de Simone disparou ao ouvir o rastejar de chinelo em direção à porta do seu quarto. Quando viu a sombra do pai, estática, por baixo da porta, sabia que não tinha mais para onde fugir. Aos socos, o pai exigiu que ela abrisse a porta. A menina destravou-a, acendeu a luz e voltou a se refugiar no canto da cama.

– Tem algum bicho aqui, menina, pra você tá fugindo assim?

Simone nada respondeu. O pai, então, foi se aproximando, cambaleando das pernas, até cair ao lado dela, sobre a cama. Sem mais espaço para se encolher, a menina arriscou fugir, mas logo a pesada mão a interceptou. Essa mesma mão, em seguida, deslizou por um dos seus seios que, naquela idade, começavam a aparecer. Ela tentou escapar mais uma vez, mas na briga de braços...

Preso à mão do pai, foi arrastada até o quintal da casa, aos prantos. E ali, debaixo do abacateiro, sob a cruel impossibilidade de insurreição, Simone sentiu escorrer pelas pernas qualquer derradeiro resquício de ternura que ainda guardava na vida.

– O que aconteceu, Simone? – disse a mãe ao encontrá-la na calçada da casa, com os olhos inchados, como uma abandonada.

Simone não tinha forças para palavras. Com um olhar cuidadoso pelo corpo da menina, a mãe identificou uma mancha vermelha na roupa, próxima à virilha. E como uma leoa em fúria, adentrou a casa e começou a questionar o marido, prostrado no sofá. Em resposta, ela ouvia apenas resmungos. A discussão, previsivelmente, correu por horas e acabou em agressão física. Na luta de braços, a leoa acabou machucada, como sempre ocorria.

Os vizinhos escutavam os gritos de suas casas em plena passividade. As brigas na casa de Simone eram cenas ordinárias. Ninguém se intrometia, ninguém prestava ajuda. A mulher ameaçou chamar a polícia se o marido não detalhasse o ocorrido, mas de volta ouviu uma ameaça mais poderosa: se a polícia entrasse naquela casa, todo mundo sairia perdendo. Então, sabendo que a rua da sua vida era sempre esse beco sem saída, e conhecendo mais que ninguém o temperamento daquele homem, ela acabou se rendendo, mais uma vez.

Naquela noite, somente Simone conseguiu dormir depois de muito custar. Sua mãe passou as horas em lamentos, andando por todos os lados, martirizando-se por ter deixado a menina em casa, sozinha. Pensou em arrumar as trouxas e sair com a filha pelo mundo, de uma vez por todas. Mas para onde? E então, subiu-lhe pelo corpo uma revolta tão grande, tão grande que... Caiu no sono já na madrugada findada, ao lado da menina, trancafiadas no quarto.

Depois daquele episódio, Simone passou a viver a maior parte do dia sob o olhar vigilante da mãe e o caso restou sufocado – apenas na boca, nos corações tudo uivava. Ninguém tocou mais no assunto. A própria menina fugia de perguntas como um demônio a fugir da cruz. Sua mãe entendeu, por fim, que tocar na ferida era uma forma de tor-

tura para a filha. E nessa condescendência forçada dos miseráveis, carregavam a vida como podiam.

Simone faltou às aulas pelas semanas que se seguiram. A diretora da escola mandou uma notificação para a mãe que, em resposta, disse que a filha estava doente, voltaria em breve. Quando voltou, todos os colegas notaram a aura triste que pesava sobre a feição da menina. Simone era a aluna novata da turma. Ninguém a reconhecia.

Um mês depois, sua mãe arrastou a barriga num chão mais fundo e preparou uma pequena surpresa de aniversário, com as amigas vizinhas. Aproveitou a ausência do pai, que deveria estar em algum boteco fazendo exatamente o que ele de melhor sabia fazer: ausentar-se. E não é que ela conseguiu arrancar um sorriso da filha? Guardou-o como um troféu no fundo do peito.

Simone passou os anos sem olhar na cara do pai. Aos quinze, quando seus irmãos vieram passar o Natal em família, ela, já uma moçoila, decidiu que voltaria com eles para São Paulo. Ninguém a convenceria do contrário. Sua mãe dizia que a vida lá era difícil, mas Simone não conseguia compreender como a cidade grande seria capaz de lhe oferecer algo mais monstruoso do que lhe oferecera o pai.

E seu destino passou a ser moldado no passo e no compasso dessa balança imaginária. Antes de tomar atitudes custosas na vida, colocava o peso de cada coisa na balança. Qual lado doía mais? Qual lado doía menos? E foi assim que ela chegou a São Paulo no fim da década de 1980. A inveja que guardava dos irmãos logo caiu por terra, mais precisamente na porta da casa onde eles moravam. Um casebre de três cômodos divididos para dois homens. Agora, mais uma menina.

Simone começou a trabalhar em casa de família pouco tempo depois. No início os trabalhos se reduziam aos cuidados do filho da patroa, mas não tardou para, entre uma e outra xícara lavada, começar

a servir aos patrões de todas as formas. O dinheiro não valia o esforço, mas no catálogo de oportunidades não havia outra oferta. A patroa sabia costurar, ao menos. Simone tomou gosto. Resolveu aprender nas poucas horas em que a patroa não sugava suas forças. Estabeleceu a meta de ter a sua própria máquina de costura o mais breve possível.

Foi aí que, por amizades no bairro, conheceu o cenário noturno. Colocou, em um lado da balança, todos os homens com quem se deitaria. Do outro, o pai (ela não o olhava nos olhos, nem mesmo em pensamento). E, assim, Simone conseguiu juntar uma grana extra. Almejava, também, deixar o casebre dos irmãos, ter a sua própria liberdade em metros quadrados que ela pudesse chamar de seus, ainda que fossem poucos. Levou tempo, mas conseguiu.

Trocou a vida noturna pela vida da costura. Às vezes passava a madrugada costurando para conciliar com a vida de doméstica. No fundo, também desejava abandonar a casa da patroa, mas seria um luxo demais para ela. Nesse compasso, Simone foi, aos poucos, costurando sua vida. O tempo, essa máquina incansável, lentamente ia costurando as cicatrizes...

Não tardou para o tempo lhe costurar uma nova peça. Linda peça, neste caso. De nome Matheus. O moleque foi um sopro de felicidade pelos cantos da casa e da vida, apesar das adversidades. A felicidade soprou mais forte quando ela colocou o companheiro para correr, literalmente. O primeiro – e único – tapa na cara foi o suficiente para não o aceitar dentro de casa nunca mais. Sofreu... Ela o amava, apesar de tudo, mas não estava disposta a abrir precedentes. De dor já bastava o lado mais pesado da balança.

Um dos prazeres do filho era falar, ainda que raramente, com os avós que ele não conhecia. Uma vez a cada dois ou três meses sua mãe discava uma ligação ou enviava uma carta. Certa vez, perguntou à mãe o motivo de ela nunca falar com o pai ao telefone. A resposta foi um suspiro.

O menino ansiava conhecer os avós. Quando completou cinco anos, Simone autorizou os tios a levarem o moleque para o Sertão. Ela não pôde ir por motivos de... Trabalho. Ao retornar, Matheus a confidenciou que até gostou do avô, mas gostou muito mais da avó porque ela não bebia.

– Alô.

– O que aconteceu, mãe?

– Seu pai está nas últimas, minha filha...

Um mês depois do enterro do pai, Simone desembarcou na rodoviária com Matheus. De bagagem, apenas uma mala. Atravessaram toda a cidade a pé até chegar na casa da mãe, no subúrbio. Na mesa da cozinha encontraram cuscuz, pamonha, biscoito de polvilho, bolo de milho, café, leite fresco, tudo o que o neto adorou comer quando visitou a avó pela primeira vez.

O abraço demorado de Simone na mãe foi o sopro de felicidade que ela não sentia na vida desde o nascimento de Matheus. Até o sono acumulado na viagem se dispersou com a afetuosa energia.

– Matheus do céu, como você espichou! Tá com quantos anos mesmo?

– Nove, vó. Já esqueceu?

– Menino, sua avó anda com a cabeça meia lelé. Não me leve a mal.

Qualquer vestígio de melancolia na casa foi desaparecendo no mesmo ritmo em que a comida foi sumindo da mesa. Estavam famintos. Conversaram sobre tudo, exceto sobre o falecido pai. Tacitamente, sabiam que o momento não era adequado.

Depois de um banho, mãe e filho dormiram até o almoço. Quando levantaram, sobre a mesa encontraram pirão de galinha caipira, prato predileto de Simone. Para a sobremesa, foram procurar frutas no quintal, costume sagrado naquela casa. Simone notou a ausência do

abacateiro logo de cara.

– Mãe, cadê o abacateiro?

– Seu pai derrubou antes de adoecer, minha filha. Disse que estava atrapalhando o caminho...

O silêncio do momento só se rompeu quando Matheus apareceu com as cheirosas tangerinas.

– Onde você arrumou isso, menino?

– Lá embaixo, perto da caixa d'água.

– Foi seu pai quem plantou antes de adoecer. Disse que havia tempo que o quintal estava sem vida, precisava de frutas novas... – disse a mãe.

Em silêncio, e no embalo do doce cheiro das tangerinas, Simone sentiu uma paz tremenda, como se o coração estivesse cheio de algo que ela talvez pudesse chamar de... Perdão?

Instantes depois, Matheus chamou-lhe a atenção:

– Mãe...

– Diga, meu filho.

– Eu já sei onde eu quero morar para sempre...



Mandacaru assombrado

CRISLLEY RIAN

A lua desapareceu, assim como os rios, os pássaros, as serpentes, os que pisavam no solo e os que voavam no ar, a vida havia acabado. O som da natureza já não se ouvia. Um silêncio se apossou daquele lugar onde foi minha morada, agora tudo é pó, cinzas. O fogo devorou o que viu pela frente até nada mais restar, veloz feito uma onça pintada que já não se ouvia rugir. As labaredas engoliram as árvores, feroz feito um jacaré engolindo sua presa. Eu só conseguia ver as chamas quase por apagar e uma fumaça negra e densa subindo em direção ao céu, quando, de repente, avistei algo que parecia ter vida, me aproximo aos poucos e reconheço aquela planta, pensei que não fosse real e a toquei para senti-la, seus espinhos afiados cortaram o meu dedo, gotas de sangue pingam no chão, imediatamente, uma flor desabrocha da planta, era branca e delicada, de uma beleza sublime, se destacou em meio ao abismo que me cercava, era a flor de Mandacaru. Logo a fumaça, inopinadamente, sobe mais fugaz para o céu que começa a cho-

rar, sentindo a dor da perda, o céu chorava na tentativa de acalmar as chamas, as cinzas dançavam a valsa da morte e o céu chorava, suas lágrimas caíam no solo preto que se embriagava naquela liquidez doce. Tudo o que o céu fazia era chorar, tudo que o chão fazia era beber o choro, e tudo que eu fazia era esperar. Eu esperei, na escuridão infinita que parecia durar a eternidade que ninguém havia encontrado, e o céu continuava a chorar, e eu esperei, até que, abruptamente, suas lágrimas secaram e daquele solo que um dia era preto, surgiu um broto, algo verde, verde como um dia todo aquele lugar já havia sido, verde, a cor da natureza, a cor da vida. O verde rapidamente começou a se esparramar pelo chão, o sol renasceu, das cinzas, a natureza ressurgiu, araras começaram a voar, as árvores cresceram tão rápidas quanto o bater de asas de um beija-flor, ficaram tão grandes que alcançavam o céu que não chorava mais, se há natureza, há a possibilidade de existir, há vida. Tudo voltou a ser como antes, os rios, as cachoeiras, frutos, animais, no entanto, algo faltava, o meu povo.

Enquanto sentia a brisa fresca em minha face, sentado na sombra do pé de angico, de olhos fechados, sinto o chão tremer, de repente. Meus ouvidos, então, são invadidos por um silêncio que me causa espanto, abro os olhos imediatamente e há uma enorme sombra cobrindo parte daquele verde, cobrindo a mim. Na minha frente, duas pernas se confundiam com os troncos das árvores, vou subindo a minha visão, percebo ser um homem, seu corpo é do tamanho dos coqueiros, sua cabeça tapava o sol, quando finalmente direciono os meus olhos para o seu rosto, ele abre a boca e dá um forte sopro, uma chama intensa sai de sua boca iluminando tudo ao meu redor e, antes que a chama me atingisse, de supetão, e com o coração acelerado, acordo.

O suor pinga do meu rosto, reflito sobre meu sonho, falta pouco para *Uaraci* nascer, decidi, então, tomar um pouco de ar fresco fora da minha pequena casa feita de taipa, quando saio, vejo Uçana, em

pé, segurando seu *matricó* com a mão esquerda, de frente para uma grande fogueira.

– Não tá conseguindo dormir? – pergunto.

– Eu vi, Aruanã, eu vi! – ele parecia bastante entesado

– Viu o quê, Uçana?

– Eu vi a flor de Mandacaru desabrochar – Uçana fala olhando fixamente para as chamas da fogueira, sem piscar os olhos.

– Que bom! – tento deixá-lo menos tenso. – Quando o Mandacaru aflora, é sinal que em breve vai chover e, talvez, isso acalme o fogo que já devora a floresta faz dias.

– Você sabe, Aruanã, você sabe que isso não é um bom sinal.

– Eu sonhei com a flor de Mandacaru e, no meu sonho, ela não representava o mal, só chuva. Uçana, quando o Mandacaru aflora, é sinal que em breve vai chover.

– Sonhar é diferente de ver, eu vi o exato momento em que ela desabrochou, ali no canto – o jovem aponta para um agrupamento de cactos próximo a nós. – Isso é o prenúncio de algo ruim. Um mau presságio.

– Algo ruim já está acontecendo, olha *toe* engolindo as árvores, causando as chamas – digo enquanto observamos o meio da floresta que nos cercava ser destruída pelo fogo. – Saber que, em breve, será o novo pajé da aldeia tá te deixando tenso.

Uçana era um jovem rapaz da aldeia, sua beleza estonteante me encantava, desde que era um *canomim*, tinha uma forte conexão espiritual com a natureza. Begê, o pajé da aldeia, sempre passou seus ensinamentos para ele. Eu não quis contar do meu sonho para não o preocupar.

– Dentre todas as histórias que Begê me contou, a do Mandacaru foi a que mais me intrigou.

Uçana, então, começou a me contar uma história, a lenda do Mandacaru:

“Há muito, muito tempo atrás, existiam dois jovens, de duas aldeias diferentes, se conheceram pescando no mesmo rio e se apaixonaram, sempre se encontravam ali para se amarem, iluminados por Uaraci, ou agraciados por Iraci, os encontros eram frequentes. Em uma manhã, desconfiado da quantidade de vezes que a filha saía sozinha pela floresta, o pai da moça a seguiu. Enquanto os dois jovens se beijavam no rio, o pai saiu de dentro da mata com uma lança na mão, ao perceberem a presença imponente e enciumada daquele homem, o rapaz se adentra correndo pela floresta, o pai da moça o segue, sua filha corre logo atrás. O rapaz correu tanto que perdeu o fôlego, olhou para trás na intenção de ver a distância que o pai da moça estava dele, quando olhou para frente novamente, esbarrou em um tronco de uma árvore e caiu no chão. O pai da moça logo se aproxima e aponta a lança para o peito do rapaz caído. A moça agarra o braço de seu pai e, com toda a sua força, empurra-o para longe, ela, em seguida, levanta o seu amado. O pai logo fixa o olhar no rapaz, levanta o braço e, com um semblante feroz, atira a lança em direção ao amor de sua filha que, ao ver o que seu pai tinha feito, imediatamente, abraça seu amado, desesperada, olhou no fundo dos olhos dele e sentiu a lança atravessar seu coração, a lança cravou nos dois corpos, juntando-os, tornando-os um só. Caídos no chão, seus sangues se esparramaram, uma gota cai do olho da moça direto no sangue misturado dos dois, e, enquanto o pai os observava, algo começa a surgir do chão, o homem se as-

susta. Era algo resistente, comprido, com seus troncos cobertos de espinhos, era o Mandacaru. De repente, uma flor desabrocha daquela planta e tudo muda, uma chuva forte começou a cair do céu e o homem, com medo e com remorso, volta para sua aldeia, no entanto, a chuva não parava e, pouco tempo depois, a família do rapaz o encontrou morto e, assim, começou uma guerra sangrenta entre as duas famílias. O Mandacaru, que significa árvore que tem espinhos, se disseminou por toda parte, os espinhos para proteger o amor daqueles jovens, para que ele não fosse mais ferido, a flor eternizava esse amor, mas nossos ancestrais diziam que toda vez que a flor desabrochava e alguém via, era o prenúncio de uma desgraça, como se os dois jovens estivessem tentando avisar e evitar que uma tragédia, igual à deles, acontecesse”.

Os deuses criaram o Mandacaru assim, com essa função. Refleti mais sobre tudo.

– E eu vi, Aruanã, eu vi a flor desabrochar! Poucas pessoas aqui viram e, nessas poucas vezes, algo sempre acontecia, algo ruim – disse Uçana, preocupado.

– Eu sonhei que tudo isso estava destruído, será que tem algo a ver com a flor que desabrochou? – perguntei.

– Seus sonhos geralmente são sinais, têm significados, você sabe disso!

– No meu sonho, o Mandacaru trouxe a chuva e apaziguou o fogo.

– Pequeno Aruanã, se atente aos sinais que os espíritos da floresta nos mandam.

– Mas Uçana, quando o Mandacaru aflora, é sinal que em breve vai chover.

– E quando alguém vê essa flor desabrochar, é sinal que algo ruim vai acontecer.

– Então, o que a gente faz agora? Você tem razão... os espíritos da floresta estão nos mandando sinais, a floresta está pegando fogo, o meu sonho e você vendo a flor de Mandacaru, pensando melhor, tudo parece ter uma ligação. O que vamos fazer, então? – Espero uma resposta de Uçana, ele, porém, permanece em silêncio por um tempo.

– Eu não sei, eu deveria saber, mas eu não sei – ele parecia confuso.

– Calma, você ainda está na iniciação para se tornar, de fato, um pajé. Existem coisas que não estão ao seu alcance – tento acalmá-lo

– Avelin virou *maci* e se adentrou na floresta para descobrir a causa do incêndio. Talvez a flor tenha sido um sinal de que algo ruim possa ter acontecido com ela.

– Se ela não voltar até o *toré*, irei atrás dela! – respondo. Uçana, de repente, segura minha mão direita e, enquanto a aperta fortemente, olha nos meus olhos.

– Não faça isso! É perigoso, *toe* está se alastrando rapidamente, em breve, há de chegar aqui na aldeia. Há algo que não conhecemos dentro da floresta. Algo ou alguém.

Uçana era realista e eu otimista, éramos a antítese um do outro, eu com minha pele clara tal qual a de um *urucu*, ele com um marrom forte e vívido; eu com meu cabelo curto, ele com o

cabelo quase na altura dos ombros; eu delicado feito um *guaipú*, ele solitário e voraz feito *foiaça*; apesar das nossas diferenças, sempre fomos próximos. Ele me conduzia com a sua sabedoria, eu o acalmava com o meu otimismo. “Quando o Mandacaru aflo-
ra, é sinal que em breve vai chover” assim eu tentava convencer Uçana de que a origem do Mandacaru era só mito, mas ele viu o desabrochar da flor, e, para piorar, *Uaraci* nascia, mas Avelin ainda não tinha voltado. Avelin era uma moça alta com várias pequenas pintas espalhadas pelo seu corpo, no final da tarde do dia anterior àquele, tinha se transformado em *maci*. Era comum Avelin ir para dentro da floresta e sumir por dias, mas todos os sinais diziam que algo ruim poderia acontecer ou já ter acontecido.

– Melhor você ir dormir, temos o *toré* mais tarde. Vamos Esperar! Esperar Avelin voltar com uma caça, esperar a chuva cair do céu e apagar *toe* antes que *toe* nos apague. Depois vou conversar com Begê – disse Uçana, embaralhando as palavras por conta do *matricó* em sua boca, enquanto acariciava lentamente a minha mão. – Tenho medo de sermos destruídos assim como a mata. Se *toe* não apagar, nós seremos apagados, e quem se lembrará? Quem vai contar a nossa história? Quem vai falar sobre as danças dos *Praiás*, sobre nosso saboroso *caxixi*, sobre o *porrú*, sobre a jovem moça que vira *maci*, a pintada, sobre o belo jovem que recebe sinais através dos sonhos, sobre mim, sobre nosso povo, sobre a nossa cultura, sobre o *toré*, sobre o Mandacaru e mais outras histórias? Quem? Quem vai manter viva na memória coletiva a existência dos nossos ancestrais?... Quem,

Aruaná? Quem vai falar do amor entre um jovem rapaz otimista e um futuro pajé?

– Nós! – meu coração dispara quando Uçana menciona nós dois, nunca assumimos o que sentíamos. – Sempre existirá um de nós para lembrar dos outros.

Eu me sentia bem ao lado dele, mas, segui seu conselho e fui dormir logo em seguida, porém, decidido que iria atrás de Avelin caso ela não voltasse para a aldeia.

Enfim, me deitei, meus olhos pesados se fecham por completo, até que, de supetão, abro-os logo depois. Acordo em um chão preto e quente, como se eu estivesse deitado em um vulcão, uma fumaça me cercava, me levantei e não conseguia enxergar nada, caminho, desesperado, até que me deparo com Uçana segurando, com as duas mãos, seu próprio coração ensanguentado, seu peito está todo aberto, o sangue escorre, ele se aproxima de mim lentamente e me entrega seu coração que ainda estava batendo, em seguida, subitamente, vira cinzas e se vai com o vento, delicado feito borboletas voando em grupo. No mesmo instante, o coração começa a inflar feito um balão em minhas mãos, infla tanto, mas tanto, que explode e se transforma em milhares de pequenas pedras amarelas que alguns antigos, distantes do meu povo, chamavam de *itáyuba*.

A manhã na aldeia estava tensa, todos percebiam que *toe* estava mais próximo, mas tentavam não pensar naquilo, não era a primeira vez que labaredas invadiam a floresta. Avelin não havia voltado. Eu não conseguia encontrar Uçana em meio àquele dia nublado. Todos se preparavam para o *toré*, o *anjucá* já estava pronto, algumas mulheres finalizavam cestarias e *aiós* feitas com palha do ouricuri, outros já estavam devidamente prontos para o *toré*, usando *cateoba* e chapéu,

segurando seus *coités* feitos de cabaças, com seus *quaquis*, feitos com raiz de juremeira, na boca, alguns com mantos amarrados na altura dos ombros, feitos de fibras de caroá, enquanto eu, estava esperando tudo começar para ir atrás de Avelin, a felina pintada. Não demorou para que meu povo formasse um enorme círculo, em seguida, começaram a rodar e chacoalhar seus coités enquanto cantavam um toante em um coro forte que abafava o cantar dos pássaros:

“... Sou índio de Serra Negra, eu sou Caboclo-de-Pena, eu venho fazer penitência, tomando o vinho da jurema. Bota na cuia, que eu quero beber, mas, depois de beber, eu balanço o maracá, meu maracazinho, é bem miudinho, ô, forga caboclo, forga bem devagarinho”.

Sem que ninguém percebesse, comecei a me afastar lentamente, sem olhar para trás, o toante continuava, até que, repentinamente, ele cessa, os pássaros voltam a serem ouvidos, dessa vez, com um cantar fraco, quando olho para trás, vejo várias pessoas vomitando. O *toré* foi interrompido por conta do vômito em massa. Não demora muito para que o pajé Begê pegue algumas ervas medicinais para tentar parar aquele vômito em sincronia, corro na direção dele para ajudá-lo, já que Uçana não estava por perto.

– O que pode ter causado tudo isso? – pergunto.

– A floresta está pegando fogo há dias e o fogo está quase chegando até nós, animais estão entrando na aldeia como se estivessem fugindo de algo, agora o *toré* é interrompido por esses vômitos horas depois da água recém trazida do rio ser bebida por nós, o corpo colocou pra fora para nos resguardar, antes que o mercúrio tomasse conta. – disse Begê, enquanto preparava uma bebida com as ervas.

– Mercúrio? – pergunto assustado.

– Usado por garimpeiros. Tudo que está acontecendo com a natureza, agora tem uma explicação: os garimpeiros voltaram a destruir a floresta! A destruição da floresta, leva à destruição de nosso povo, de

nossa cultura, o toré foi só o início – conclui Begê.

– Vamos falar com o Cacique Kayrrá para sairmos da aldeia antes que toe invada.

– Nossos ancestrais *Kambiwá* se viram obrigados a saírem da Serra Negra no passado. Esse lugar aqui nos pertence, a maldade humana não nos fará sair, é aqui onde existimos e resistimos... é a nossa morada, a floresta precisa de nós. Vi que o Mandacaru aflorou, logo *jehuá* cai do céu e *toe* se acalma – diz Begê, quase finalizando a bebida feita com as ervas. – Não podemos dar o que esses garimpeiros querem, nossa terra, nosso lar.

– Então há mesmo garimpeiros destruindo a mata? – pergunto preocupado.

– Muito provavelmente, rapaz!

– Então Avelin corre perigo!

Naquele momento percebi o que a flor tentava avisar, o que meus sonhos significavam. Seria o fim do meu povo? Meus olhos viram rios que pelejam para não desaguarem. Eu, então, me viro e corro em direção a mata, mas paro rapidamente. Vejo, de longe, Uçana sair de dentro da floresta segurando Avelin no colo, nua, as pintas espalhadas pelo seu corpo pareciam maiores, sua pele era de um tom opaco de amarelo-dourado, seus cabelos estavam ensanguentados e, na sua barriga, havia um pequeno buraco, de dentro dele, o sangue dela derramava feito cachoeira, molhando o solo. Todos da aldeia ficaram sem saber o que fazer. Corro um pouco e chego perto de Uçana que, em prantos, estende o corpo da jovem *maci* no chão, próximo a um agrupamento de cactos.

– Encontrei ela em uma parte da mata com árvores derrubadas por toda parte, um enorme buraco no chão, cheio de pequenas poças de água e vários homens extraíndo ouro. Peguei o corpo dela e consegui despistar os homens que me seguiam. Diziam que ela tentava

devorá-los, mas Avelin não faria isso – diz Uçana trêmulo. As pessoas da aldeia pegam o corpo de Avelin. De olhos fechados, abraço Uçana unindo nossos corpos.

– Você está ferido? – pergunto. Uçana está de costas para a mata, eu de frente.

– Pequeno Aruanã, há uma coisa que eu quero fazer há muito tempo, não quero morrer antes disso.

Uçana, delicadamente, começa a acariciar o meu rosto, logo pega a minha mão e a leva até o lado esquerdo de seu peito, sinto o seu coração bater; lentamente, ele aproxima seus lábios à minha face e os entrelaçam junto aos meus, sinto a maciez de sua boca beijando a minha, o afago me fez esquecer de tudo, o cheiro forte de fumaça não me incomodava mais, nossos lábios dançavam juntos sem se desgrudarem, até que, sutilmente, abro os olhos e, de longe, vejo um homem saindo de dentro da mata, a penumbra serena da floresta escondia os outros, Uçana e eu sabíamos o que estava por vir, de longe, conseguíamos ouvir o homem resmungar, a morte estava à espreita.

– Tenta destruir meus ouro e acha que vai fugir? Me chamam de Gutem Nader, matador de índio, por um motivo!

O homem acaricia, suavemente, o gatilho de seu rifle, nuvens pretas invadem o céu, mas eu e Uçana continuamos com os lábios entrelaçados, nossas respirações se confundiam, minhas mãos passeavam pelo seu corpo, Uçana, maviosamente, acariciava meu rosto, e aquilo durava, sentia a graça dos espíritos da floresta, e nossos lábios dançavam, até que, repentinamente, o homem aperta o gatilho.

O som do disparo ecoa na mata, um sibilo agudo que assusta as aves pousadas nas árvores próximas dali. Uçana me abraça, somos um só corpo, a bala logo atravessa nossos peitos, como a lança na lenda que ele havia contado, tudo durou segundos que mais pareciam uma eternidade, nosso sangue suja a flor do Mandacaru que estava perto,

caímos imediatamente no chão, todo o meu povo começa a correr, desesperados. Eu e o belo jovem estamos no chão, um do lado do outro, de mãos dadas. Uçana, de olhos abertos, avista o céu que, ligeiramente, começa a chorar, a chuva nos molhava enquanto o homem se aproximava. Uçana não pisca os olhos, não se mexe. Uçana não respira. Nosso sangue cobre nossos corpos e mistura-se com as doces lágrimas do céu. O homem, então, para na minha frente, enquanto estou caído, se engrandeceu, quase toca o céu, ele, grosseiramente, aponta o cano de sua arma para a minha face, eu a viro e olho novamente para Uçana que continua de olhos abertos, observando *Jehuá* nos molhar, seu coração já não bate mais, já não é mais meu. Como se ele ainda pudesse me ouvir, com dor, pesar e bastante dificuldade, encosto os meus lábios em seu ouvido e, quase sem respirar, sussurro: “Viu, Uçana? Quando o Mandacaru aflora, é sinal que em breve vai chover”.



A vida também é sobre ter coragem de comer uma cascavel inteira

LUZIA MARIELLE FERREIRA DA SILVA

Malandra. Quando era criança, engoliu uma moeda de vinte e cinco centavos e expeliu no outro dia como se nada fosse. Também quebrou o braço e encanou com bosta de galinha. Na adolescência, astuta, desapareceu por três dias, pegou o trem de penetra e andando de vagão em vagão para não pagar passagem foi parar na capital da Bahia.

De outra feita, pulou de cima de uma árvore em praça pública amassando um carro. Na política, era participativa, andava com uma panela velha e na passeata ia atirando a panela no chão. Era um modo de dizer que a “panelinha” não ia acabar. Sim, ainda por cima era criativa, isso é inegável.

Andava no bar de Cacau, um homem cego de um olho que vendia chumbinho de espingarda. Certa vez, confraternizando em seu esta-

belecimento decidiram cozinhar uma cascavel. Roque se habilitou à tarefa, excelente gastrônomo, preparou com afincos o animal. Deixaram o aperitivo esfriando e na volta encontraram o gato do dono do bar morto, pois degustou primeiro o prato. Que sorte meus amigos, que sorte!

Báu, assim podemos chamá-la, vivia a vida. Uma vida que se apresentava difícil, cheia de limitações econômicas e familiares, de defasados e falta de oportunidades. Começou a trabalhar com doze anos e cuidando dos filhos dos outros, lavava fraldas sujas na beira do tanque em troca de um prato de comida. O pai havia abandonado a família de cinco irmãos e irmãs contando com ela. Mas ela se vingava. O velho, meu avô, que antes não era tão velho assim, tinha um brega só para ele, grande empreendedor, o safado. Báu, indignada, roubava os batons e roupas das mulheres fiéis à casa. Seu pai dizia: – a pior desgraça foi ter tido essa menina! Dizia isso porque somente ela tinha coragem de peitar o pai, cobrava-lhe o que era devido: dinheiro para a comida, para a feira, para o sustento dos irmãos e mãe. Só ela o fazia, só ela tinha a ousadia, a displicência e a coragem de fazer o que tinha que ser feito.

Andava em festas, bailes de carnaval, adorava marchinhas, era foliã original. Chegou a ser presa um dia, foi pega fazendo xixi na rua. Levada à delegacia logo foi solta, o soldado, hoje meu padrinho, era frequentador assíduo do bar de Cacau, era conhecido das andanças, das farras e das madrugadas. Báu cheirava lóóló, usava mortalha, se entorpecia. Seguiu a marcha: cantando, bebendo, comemorando. A vida era dura, era preciso festejá-la, viver era necessário.

Se apaixonou muitas vezes, todas as paixões não deram resultado. Báu era livre demais, solta demais, independente demais. Não havia homem que botasse cabresto. Havia um bar na cidade, era na verdade uma discoteca, não era um local bem frequentado, as mulheres que lá

dançavam não eram consideradas boas moças, os rapazes, por sua vez, garanhões. Báu era quase sócia do estabelecimento. Dançava, virava noites, dava trabalho à sua mãe, minha avó. Existia nela uma certa rebeldia, um certo desprezo pelas regras, convenções e pela moralidade. Afinal, que moralidade ela conhecera? O desprezo e desrespeito do pai perante sua mãe e sua família, a miséria, a humilhação, a juventude perdida. Os sonhos abortados não davam a ela outra escolha a não ser rebelar-se. Rebelava-se.

Um dia, voltando da discoteca, um de seus namorados a deixou em casa. Esperta, escondeu-se. Na primeira oportunidade, voltou ao bar. Foi para se divertir, a noite não havia acabado, havia muito o que aproveitar. Mas para sua surpresa, ele também estava lá, também havia retornado, queria curtir sozinho um pouco mais. Foi arrastada para casa, recebeu puxões de cabelo, levou pontapés, recebeu injúrias que não merecia. Ele podia voltar, era seu direito, Báu não. E assim suas paixões foram abrindo feridas, deixando marcas, construindo uma visão equivocada do amor. Fechava-se cada vez mais em si mesma, lutando pela vida sozinha, sem a ajuda e o devido reconhecimento da família e da sociedade, que a via como petulante, vagabunda e transgressora.

Formou-se. Era, sobretudo, inteligente. Pagou o vestido de sua formatura à prestação, esqueceu quantas vezes fez a unha da costureira como forma de pagamento. Na escola, não tinha material escolar, virava-se como podia. Esforçava-se. E a noite, bebia, dançava, e aos finais de semana preenchia os bares com sua presença, todos a notavam lá, porém era invisível na escola, na labuta e no esforço diário de ser gente. Destacavam a sua indolência, comentavam sobre sua depravação, mas ignoravam suas qualidades. E assim, sua potencialidade era cada vez mais diminuída, soterrada. Entretanto, Báu continuava resiliente.

Teve seu primeiro filho, um menino. Esforçou-se para compor o enxoval, deu a ele o que não tinha, mas não entregou sua liberdade. Continuava a beber, a se divertir na rua, a estar com os amigos e a virar madrugadas. Minha vó a recriminava: – Irresponsável, não cumpre seu papel de mãe! Esforçou-se novamente, virou professora. Pagava suas contas, sustentava seu filho, sua mãe e seus irmãos. Seguia-se às críticas: – Irresponsável, onde já se viu andar em festas, chegar bêbada em casa. Esforçou-se um pouco mais, colocou o menino em escola particular, comprou-lhe os materiais escolares, o deixava sempre bem vestido. E nada disso importava, só os títulos que há muito tempo já eram seus: bêbada, descuidada e uma mulher que não se dava o devido respeito.

Teve seu segundo filho, uma menina. Deu-lhe o nome de Bárbara. Promessa, nasceu doente, coitada. Não comia, não mamava, não defecava. Em uma visita após o parto, uma vizinha comentou: – não vinga, essa criança não dura. Durou, e é quem aqui escreve. Que fala de Báú, sua mãe, essa que na rua fez morada, que brincava carnavais, andava em bares e escolas, ensinava e aprendia. A que tirava coragem de onde não se podia tirar nem mesmo, aos olhos de toda gente, alguma credibilidade.

Um dia, o inesperado aconteceu, seu pai regressou. Não tinha mais mulheres, seu corpo estava cansado apesar de suas mãos ainda trabalharem muito bem, era mecânico. Bateu a porta, sentou-se à mesa, instalou-se. Não pediu permissão para ficar, a casa era sua, tê-la abandonado não significava que tinha perdido o direito sobre ela, ao contrário, era homem, e aos homens pertencem os bens. Era obrigação de Báú recebê-lo e ela assim o fez. Ajeitou o quarto do fundo, arrumou sua cama e deu-lhe de comer. E assim o fez até a sua morte.

Lavava suas roupas, fazia sua comida, cuidava da sua saúde. Obrigava-o a escovar os dentes e a tomar banho. Ele retornou à sua

casa, mas a autoridade já não lhe pertencia, engolia a seco sua arrogância a cada gesto de cuidado que Báu lhe concedia. Dobrava-se, estava velho e sozinho. Recebeu de Báu o que nunca soube lhe dar, encontrou em casa o que jamais viu nela. E a cada dia ia vivendo, os dois, cúmplices de uma vida que não se explica, mas que se aprende. Ela administrava seu dinheiro, orientava suas ações, caindo doente, ajudava a curar suas feridas. E ele dobrava-se cada vez mais, no começo, com certa resistência, mas com o decorrer dos anos, por respeito e gratidão. Foi-se o tempo em que Báu era desgraça em sua vida, ela agora era benção. Os títulos que há muito tempo lhe eram seus: bêbada, descuidada e uma mulher que não se dava o devido respeito foram caindo por terra, um a um, não sobrando firmamento sobre o qual pudessem fincar julgamentos.

Báu envelheceu, aquietou-se. Eu costumo pensar em como suas memórias trabalham agora, porque li em algum lugar que memória é trabalho, então tenho me perguntado, como tem trabalhado as memórias dessa personagem tão ilustre? O bar de Cacau já não existe mais, porém, sentada na praça comendo acarajé em frente ao local onde era o bar, a memória de Baú trabalha, trazendo ao presente momentos felizes, histórias de uma juventude contraditória, mal e bem vivida.

Vez ou outra, seu instinto de liberdade revive, e nessas horas sempre acaba visitando um bar aqui e acolá. O tempo passou, já não anda mais por aí com os talões do jogo do bicho, agora utiliza a maquininha, não mancha mais suas mãos com o papel carbono. As noites já não a guiam até a discoteca, o baile de carnaval está morto, já não é mais necessário encanar o braço com bosta de galinha. Seus filhos estão bem criados, sua família ainda é a mesma, exceto pelos que já se foram. Ela ainda cruza com seus amigos do passado, soltam boas gargalhadas, eles continuam a lhe pedir palpites no jogo, berram do

mesmo jeito, fazem as mesmas piadas, e recordam do passado, de um passado em que ela nunca foi coadjuvante.

A narrativa mudou de configuração. Báu já não é mais petulante, vagabunda e transgressora. Conquistou sua credibilidade, não daqueles que outrora não a deram, mas daqueles que hoje a merece. Escreveu sua história e não deixou que os outros o fizessem, além de mim, sua filha. Báu ainda encontra coragem onde não se pode encontrar quase nada, envelheceu e foi testemunha da passagem do tempo, mas quase nada mudou. As memórias sobre suas paixões continuam a lembrá-la das feridas que elas causaram e ela ainda se fecha em si mesma lutando por uma vida na qual ela é senhora de seu destino e de seu tempo.

Outro dia me peguei lembrando de Báu, não de minha mãe. Apreciando sua grandiosidade e sua capacidade de se tornar uma grande personagem. Dessas que encontramos nos livros, nos contos e que tem uma história que vale a pena ser contada. Que personagem, não? Às vezes me dou a oportunidade de me imaginar sendo ela: correndo livre entre os vagões do trem, dançando na noite, habitando bares e com a coragem suficiente de comer uma cascavel inteira, se assim me viesse a vontade de fazer. Sem se preocupar em quanto veneno destilam as pessoas ao nosso respeito sem compreender a nossa história, apenas lendo seu título.

Continuo me flagrando cotidianamente a citar e a referenciar minha mãe em meus diálogos e vivências. Faço isso naturalmente, pois diante da vida, Báu sempre se mostrou sagaz, esperta, vulgar, invicta. Não tem um dia sequer que eu não a cite ou que não lembre de algo que ela tenha falado diante de alguma circunstância da vida, e que por isso mesmo me marcou. Ela sempre disse coisas do tipo, “da escola de malandra eu fui expulsa”. Coisas bobas, na maioria das vezes engraçadas, mas carregadas de sabedoria.

Engraçado, a história se repete. Com nuances diferentes, pessoas diferentes, em locais diferentes, mas com a mesma carga histórica e social. Me lembro de quando eu era criança e sobre mim pairava o peso de ser filha de minha mãe. “Vai ser igual”, “não tem futuro”, “não vai para a frente”. E novamente, ignoravam o meu potencial, destacavam minha indolência, comentavam sobre minha depravação, mas ignoravam minhas qualidades. E assim como minha mãe, minha potencialidade era cada vez mais diminuída, soterrada. Entretanto, eu continuei resiliente. Dou-me conta de que essa história é também sobre mim. É uma história sobre gerações.



Gaiola mental

KAMILA DOS SANTOS

Ouçõ passos.

Passos muito apressados. Passos muito pesados que são acompanhados de um zumbido que eu poderia assemelhar a sussurros, mas não consigo identificar sequer uma palavra. Faz cerca de uma semana que sou acordada todas as madrugadas com movimentações estranhas no andar principal da casa, acima de minha cabeça. Faz também uma semana que passei a desobedecer às ordens de papai que eu costumava seguir religiosamente desde os meus oito anos de idade: tome os remédios nos horários certos, não olhe pelas frestas das portas, não faça muitas perguntas e principalmente não tente subir ao andar de cima.

Meus olhos que estavam vidrados no teto de madeira manchado de mofo se moveram para a porta branca com marcas de crescimento entalhados. Atiro o cobertor gasto para o lado e me sento no colchão, um estremecimento percorre meu corpo quando meus pés descalços

tocam o assoalho frio, e então com passos hesitantes me aproximo da porta até que meu ouvido fique prensado com força contra ela. Aguço minha audição como tenho feito todas as noites para tentar identificar alguma palavra e como antes, não obtive sucesso.

– ... *sairemos daqui?*

Puxo o ar com força quando ouço uma voz feminina abafada. Finalmente. Alguma pista do que pode ser toda essa movimentação. Mas espera, *sair?*

– *Logo, não posso correr o risco de...* – não consegui entender a metade das palavras ao fim da frase, é como se a voz fosse diminuindo tons propositalmente. Mas eu conheço essa voz: é papai. O que está acontecendo?

– *Mas e ela? O que faremos?* – estranhamente a voz está ficando mais alta, como se chegasse... perto. Ah droga, eles estão vindo para cá.

Corro na ponta dos pés para que as madeiras velhas não façam barulho e me deito novamente, de costas para a porta e me cubro tentando controlar minha respiração para que fique semelhante ao estado de sono profundo. Suavizo minha expressão no mesmo momento em que eles entram pela porta.

As vozes agora estão claras apesar de baixas.

– ... Posso correr o risco de que descubram sobre ela. Ou que ela mesma tome conhecimento da verdade. – Papai tem algo de transtornado na voz, algo entre o medo e a raiva.

– Você melhor do que ninguém sabe que isso não será fácil. Ela não é mais uma criança que pode ser carregada de um lado para o outro, *Clarice* cresceu... – Clarice? Um estranho sentimento de familiaridade enche meu peito ao ouvir o nome.

– NÃO A CHAME ASSIM – inevitavelmente eu pulo na cama com o susto do grito de papai, felizmente não abro os olhos ou me levanto.

Ele parece perceber o erro que cometeu e repete baixinho: – Não a chame assim, o nome dela é Annelise.

– Por favor tome cuidado com o tom de voz, você irá acordá-la e não podemos pôr tudo a perder. Você já a viu, deixe que ela durma e vamos subir para liberar os outros e podermos descansar também. – A mulher sussurra e então ouço passos arrastados para fora do quarto seguido do clique da porta.

Uma. Duas. Três. Quatro. E cinco. Papai tranca as cinco fechaduras do lado de fora da porta e então os passos se tornam mais e mais abafados até que somem no ar, espero mais alguns segundos até me sentar abruptamente na cama novamente.

Mas o que diabos está acontecendo nesta casa? Passo as mãos por meus longos cabelos, me jogo novamente na cama e há tanto se passando em minha cabeça que sequer noto quando fecho os olhos e adormeço.

Quando abro os olhos novamente, há um peso inexplicável sobre meus ombros: os últimos cinco dias após aquela noite foram cheios de barulho, passos, doses mais fortes de remédio que não consegui evitar e um sentimento constante de perigo e desespero que emanava de papai que aumentava mais cada vez que eu o via. Felizmente agora eu sabia o porquê de algumas coisas: as pessoas que tentaram me tirar dele algumas vezes no passado haviam voltado e viriam novamente atrás de nós, então precisamos nos mudar para mais longe dessa vez e com mais cuidado ainda.

E o dia da mudança é hoje.

Sentada no chão, observo a pequena caixa de papelão onde guardei os poucos objetos que me pertenciam: uma caneta preta e alguns pedaços de carvão amarrados com uma liga de cabelo, um caderno de desenho onde eu anotava sobre meus dias aqui embaixo e também desenhava para passar o tempo, um relógio de bolso quebrado com

os ponteiros parados eternamente às 7h17 da manhã e for fim um laço de fita que um dia fora rosa e agora se assemelhava mais a um bege monótono. Não tenho permissão para levar nada além disso, e papai me disse que não precisarei levar minhas outras duas mudas de roupa pois assim que chegarmos na nossa Casa Para Sempre ele me comprará as peças mais bonitas do mundo.

Meu pai dizia com frequência que a Casa Para Sempre é o lugar mais seguro do mundo, onde ninguém poderá me fazer mal ou tentar me tirar dele novamente, seria um lugar onde não existiriam remédios, regras ou trancas nas portas. Eu poderia ser livre para sair e não teria medo de alguém entrar.

Se nós estaremos seguros lá, então porque existe algo dentro de mim que grita para que eu não saia deste quarto? Porque minha mente continua me fazendo querer vomitar os comprimidos que me fazem tão bem? Porque o amor que eu sentia por papai vem se tornando um receio esquisito dentro de meu peito? Se tudo isso é verdade, porque eu insisto em ver apenas mentiras?

A porta se abre de uma vez e recuo até minha cama assustada, o homem grande entra com uma bandeja de comida na mão e deposita na mesa velha ao lado de onde estou sentada.

– Veja querida, fiz sua comida favorita para ser sua última refeição neste lugar – ele abre um sorriso e os dentes amarelos surgem por entre os lábios ressecados e a barba branca longa demais.

Olho para o prato: duas fatias de pão estão no prato, uma coberta com geleia de uva e outra com sardinha enlatada e gordurosa, o copo está cheio de suco de toranja e no fundo consigo ver o residual do pó que papai usou para prepará-lo. Esta não é minha comida favorita, na verdade eu a odeio, mas continuo comendo e concordando para não aborrecer o homem que me criou desde os oito anos de idade. Entretanto dessa vez eu discordo:

– Esta não é minha comida favorita papai, é a sua. A minha favorita é macarrão com almôndegas caseiras, mas o senhor nunca faz para mim – apesar de baixa minha voz sai firme.

Ao ouvir minha fala seu semblante muda, e suas mãos que antes estavam apoiadas na cama voam para o meu pescoço me puxando para bem perto do seu rosto quando ele fala: – Fiz o favor de cozinhar para você SUA comida favorita antes de viajarmos pois achei que seria muito difícil viajar sem nada no estômago, mas vejo que seu castigo por espionar não adiantou de nada. Você continua decepcionando e magoando o papai.

As mãos grandes apertam tão forte meu pescoço que me falta o ar, as lágrimas descem por meu rosto e minha visão começa a escurecer. Ele afrouxou o aperto.

– Você não terá uma última refeição. Viajará com fome e apenas se for comportada deixarei que coma algo quando chegar na Casa Para Sempre. Sairemos em algumas horas.

Papai me joga no chão e em seguida pega a bandeja com comida saindo sem falar mais nenhuma palavra. Tento puxar o ar para respirar, limpo meu rosto molhado com lágrimas e me lembro de quatro dias atrás quando adormeci próximo a porta enquanto tentava ouvir mais alguma coisa, e na manhã seguinte quando papai abriu a porta me viu. Ele me castigou como nunca antes, usou o cinto novamente em mim depois de muito tempo e me privou de comer como um castigo pela minha insolência. E eu realmente costumava entender os castigos e surras, até agora, até não entender mais. Até sentir vontade de revidar cada ação degradante que me aflige.

Será que há algo de errado comigo?

Eu não sei. Sequer sei quanto tempo passei sentada no chão com as mãos ao redor do pescoço ainda sentindo seu aperto firme, apenas

percebo que o tempo passou quando um barulho muito forte, como o de algo grande caindo no chão soa do andar de cima.

O barulho é seguido de gritos fortes, ininteligíveis para mim. E então pequenas explosões. *Pá, pá, pá*. E então de novo: *pá, pá, pá, pá*. Meu coração acelera tão forte que dói em meu peito, as pessoas ruins vieram me pegar? Eles são piores que o papai? Deus, não permita que pessoas tão más ponham as mãos em mim, não sei se aguentarei. Me arrasto até o canto do quarto minúsculo e me enrolo em torno de mim mesma, pressiono as mãos em meus ouvidos a fim de abafar os ruídos agudos de explosão e os gritos graves e dolorosos.

Por favor, faça parar. Por favor. Por favor. Por favor.

O caos se estende por minutos – ou talvez horas. E então para abruptamente, alongando um silêncio que toma conta desde meus ossos até os pelos de meu corpo. Mais tempo se estende até que passos reverberam pela casa acompanhado de vozes que desta vez soam mais calmas e baixas. Ah céus, será que papai está bem? Será que as pessoas ruins o pegaram? Ou ele as venceu?

Uma urgência surge em meu peito ao mesmo tempo que uma voz exclama no fundo da minha mente “*grite por ajuda*”, e eu não sei porque, apenas obedeço.

– Oi? Socorro! Papai, você está aí? – os passos se aproximam mais, em uma constância que demonstra hesitação.

A voz na minha cabeça exclama novamente: “*mais alto*”. E eu repito imediatamente, me aproximando da porta branca: – SOCORRO! ESTOU AQUI, POR FAVOR ME AJUDEM ME TIREM DAQUI.

Passadas apressadas, realmente estão vindo. Eu grito novamente. Deus por favor não sejam pessoas ruins, mas por favor acima de tudo que não seja o papai.

– Tem alguém aqui dentro.

– Não é possível. Outra? Quantas crianças esse maníaco estava

mantendo aqui esse tempo inteiro? – a voz brava de um homem soa em volume alto.

– Mandem uma caixa de ferramentas para o porão, temos outra vítima. – A voz endurecida da moça se suaviza e suas palavras agora são dirigidas a mim. – Oi querida, meu nome é Andreia e estou aqui para te ajudar tudo bem? Você pode ficar calma agora e parar de gritar, nós vamos te tirar daí.

Somente agora eu percebo que não parei de gritar por ajuda desde que comecei, percebo que minha garganta arde e lágrimas molham meu rosto. Sou uma bagunça de desespero, alívio e medo.

– Você pode me dizer seu nome e sua idade? – a mesma mulher me questiona.

Forço minha mente para a superfície novamente antes que me perca em delírios e respondo: – Papai me chama de Anne ou Annelise, não sei a minha idade.

– Tudo bem *Anne*, nós vamos te tirar daí agora ok? Pode se afastar da porta por favor? – respondo um sim baixo e ando até minha cama, me encolhendo em mim mesma.

Anne, eu nunca senti que esse nome fosse meu, ou que qualquer uma das coisas que papai falasse sobre mim e meus gostos fossem verdades. Não, algo dentro da minha cabeça sempre repetia que nada desse lugar pertencia a mim, que a minha casa não era esse cubículo minúsculo com um colchão fino no chão que usava de cama, uma privada sem tampa encardida e uma pia que era usada para tomar banhos. Que as surras e os castigos não eram formas de amar e educar, ou que as noites que *papai* passava comigo não eram normais. Minha mente repetia que um homem que me levou da porta da escola com oito anos de idade não podia ser meu pai.

A minha mente repetia em loops memórias boas da minha infância: das idas ao parque de diversão, das brincadeiras com outras

crianças na rua ao fim da tarde, dos bolos deliciosos que vovó fazia, das viagens ao campo, das noites de cinema em família. Da minha *verdadeira família*: mamãe, minha irmã Daiana e meu irmão Henrique, do meu *papai*. O homem que era meu herói, meu protetor, meu melhor amigo, o homem que cozinhou macarrão com almôndegas todas as vezes que eu estava triste, que me deixava comer a sobremesa antes do almoço e me botava para dormir com uma história diferente e fantástica todas as noites. Que saudades deles. Eu só quero voltar para eles, para minha família, para o meu lar, para a minha vida. Quero voltar para a Clarice, para mim mesma.

– Annelise? Oi querida sou eu Andrea, está tudo bem, você está segura. – Suas mãos quentes tocam a minha e me tiram do torpor de memórias que inunda minha mente. Olho para a moça a minha frente, ela veste roupas pretas e um colete muito grosso que está escrito “Policia” e despejo algo que estava guardado no lugar mais profundo da minha alma, como um desabafo libertador:

– Clarice. Meu nome de verdade é Clarice Maria Ortega e eu fui sequestrada quando tinha oito anos de idade.

É impossível deixar passar o olhar de incredulidade dos demais policiais presentes no quarto imundo e claustrofóbico, ou das pessoas que encontramos quando a Detetive Andrea me leva às escadas acima em direção a saída da casa que foi minha prisão por tanto tempo. É impossível deixar de notar o sentimento de pena e compaixão que cada um me dirigiu nas horas seguintes quando fui submetida a exames, conversas e depoimentos sobre os quatorze anos que passei em cativério. É impossível não notar a raiva e nojo que todos demonstraram e demonstram por Octavio Marinho, o homem que sequestrou, torturou e manteve em cárcere três crianças por mais de 14 anos sem que ninguém desconfiasse.

– E definitivamente é extremamente difícil, para mim, Clarice

Ortega estar sentada neste banco representando as outras vítimas de Octavio, sendo obrigada a testemunhar novamente toda a tortura que sofremos depois de tantos anos pois há uma infame chance de que este homem saia da prisão apesar de todos os crimes que cometeu por uma bobagem como alegação de insanidade. É vergonhoso para a justiça que tanto falhou conosco, estar prestes a falhar novamente. Nenhum tempo que este homem passar na prisão irá curar as feridas abertas dentro de nós, nossas famílias e amigos, mas permitir que ele saia fará com que nunca nos sintamos seguros novamente. O pavor e a indignação vão nos perseguir não apenas nos sonhos, mas também na vida real. Por favor, não permitam que ele seja livre e nos coloque em um cativeiro novamente.

Falar estas palavras não tiraram um peso de cima de mim. Ouvir outros testemunhos não tirou o peso de cima de mim. Os abraços e apertos de mão consoladores de minha família e amigos não tiraram o peso de cima de mim. A única coisa capaz de fazer isso foi ouvir a juíza negar o pedido de liberdade do homem que foi meu algoz, acrescentando uma pena de mais 40 anos e deixando subentendido que ele morreria naquela prisão.

Finalmente eu poderei ter paz, poderei tentar viver uma vida normal, poderei aproveitar o sol na minha pele, o vento em meus cabelos sem o medo do seu toque em meu corpo. Finalmente poderei ser livre desta gaiola mental que continuou a me deter, dentro e até mesmo fora do cativeiro.



Carrancas distorcidas

JAMES WILKER FREIRE MACHADO

Porque fui saber que por aqui andava um povo doido e temido, é que comecei a me debruçar sobre as histórias da minha gente e desse vale do sertão destemido. Histórias dessa Barra velha cheia de mistérios. E olhe, você, como são interessantes os sustos que a vida nos dá: eu tava de boa, espalitando os dentes e assobiando pelos cantos da boca, quando veio um vento sinistro me sussurrar que eu tomasse rumo na estrada e me aprumasse no correto. Ora, veja bem. Logo eu, pai eterno? Logo, seu filhinho aqui?

Pra quem não me conhece, há de achar que é possível ser um bom homem e ainda morar num meio de tempo desses. Na encruzilhada, onde fica o restinho do inferno e a estradazinha torta que dá bem de cara com o cão chupando uma manga no areal. Ah, é pra ter nervos? Aqui é coisa de quem não der endoidecimento, vai dar câimbra no peito e morrer procurando um abraço. Não mesmo, Zé. Suas leis morais entram num ouvido e saem por outro orifício, que ninguém é besta de

ficar empanturrado de razão.

Pois consta por aí que eu andei bulinando gente besta e metida a valentona, só porque não aceitei que minha mulher fosse xavecada. Ora, veja bem, se não é arezia da molesta, arengo-tengo de gente que quer me ver no facão. Não, moço, eu fui procurar assunto e dizer as do fim a esse povo, foi porque andaram falando que eu não era homem. Ser corno eu aceito, até mesmo acho bonita essa ideia de ter chifres enfeitando o cabeçote, feito um guerreiro viking, aceito até ser chamado de viado, que no meio de um sol quente desses é bem facim do caba virar, é só jogar as mãos pelo chão sem querer, agora ser chamado de traidor, de vendido, aí não, meu irmão, aí é hora de se impor, né não?

Pois é. É isso aí, mesmo. Ainda bem que você sabe, eu também já aprontei, já disse coisas que Deus fingiu que não ouviu e o Diabo ficou assustado, doidinho para aprender. Mas é que tem certas situações que a gente perde a cabeça e o corpo não sabe pra onde vai... Como é, bicho, que o cara fica quieto num desembesto desse? Olha, eu não sou de meter a mão, mas a língua eu meto até onde ela der. E a minha é comprida e grossa, viu? Se deixar, ela faz um arregação daqueles, você bem sabe.

E do que adianta, meu amigo ou inimigo disfarçado, que hoje em dia ninguém sabe a intenção dos outros, né?... Do que adianta a gente ficar quieto e calado, tentando viver nossa vidinha rala, se não deixam a gente em paz? Aqui no sertão tem de tudo, e o que mais dá nessa terra é gente escrota. Terra fértil pra escrotice sem-vergonha! Quer dizer que agora eu me vendi ao partido do Doutor Deocleciano? Que agora eu não tenho mais honra? Que abandonei a família e os amigos por dois pedaços de terra véia? Que fui ingrato com o pessoal do Joãozinho Fumo-Grosso? Ora, vão pra puta-que-os-pariu!

O que eu mais tenho nesse mundo é gratidão por quem me ajudou, mas não tenho que viver debaixo de ordem por favor de seu ninguém.

Quem fez, fez porque quis. E quem quiser me aceitar, que me aceite do jeito que sou. Não vou ficar aqui me condoendo com esse povo todo não. Eles ficam nessa briga xixelenta, nessa politicagem rasteira, azu-crinando o juízo do mundo todo, e botando a vida alheia no caldeirão do Diabo, enchendo de pimenta o boga alheio. E o que já fiz por eles, não conta mais não, né? Todos esses anos apoiando as roubalheiras, as trairagens, os absurdos (que a gente sabe que tem, mas finge que não), não valeu de nada. Porque eles só pensam no vem-a-nóis.

Eu não sei se tu sabe, mas já fui homem de andar com rifle debaixo do braço, facão na bainha, e montava no cavalo selado como um dos melhores vaqueiros do vale, só pra defender o coronel Joãozinho nas estradas e naquela fazendona dele lá que é maior que o rio São Francisco, passei não sei quantas noites em claro, só esperando o inimigo na encoita. O que a gente fez por esse povo não tá escrito, mas eram outros tempos, aqui não tinha polícia, nem governo, nem juiz, nem porra nenhuma. Era a lei deles e a do outro coronel, o Tonhão Carrasco. Era uma briga ferrenha, rivalidade braba que vinha de longe, muita gente morreu. E a gente tinha que tomar partido nessa porra toda, não tinha escolha.

Mas eu era novo, nesse tempo andava apaixonado por Joaninha FINEZA, aquela espevitadeirazinha da peste, magrinha falsa e assanhada, reboladeira que só o diacho, vivia paquerando um e outro nas noites de São João, mas não queria fogo com seu ninguém, só deixar os babões lambendo o chão, implorando seu cheiro dengoso. Um dia, ela me deu uma camisola e disse que era pra eu ficar imaginando ela nos meus braços. Oh, tentação! Mas, qual, aquela raparigueira sapeca só dava mesmo era pro filhinho do Coronel, aquele bichim feim dos cabelim enrolado. Ele vinha de Salvador todo metido a besta estudado, num terno de linho, anel de doutor no dedo, falando aquele francês de bicha fresca do caralho. Oh, eu tinha uma raiva daquele otário, tu nem sabe.

Até que um dia, teve aquele escândalo de abalar esse lugarejo insalubre, pegaram ele com o filho do vaqueiro Medonho, lá nos barrancos do Velho Chico, com a boca na botija, um por rima do outro, e quem viu a cena foi ela, que saiu alardeando pra todo mundo, gritando no meio da rua que o namorado era viadento da bexiga, que tinha o rabo em chamas! Aquilo foi pesado demais, Joaquina se sentia a mais traída das mulheres do sertão. Que aqui, você sabe, toda mulher era forçada a aceitar o caba ter um raparigal por fora, contanto que mantivesse as aparências e adulasse, na frente dos outros, a do casal. Também tinha muito caba macho, metido a valentão, que era chifrarudo mansinho dentro de casa, fingindo que a mulher era a santa Virgem Maria da Imaculada. Mas, caso de cornice aboiolada era a primeira que se tinha notícias.

Rum, tu soube de outros? Ah, mas aí não foi nesse tempo, não, moço. Foi depois. Gonçalves com Rodrigão foi depois, ali deu até polícia e acareação de difamação. Queriam silenciar a boca do povo, coisa que tem horas que até dou apoio. Aqui a língua é mais cumprida que um rolo de fumo do Cabloco D'água. E a grande discussão na época desses dois era saber quem torava quem, quem era o macho da relação, tu acha? Por tempos, naquele bar de Nequinha ali, quando lá era um boteco arruinado, ajuntava o que de pior já existiu nessa terra, de doido a puta, de cafajeste a esposa difamada, instalaram o Tribunal de Sentenças e Condenações Alheias dos Linguarudos de Plantão. Não que eu gostasse, que não sou disso, só falo quando é verdade verídica, mas eu ia lá só pra ver até onde a fofoca embebedava a alma humana.

Pois foi, os dois se mandaram no meio do mundo de tanta vergonha, e o Coronel correu pra tentar abafar o caso, dizendo que tudo foi invenção daquela treiteira interessada em destruir a reputação do filho. Ficou alhos por bugalhos, e o fuxico esfriou. E aí, meu irmão, não contei conversa, entrei logo em cena, atrevidozinho que só! Um dia,

sabendo que ela tava sozinha na casa da mãe, fui direito no quarto, e peguei ela de susto e já fui dizendo, calma, anjinho perdido, que chegou um homem de verdade para lhe salvar dessa maldição de donzela desvirginada por um invertido. E fui pra dentro dela com o fogo que Deus mandou apagar a cidade de Sodoma e Gamorra!

Logo ela se apaixonou, e já queria amancebar, que mulher gosta é de caba bruto! Mas veja quem veio nos ameaçar, me apontar arma na cara? O fela-da-puta do coronel Carrasco! Moço, eu fiquei sem chão, com o olho torcendo e a boca entortando, minha vontade era ir lá de mansinho na casa dele e esfolar a garganta daquele papudo. Mas quem não tem nada na vida, já nasce com medo de perder o que nunca ganhou. Pra não fazer besteira, fui procurar o Coronel Fumo-Grosso. Ele logo se aproveitou do meu aperreio, e fez aquilo que os ricos sempre fazem, te acolhem hoje para depois te enrabar no futuro.

O homem disse logo, rapaz, deixa de besteira, matar nosso maior inimigo só vai nos trazer mais desavenças e você sabe como é a vida do homem sem eira nem beira. Eu lhe arranjo um ranchinho e uma terrinha pra você plantar, você será meu protegido, meu compadre, vem morar aqui perto, que ele não bole mais não. E foi assim que virei o vaqueiro mais destemido do São Francisco, e homem de confiança do Coronel. Porque além de gratidão, eu tinha raiva também, e vaidade, e sei lá o quê que misturou tudo fervilhando na minha cabeça oca, e fui virando homem sem coração e sem piedade. Só que Deus escreve torto por linhas incertas e o homem segue seu destino deslizando pelo chão...

Não sei se tu soube ou se já leu nalgum lugar, sobre uma Guerra braba que aconteceu nas margens desse Velho Chico. Foi tempos depois do massacre de Canudos. Começou uma onda de terror pelo sertão, de um lado os governantes querendo acabar de vez com as crenças e ladainhas e com o zum-zum de revolução dos sem terras, e por

outro lado, o povo entrou de vez numa fé estrambólica, misturando as religiões, era santo católico com caboclão encantado, ritual de índio nu com pregação de maçom protestante, porque todos por aqui sabiam que a morte do Conselheiro era o sinal do Apocalipse chegando...

E o fim do mundo tinha um apelido bonito que os ricos botaram: o tal de Progresso! Progresso praqui, Progresso pracolá, era o nome que eles davam pro Anticristo disfarçado! Esse bicho veio que nem as sete bestas-feras babilônicas destruindo tudo, botando fogo na mata, acabando com lares, matando o povo, tingindo de sangue vivo os rios e fazendo do Vale do São Francisco, o Vale da Aflições!

Mas na época eu não tinha essa noção, e não percebi que tava sendo usado pelos poderosos, que fizeram os acordos com o governo e quando os soldados vieram, nós se juntamos a tal de Expedição Redentora do Sertão, com uma leva sinistra de jagunços e soldados ultra-armados, liderada pelo Horácio de Matos da Chapada e pelo Franklin Lins do Pilão, os chefões mais sanguinários que conheci nessa terra desolada, eles vieram desbravando tudo, comendo na unha o que ainda resistia, era um arrastão de hienas sedentas, com uma metranca atiradeira dos infernos, quem viu sabe o estrondo que foi aquele turbilhão. Vieram de Jacobina, passaram por Xique-Xique, e toraram para cá, e a conversa era uma só: expulsar os traidores da pátria que propagavam a maldição no sertão. Mas no miúdo, era a velha prosa de que tinha ouro nessas terras, como antigamente.

E aí, tu pensa, o cara pobre, sem horizontes, vê umas histórias de dinheiro fácil, quem diabos tem consciência coletiva numa doidera dessas, quem ia ligar pros negros, pescadores, lavadeiras, índios, mulheres-damas, a gente só via o mundo dividido em duas cores: vermelho-sangue e amarelo-ouro, não tinha o que escolher! O sertão virou o inferno de Dante, como diz os estudados, um horror de fora-a-fora, o coração das trevas se instalou por essas bandas, já dizia meu profes-

sor. Parecia a Guerra do Paraguai! Era incêndio pra tudo que é lado, torturavam os homens, estupravam as mulheres e meninas na frente dos pais, pegavam os negros e botavam para virar remeiros forçados... Eu vi todo aquele horror, mas estava cego pela promessa de riqueza, eu só queria livrar o meu.

Pois é, pra tu ver como são as coisas quando o delírio toma conta das pessoas. Como fiz tudo aquilo? Como participei daquela barbárie toda? Lealdade, meu irmão, acreditar na ilusão de que está do lado dos grandes, a gente se favorece.

Os chefões tomaram de conta desse Oeste todo, aqui virou um fa-roeste sem lei. E era ataque por terra e por água, montados em cavalos, carroças, ou de vapores e barcas pelo vale do São Francisco inteiro. Não sobrou brejo, ilha, ipueira, serra, povoado que não foi invadido. E a ordem era certa, ou se rendiam, entregavam suas posses, aceitassem a nova Lei do Estado, ou a mistura de pólvora, sangue e enxofre tomaria conta do lugar. Não respeitavam nem as igrejas, nem os terreiros, nada, nem o imaginário dos seres encantados do folclore beradeiro conseguiu aplacar a sanha desse tempo. Era uma peste-bubônica se esparramando pelo ar.

O que isso tem a ver? Calma, aí, termine de beber sua dose, que tô contando isso, só pra você entender porque hoje esse povo todo me chama de traidor, querem é me ver no caixão, sentado o cabelo. Pois, a desgraça da guerra acabou, e eu voltei pra Barra oito meses depois, fui recebido pelo Coronel Fumo-Grosso e seus coligados, não ganhei ouro, nem um vintém, mas ele disse que as terras que eu morava, seria minhas como presente seu. Foi uma farra amuada, bebemos como se o mundo fosse acabar no outro dia e do outro lado do além, cachaça não tivesse sabor. Voltei pros braços sedentos de Joanhinha. Mas algo estava estranho, ela tava diferente, e não só ela, na verdade, fui descobrindo que por aqui se instalou uma nova mudança. Os dois coronéis

rivais, agora eram do mesmo grupo político, estávamos mais íntimos que rapariga de brega com mulher coiteira.

E aí, o que a gente não espera já gosta de chegar assim de supetão, e lá vem as conversas de que os dois se juntaram com a intenção de botar o filhinho desviado do Tonhão na Assembleia, lá em Salvador, que ele tava chegando para botar a Lei pra funcionar, vinha com juiz, promotor, e um pelotão de soldados, que o tempo de armas nas mãos do povo acabou. Agora tinha Ordem e Progresso por essas bandas também! Eu fiquei puto, como é que depois de uma guerra daquela, nós iríamos baixar a cabeça e entregar nossa vida assim, de graça, arriar as calças e deixar que eles entrassem sem cuspe, tomar no brioco sem reagir, e pior, sorrindo e dizendo oxalá e benza a Deus...

Mas desembesto só se satisfaz quando é muito, e a minha situação ficaria pior, uma fofuquinha estava no ar, me botando pulga na orelha, era sem-vergonhice das grandes que não queriam me contar, só as piadinhas, só as sugestas: e aí, Espinhaço-Torto, tu já sabe o que Luzia foi fazer na capoeira? Foi pegar bucho na entoca! E a risadinha corria solta. Esse ditado popular com o nome de Luzia era antigo, e já dava a deixa. Numa dessas bebedeiras loucas no Bar de Nequinha, botei a faca no pescoço de Maria Fuxico, quenga fofuqueira do caralho, e ela rasgou de vez num berro só: Joaninha tá prenha do Coronel, só não sabe do qual! Tava de caso com os dois ao mesmo tempo, enquanto tu atirava nos pobres no meio do mundo, ela levava fumo dos ricos dentro de casa!

Tu faz essa cara, agora imagina a minha na hora! Ah, quer dizer que já andaram te falando desse caso, esse povo não esquece, mas quem te contou aumentou os acontecidos ou não sabe da missa um quarto. Não, não, se você não acredita, pode perguntar ao Aristίδes Zangado, ou a Zumira Toba-Fresco, até Toin Febre-Amarela pode testemunhar.

Eu não fui embora de vez não, ameacei, tive vontade de fazer miséria, mas não sei porque diabos o coração apertou, me dava uma angústia ter de enfrentar tudo aquilo de vez, porque ou eu matava todos numa tocada só, ou me mandava no meio do mundo e o que vi nesse mundo véi não tava bom, não. O caba sem nome, pronome e sobrenome, sem arma, sem parente e aderente, tava fodido sem ter onde se encostar. E eu ainda gostava daquela rapariga.

Como ela negou tudo, só não disse de quem era o pai, envolveu até a história da Virgem Maria e do Espírito Santo, eu fiquei e aceitei, na esperança de que a criança revelasse que era só mais um fuxico desse povo maldoso, mas qual o quê, o menino nasceu com a cara dos dois coronéis, aí eu não aguentei, tomei nojo, dei uma surra nela, e joguei mãe e cria de porta afora. Ela correu pro Coronel Joãozinho e ele veio me tirar das terras que me deu, veio com documento na mão e promotor e soldado de lado, e eu fui tirado de lá com uma mão na frente e a outra atrás, atrás não, com as duas na frente mesmo, que fui direto pro xilindró. Lá eles me deram uma surra bem dada e leram o bêabá, que se eu fizesse arruaça pra ter casa e terra de volta, já deixariam uma caminha esperando, que aquelas paredes ali era o único lar que era meu por direito e usucapião.

Três dias depois, quem veio me tirar da cadeia e me oferecer guarita, comida e trabalho, foi o Coronel Carrasco, e a conversa foi direta: eu tava livre, só precisava esquecer as desavenças do passado. Aí, fui cuidar do gado dele e botei uma pedra no assunto. Passou o tempo, casei com Maria Fuxico, que virou mulher honesta, tida e havida com o passado em branco, com o papeirozinho novinho em folha, feito uma donzela. Tivemos os meninos, eu virei homem religioso, ia nos cultos, na missa e no terreiro, que fé nunca é demais. Paguei minhas promessas pro Bom Jesus e fiz minhas oferendas pros orixás. Fechei meu corpo num ritual de incorporação de Ogum com São Jorge!

De uns tempos pra cá, entrei nessa nova escola, comecei a ler, aprendi muita coisa, e vi que a arma mais poderosa que existe é o conhecimento. Doutor Deocleciano virou meu amigo, me ensinou as leis, e foi me abrindo os olhos sobre essa gente, sobre essas famílias dos Coronéis, como eles chegaram aqui sem nada, e viraram donos de tudo. E fui descobrindo que minha família sempre morou aqui, só não tinha os papéis das terras. E aí quando chegou esses bichos-papões, inventaram de que os ex-escravos não tinham direito a nada, nem um torrão. Eles roubaram tudo, e a gente ficou calada, com medo.

Sim, isso mesmo, agora que o Doutor se juntou com esse grupo novo aí, com o Partido do Camponês Revolucionário, falando em dar voz a quem nunca teve, prometendo fazer a tal da reforma agrária, e aí já sabe, né? Quem tá do lado dele já vira traidor. Por isso, eles estão assim comigo, porque fui lá mostrar pra eles que o medo acabou. Que se eles eram doidos e temidos, aqui estava de volta, com meu gibão crivado de balas, quem nunca morreu. E pra provar que de um doido basta um doido e meio, eu tomei meus pedacinhos de terra que tava lá abandonado desde que Joanhinha foi embora com o filho do vaqueiro Medonho. O Doutor me deu um papel dizendo que os sem-terras tinham o direito de ocupar ali.

Pronto, se tu veio saber da história verdadeira, taí sem tirar nem por, tim-tim por tim-tim, pode botar lá no seu jornal... Ah, quer ir lá ver? Foi, eu cerquei a casa toda de cacto e caroá e botei na frente as três carrancas distorcidas, encomendadas ao mestre Biquiba, que é pra afastar os maus espíritos e arruinar a vida de quem me quer mal. Quem quiser pagar pra ver que me enfrente, que eu sou todo esporão! Com as armas de São Jorge e as espadas de Ogum, eu enfrento até o Cão...



Sempre fui assim

ANA REBECA

Eu sou assim desde que nasci, eu não sei como começou, mas como sempre estiveram lá, depois de um tempo eles pararam de me assustar. Aparecem parados por aí, ou andando aleatoriamente, as vezes um vulto, uma sombra, uma silhueta, as vezes a imagem evidente de algo que podemos considerar um fantasma. Nunca os vi fazerem mal a ninguém, a não ser a mim, que tenho que lidar com essas aparições. Mas naquele fim de tarde de outono foi diferente, muito diferente.

O cara estava lá dentro da loja de conveniência. Era alto e tinha cabelo escuro, aparentava uns vinte e pouco anos. Mas não foi sua boa aparência que me chamou atenção, e sim a coisa que o seguia lentamente pelos corredores. A criatura era muito alta, andava de quatro, com grandes e finas pernas e braços. Tinha ralos cabelos lisos e compridos, a pele pálida, um quase sorriso na boca e olhou para mim enquanto eu os observava, com os grandes orbes dos olhos completamente violetas, que refletiam algum brilho que senti que fosse me

derreter se eu olhasse por mais tempo, eu senti algo que nunca havia sentido com as outras aparições, embora as vezes elas me assustassem esse embrulho no estômago era algo novo. O rapaz é claro, não parecia a ver, e naquele momento eu implorei mentalmente a Deus, que me fizesse acordar desse pesadelo. Todas as outras aparições pareciam mais com seres humanos, mas aquilo que seguia o pobre rapaz nunca foi humano.

Eu fiquei alguns minutos os encarando, pensando no que fazer. Minhas mãos suavam frio e tudo que eu queria era sair correndo e me afastar de daquilo. Até a coisa me encarou pelo vidro da loja, me olhou profundamente nos olhos, então eu tive a mais plena certeza que estava diante do mal. Eu não podia ir embora. Não dormiria em paz se fizesse isso, aquela entidade era perigosa, eu sentia. Então juntei toda a coragem que pude e entrei na pequena loja, só estávamos eu, ele, uma atendente no caixa e a coisa. As luzes piscaram rapidamente como se fosse uma falha na fiação, o moço lia os rótulos de algumas bebidas alcoólicas enquanto segurava uma cestinha com algumas latinhas de cerveja. Fui me aproximando dele pelo lado oposto ao que estava a criatura, que o encarava fixamente, o rapaz era ainda mais alto olhando de perto, devia ter mais de um metro e oitenta. Naquele momento percebi que não planejei aquela conversa e fiquei receoso sobre ele me achar maluco, eu no lugar dele acharia. Ainda assim eu tinha que tentar:

– Olá! – eu tentei parecer amigável.

– Oi, precisa de alguma coisa? – o cara respondeu quase em um tom rude.

– Preciso falar com você em particular, é importante – eu expliquei.

Ele arqueou as sobrancelhas, deu uma risadinha desdenhosa e seguiu para o caixa, me deixando lá com cara de idiota. Quando ele e a

coisa estavam passando pela saída, senti os olhos violetas me encararem mais uma vez por um breve momento. Quando eles atravessaram a rua meu coração acelerou. Eu não podia perdê-lo de vista, ele corria perigo, então comecei a segui-los sorrateiramente porque eu não queria assustar o cara, enquanto isso fiquei pensando em como poderia contar para ele o que estava acontecendo.

O rapaz entrou em uma casinha, tinha uma varanda e não era murada ou cercada, havia uma árvore na frente, quase sem folhas e chacoalhando com o vento. Bati na porta com as mãos suando, ele abriu e franziu o cenho:

– Cara, você está querendo levar um soco?! – disse ele quase gritando.

– E eu só preciso mesmo falar com você – eu respondi com a voz trêmula.

Ele me analisou por alguns segundos, fiquei nervoso e olhei para os meus sapatos aguardando uma resposta.

– Entra aí – murmurou se virando e adentrando a casa para que eu o seguisse.

Eu fechei a porta e olhei em volta, o lugar tinha um estilo descolado, pôsteres de filmes de ação por várias partes, uma mesinha de centro com um maço de cigarros em cima, o ambiente já estava meio escuro por conta do entardecer e no canto direito da sala, lá estava ela, agachada e ainda olhando sem piscar para o rapaz.

– Eu sei que o que vou dizer agora vai parecer uma baita loucura – comecei, e ele me olhou com curiosidade.

– É que... tem uma coisa te seguindo, uma criatura que sei que é perigosa. – Ele me encarou por alguns segundos enquanto fiquei esperando sua resposta. Até que ele soltou uma gargalhada sarcástica.

– Você tá brincando com a minha cara né?! Tá querendo conseguir dinheiro, é isso? – ele disse aumentando o tom e gesticulando.

Percebi então que eu teria que provar de alguma forma o que estava dizendo, caso contrário o cara não ia acreditar, me mandaria embora e eu não ia poder ajuda-lo. Foi aí que tomei uma atitude impulsiva, mesmo sem saber ao certo como a criatura ia reagir, eu peguei um pote de vidro que estava sob a estante e joguei na direção da entidade. Para mim, ela agarrou ele com as mãos imensas, para o rapaz o jarro azul flutuou no ar. Nos segundos que se seguiram eu não pude me mexer, como quando você escuta um barulho de madrugada e paralisa com medo do que vem a seguir, a coisa olhava na minha direção novamente, no fundo dos meus olhos, a tensão no ambiente era quase palpável e o moço intercalava o olhar freneticamente entre mim e o pote. Até que houve um estardalhaço, a coisa tinha jogado o objeto no rapaz e eu vi a criatura simplesmente pular por uma das janelas e desaparecer no horizonte onde o Sol já estava se pondo. O rapaz olhou para mim boquiaberto e eu encarava os estilhaços de jarro azul, alguns deles pingados com gotas de sangue:

– Eu quero que me conte que diabos está havendo! – ele exigiu.

E eu contei. Sobre tudo, enquanto fazia um curativo em seu braço. Desde as aparições fantasmagóricas aparentemente inofensivas que atravessaram toda a minha vida, mas que apesar de nunca me fazerem mal sempre foram como um prenúncio, uma sombra na visão periférica, uma mão gélida no meu ombro, até que essa entidade apareceu confirmando uma inquietação com a qual tinha aprendido a conviver. Contudo quando olhei em seus olhos violetas a ansiedade gélida se transformou numa aura repugnante. Quando descrevi a aparência dela, o rapaz ficou pálido, então ficamos parados lá um tempo na boca da noite, em um pânico contido e processando tudo aquilo.

– A propósito, meu nome é Andy – percebi que não me apresentei formalmente.

– Sou Lucas – disse ele com um aceno lento. – E agora? O que

podemos fazer? Você disse que ela foi embora, mas ela pode voltar né?

– Sim, eu acho que sim. Mas eu não sei como se livrar disso, é algo que vamos ter que descobrir juntos – respondi tentando acalmá-lo, embora eu mesmo estivesse engolindo seco.

– Mas como vamos descobrir?! Eu não sei você, mas eu não conheço nenhum especialista em demônios de olhos violetas! – Lucas andava de um lado para o outro com as mãos na cintura.

– Acho que podemos começar com o bom e velho Google e se não der certo vamos até a biblioteca municipal, lá tem uma sessão de livros sobre coisas sobrenaturais e demonologia – eu tinha certa experiência com esse tipo de assunto. Lucas ainda estava agitado. – Olha eu posso ficar aqui se você quiser, afinal eu sou o único que pode ver a criatura e é bom você não estar sozinho caso ela volte.

– Obrigado, de verdade – o jovem parou de andar e agradeceu olhando para mim, eu sorri.

Mais tarde estávamos acomodados no quarto do cara, que tinha uma estética semelhante à da sala e era iluminado por dois abajures de luz amarelada, um em cada lado do cômodo. Ele estava preparando um colchão para que eu pudesse dormir no quarto com ele, e eu estava em sua escrivaninha vasculhando a internet a procura de qualquer pista sobre alguma entidade de olhos violetas. Achei muita coisa sobre entidades malignas no geral, rituais de invocação, aparições assustadoras, mas nada com a aparência do que vi. Volta e meia Lucas se sentava em um tamborete do meu lado me vendo mexer em seu notebook. O rapaz parecia agoniado, mas quando eu perguntava se ele estava bem só respondia que sim. Nunca vi alguém mentir tão mal.

– Como é possível não ter nada?! De onde essa porcaria veio, e por que atrás de mim? – ele soava indignado.

– Eu queria ter respostas para suas perguntas – eu disse depois de suspirar.

– Vamos a biblioteca amanhã de manhã – ele afirmou e eu concordei, tentando esconder minha preocupação em também não acharmos nada lá.

Na cozinha iluminada pela luz difusa de uma lâmpada., eu aguardava na bancada de madeira enquanto ele fazia dois sanduiches para podermos jantar. Com essa agitação toda eu nem tinha me lembrando da necessidade humana básica de se alimentar. Lucas parecia finalmente mais calmo, já que estava concentrado em algo que não fossem demônios:

– Eu faço o melhor sanduiche caseiro do mundo, todos os meus amigos dizem isso. Aliás eu cozinho muito bem! – ele disse se gabando.

– Vou comer aqui todos os dias então, eu odeio cozinhar – respondi com uma risadinha e ele curvou o canto da boca.

Me senti mais calmo vendo ele também mais relaxado, então fomos em fim comer os melhores sanduiches do mundo, que eram realmente muito bons. Depois decidimos finalmente ir dormir.

No meio da madrugada eu balancei desesperadamente Lucas para acordá-lo, com a luz de um dos abajures iluminado seu rosto, ele me pergunta sonolento o que está havendo:

– Eu não consigo dormir com ela me encarando – respondo quase em pânico.

– Onde ela está? – ele sussurrou, vasculhou o cômodo com os olhos espantados.

– Do lado da sua escrivaninha. – Olhei da direção da criatura, e mais uma vez ela olhou na minha direção. Eu escutava o estalar de suas articulações quando ela se movia, meu coração desenfreou-se no peito.

Ficamos sentados na cama do Lucas um do lado do outro, encarando a coisa. O silêncio pesando uma tonelada, nossas respirações mais as comedidas possíveis. Lucas tocou lentamente meu braço,

como quem procura acalento. Ficamos lá, minutos que pareceram uma eternidade. Em dado momento eu estremei.

– O que foi? – ele me olhou franzindo a testa com um tom preocupado.

– Ela fica me encarando e sorrindo – eu disse sem tirar os olhos da entidade.

Ele segurou meu braço com mais firmeza, dessa vez o acalentado era eu. Depois de um tempo as luzes começaram a piscar e em meio a escuridão a coisa simplesmente desapareceu.

Com o vento assobiando pela janela eu refletia sobre como me sentia inseguro se poderíamos mesmo achar uma solução para aquela situação. Não tínhamos nenhuma informação e eu tinha medo da coisa voltar e matar o Lucas. Enquanto estava perdido em meus pensamentos ele fechava as janelas:

– Não sei se isso ajuda mas temos ao menos que tentar manter o quarto bem fechado, se não for assim não vou poder nem tirar um cochilo. – Declarou meio agitado.

Entretanto mesmo com as janelas fechadas, eu devo ter dormido no máximo 1 hora e despertei no raiar do dia com o jovem me olhando, eu não sei se ele dormiu 30 minutos.

– Já podemos ir na biblioteca? – questionou ele aflito.

Eu concordei. A velha biblioteca da cidade abria cedo, minha esperança é que entre aqueles amontados de livros de magia, demonologia e tudo quanto é coisa sobrenatural, tivesse a resposta que precisávamos para salvar Lucas. Nos aprontamos e fomos.

No caminho o rapaz olhava volta e meia ao redor como quem procura algo à espreita. Mas eu tinha certeza que se ela estivesse perto eu saberia. Sua presença era como um Gás Mostarda atingindo minha alma. Era impossível não notar ela por perto.

Chegamos a biblioteca, o lugar tinha uma iluminação amena, sur-

preendentemente grande e com móveis de madeira escura. Seguimos até o balcão da recepção.

– Olá! – Lucas chamou procurando pela a bibliotecária, mas ela não estava. Ignorando o fato seguimos as sessões de interesse. As prateleiras eram imensas, distribuídas por longos corredores, então e eu e Lucas começamos a caçar algo que pudesse nos ajudar. Nossos passos ecoavam pelo lugar, foi aí que finalmente percebi algo estranho. A biblioteca estava vazia, sem um pé de gente. Até que ouvimos um estrondo, alto como uma descarga elétrica e de repente todas as janelas e portas se fecharam deixando apenas a iluminação oscilante de poucas lâmpadas. E lá no final do corredor ela, a criatura, anunciando o último ato com seus olhos mais destacados do que nunca. Então agarrei a mão de Lucas o puxando para fazer a única coisa que era possível naquele momento: correr!

Desesperadamente, fugimos pelos corredores da biblioteca, enquanto a entidade nos perseguia correndo, contorcendo os membros e escalando as prateleiras. O rapaz começou a arremessar objetos para atrasa-la e eu derrubei cadeiras e mesinhas de estudo logo atrás de nós quando coisa pulou no chão. Nosso esforço foi o suficiente para nos dar tempo de subir a escadas para o segundo andar. Olhando rapidamente para o pé da escada vejo ela com as imensas mãos nos primeiros degraus. Lá em cima eu e meu companheiro achamos um pequeno quartinho que mal cabiam duas pessoas, cuja porta antiga de madeira eu rezei que fosse resistente o suficiente para parar a coisa.

– Meu Deus! – ele sussurrou apertando as minhas mãos.

Então tudo ficou quieto, tudo que eu via era o contorno da silhueta de Lucas em minha frente e sentia o calor da sua respiração. Sem passos, sem o estalar dos membros da criatura, apenas o mais absoluto silêncio.

– Acho que ela f... – a fala dele foi cortada pelo barulho da coisa arrancando a porta. Num piscar de olhos senti algo me puxar e Lucas agarrar meu braço com força, mas não o suficiente para me manter no chão, eu gritei em desespero. Ela engrandeceu o sorriso medonho quando consegui me levantar e logo pulou a janela me carregando nos ombros. Nunca tinha me passado pela cabeça que o alvo poderia ser eu.



Nível de consciência

ANTONIO OLIVEIRA DE SOUZA

A cena passa-se no inverno de 2024.

Naquele sábado o crepúsculo descia num deslumbramento de opulência com brisas frescas e cariciosas nas frondes dos buritis, expandindo vagarosamente sobre a extensão da paisagem que se coroava dos brilhos singulares de todo o horizonte pintado de luz sublime. Aquele alvorecer cintilante era belíssimo; no manto do céu, vibravam harmonias matutinas, como se a manhã possuísse, também, uma alma sensível. A beleza das curvas do Rio de Ondas, a verdejante vegetação rica, as corredeiras, as pequenas ondas formadas pelo impacto das águas límpidas nas pedras da calha formam um quadro, pincelado pela Divindade, que encanta pela beleza natural. As águas velozes do rio vinham beijar suas margens, como se divertissem ao sopro das virações balsâmicas, conduzidas pelas mãos suaves da Natureza. Naquela margem, em meio ao gramado vivo, algumas corujas-buraqueiras encaçavam pequenos anfíbios para subsistência familiar. Oxalá o encanto do rio...

A Chácara comercial à margem direita, naquele iluminado dia barreirense, se harmonizava física e imaterialmente com a chegada de várias criaturas. Não era festa; apenas uma comemoração íntima, pouca gente, dezoito ou vinte pessoas ao todo, que tinham ido almoçar com a enfermeira sexagenária Marina Breitenbach, naquele dia dos anos dela, cinco de agosto... Amável e pujante senhora! Dona de largo sorriso e um abraço extraordinário, recebeu todas as pessoas amigas com energia contagiante. Dois músicos, um acordeonista e um clarinetista, sopravam notas de composições consagradas aos ouvidos lubrificados. Ouvidos os primeiros compassos, espalhou-se pelo ambiente uma alegria indescritível, dois ou três cavalheiros deslocaram com rapidez às damas, e os pares fizeram o dois pra lá, dois pra cá na pulsação do Xote das Meninas.

Acabado o almoço, uma pessoa, entre os convivas da anfitriã, encontrava-se sentada em cristalina rocha à beira rio, com roupa de banho, saboreando apetitosamente o frescor da sombra projetada pelas copas dos buritis e outras árvores nativas. Tratava-se da professora de Física, Lara Rodrigues. Lara era uma pessoa surda congênita; tinha estatura um pouco acima de mediana, talhe elegante e atitudes finas, cabelos castanhos, olhos pretos ou quase pretos e com forte indicativo de escol moral, pés e mãos harmoniosos e proporcionados ao tamanho do corpo, e a cutis parda. Estava com seus trinta e dois anos, e contava já cerca de seis romances extintos.

Seu corpo jazia fisicamente ali, mas o pensamento perpassava os possíveis imagináveis muros das questões psíquicas. Concedendo vazão às ideias que lhe fluíam do espírito incendiado e abatido, Lara percebeu o tórax em opressão, onde seu coração descompassado, palpitava acelerado. Não uma, mas duas horas passaram sobre as suas amargas reflexões íntimas; imersa em despenhadeiro, em dolorosas cogitações existenciais. Ora fixava na dificuldade de comunicação com

as pessoas em seu ambiente de trabalho, ora na saudade da família que ficou em outro estado, ora nos relacionamentos amorosos fracassados, ora nas barreiras que impedem o desenvolvimento pessoal e social das pessoas com deficiência...

Foi nesse instante que, a professora comprime as pálpebras nos olhos, ficando de pé, quando viu ao longe uma distinta majestosa figura humana. As asas de sua imaginação fértil fizeram lembrar da estória lendária do Negro d'Água. – Será que seria Ele? Pensou em rasgar o ar com um grito surdo agudíssimo, mas ponderou ser escândalo desnecessário. Sua alma pareceria querer evadir do corpo material. Envolto numa grande combinação de raios de luz dourada, que se cruzavam ao transporem a vegetação da beira rio, emerge uma personalidade enigmática em passos brandos e singular magnetismo.

Há dois ou três metros de seus olhos ansiosos, deteve um homem expansivo de trinta e tantos anos, estatura regular, cabelos castanhos ou quase dourados aos ombros, e barba rara, no mesmo tom. As linhas puras e fascinantes de seu semblante molduravam uma beleza indefinível. O sorriso era daqueles anjos jovens que traziam ao povo do Oriente Médio as mensagens de Deus. Definitivamente, tinha irresistível elegância natural.

– Eu sou a professora Lara; quem é o senhor? – sinalizou Lara em Língua Brasileira de Sinais, naturalmente, imaginando não ser compreendida, porque não é o idioma nato e pouca gente se esforça para estudá-lo.

– Sou Filho do Dono – respondeu amavelmente, o interlocutor, com olhar expressivo e muito afetuoso, também em Língua Brasileira de Sinais.

– O Senhor deve ser uma pessoa muito feliz por morar nesse lugar fantástico – adiantou a doutora em Física.

O recém-chegado fitou-a vagarosamente com profundidade, não

por um, mas por dois minutos, buscando no recôndito da existência as palavras sábias para expressar.

– A felicidade – inicia com iniludível olhar enérgico – pede um coração sereno. Porque a paz interior e exterior é um patrimônio que deve ser defendido por cada coração, buscando executar, habilmente, o serviço que nos foi confiado pela Vida. Portanto, é preciso que comece por não permitir a minúscula excursão no campo dos impérios obscuros do negativismo, com intolerância diante da perfeição da vida. Porque a nossa vida é perfeita do jeito que é.

– Como posso cultivar o bom ânimo para enfrentar os inimigos de minha paz? – mediu a interlocutora, com grande disposição ao entendimento.

– Mas, me refiro a uma paz da consciência pura com resignação suprema à vontade da Natureza maior – continuou seu raciocínio lúcido –; não uma paz fictícia, que é ociosidade de espírito e fruto de uma resignação amorfa, que é vício do sentimento exaltado. Quando o poeta Miguel de Cervantes afirma que “o meu repouso é a batalha” ele faz referência a uma ação, concreta e positiva, de nossa capacidade reflexiva, considerando que “cada um é filho das suas obras”.

“Nós, família universal, devemos pensar sobre isso. Infere-se que a essência da “estória” de Dom Quixote de La Mancha está no desejo de um homem em consertar o mundo ou, ao menos, torná-lo mais feliz, mais humano, mais livre. Cada aventura relatada no livro são reflexos de vidas pregressas, ou seja, um mergulho em nós mesmos; um convite a lutarmos contra as nossas más inclinações, nosso orgulho, nossa vaidade”.

No angustiado coração de Lara passam a vibrar ondas de sentimentos que, até então, lhe eram ignorados. Passou por toda formação acadêmica até o nível de doutorado e nunca havia percebido ensinamento moral para seu interior profundo. Das águas correntes do rio

parecia-lhe emanarem suavíssimas energias revigorantes, depositando-se harmoniosamente no regaço de sua essência. Seu coração inocente enxergava menos do que o alcance da visão óptica e sempre insuflava pouco oxigênio de amor em seu cérebro sopesado. Na ânsia de encontrar sinais que pudessem expressar a emotividade impressa em seu coração, seu olhar dilatou-se para rever suas três décadas de vida.

– Eu confesso que seus sinais – inicia ela com expressiva linguagem corporal – está me fazendo refletir sobre todas as angústias que trago cravadas em meu peito. Parece que fui me desgarrando da realidade diária, ao ponto de já não sentir o sabor da vida. Nunca mergulhei em introspecção objetivando me lapidar. Foi tudo automático, graduação, mestrado, doutorado, concurso, trabalho...

– O que está fazendo com tudo isso? – obstou Ele.

– Passei em concurso na universidade federal; estou lecionando e fazendo pesquisas de base na área de Mecânica Quântica.

Seu interlocutor sorriu educadamente e retrucou com sinais expressivos:

– Pergunto o que tem cooperado, em tua área de ação, tanto quanto possível, a benefício de todas as pessoas que te cercam.

Lara meditou um instante e arvorou-se em complementar sua resposta anterior:

– Eu tenho feito pesquisas no sentido de compreender a composição e comportamento da matéria. Por exemplo, a olho nu eu consigo ver um humano, seus sistemas, por exemplo, o sistema digestivo com boca, língua, esôfago, estômago e intestino. Vamos supor que eu quero analisar como uma pessoa é constituída microscopicamente. Eu vou lá, pego um microscópio de altíssima resolução e coloco, sei lá, defronte da pessoa para ver do que ela é feita. Fazendo isso eu vou começar a ver órgãos, se eu ampliar para ver do que esses órgãos são feitos, vejo os tecidos. Se eu ampliar a magnificação vejo as células, se

eu aumentar para ver do que as células são feitas, vejo as organelas. Se eu continuar ampliando para ver do que as organelas são feitas, vou encontrar as moléculas.

“Não satisfeita, vou ampliar um pouco mais, vejo um conjunto de átomos. Seu eu seguir aprofundando para ver do que os átomos são feitos, vejo prótons, nêutrons e elétrons. Posso ir aprofundando, com magnificação superior para ver do que um próton ou nêutron é feito, vou encontrar partículas elementares chamadas de quarks”.

“Consequentemente, se eu ampliar os quarks, ou melhor, seu realizar colisões entre prótons, em um acelerador de partículas com energias relativísticas, existe grande probabilidade de ter-se produzido um bóson de Higgs ou partícula de Deus”.

– Não acha que todas as partículas já vistas pelo humano e que ainda serão vistas, são de Deus, não apenas o bóson de Higgs!? – destacou o interlocutor, com infinito amor na construção dos sinais.

– Tudo é uma questão de fé...no método científico – replicou Lara, com suave sorriso de uma estrela. – O detalhe acentua no fato de que o bóson de Higgs não é fácil de ser encontrado. Ele vive pouco tempo, algo da ordem de 0,00000000000000000001 segundos; desaparece, com decaimento para outras partículas, por exemplo, para dois fótons de luz. Se você continuar aumentando sua visão microscópica para ver subcomponentes do bóson de Higgs, só encontra fótons de luz, ou seja, energia.

– Acredita que esse “trem” se encontra no fim de sua linha?

Como sua interlocutora lhe enviou um olhar ambíguo, demonstrando chegar no limiar de seu conhecimento sobre a composição da matéria, Ele continuou a expressar sua visão científica-filosófica sobre a pauta:

– Absolutamente. Sabe-se que as milhares de partículas catalogadas para o Universo são originadas de uma quantidade diminuta de

partículas fundamentais, reunidas em duas categorias: os férmions e os bósons. Desde 1937 o físico italiano Ettore Majorana lançou as bases para a descoberta de que os elétrons podem ser divididos em outras quase-partículas, seria o férmion de Majorana. Também, no momento existe previsão para que os fótons, as partículas elementares da luz, também podem se dividir, seria bósons de Majorana. A ciência do mundo indica, em medidas astronômicas, que em torno de 95% do Universo é composto de matéria escura e energia escura, das quais sabe-se parcamente. Pouco se viu e muito será visto! O conhecimento humano ainda é superficial e vaidoso, que só as dezenas de séculos de aperfeiçoamento podem encaminhar à elucidação completa.

Lara Rodrigues, em mais de uma década dedicada aos estudos aprofundados na Ciência, nunca havia encontrado tanta eloquência nos doutores; nem filosoficamente, nem cientificamente, nem ao domínio da primeira língua das pessoas surdas. Trocar sinais com aquele homem profundamente generoso, de alma ardente e sincera, lhe colocava em um patamar simples, mas com energias poderosas. Magnetizada e intimamente comovida, ela considerou que seu espírito jovem volitava suavemente no cosmo, numa espécie de sonho leve em instante glorioso. A professora desejou expressar algo, mas antes que os sinais saíssem da projeção da mente, foi interrompida por questionamento direto, com seriedade no semblante:

– Qual o motivo em dissipar tanta energia e tempo para detectar empiricamente o bóson de Higgs, dado que falta a certeza humana se ele é uma partícula elementar ou não?

– Na literatura científica o bóson, previsto por Higgs em 1964, representa a chave para explicar a origem da massa de outras partículas elementares da natureza, sendo a parte fundamental do Modelo Padrão. O Modelo Padrão é uma teoria física elegante de 1970 que pretende descrever de forma unificada as forças forte, fraca e eletromagné-

tica, bem como todas as interações entre as partículas fundamentais que constituem a matéria, à exceção da interação gravitacional.

Ante as colocações da professora, o interlocutor ficou pensativo, buscando informações complementares nos arquivos infinitos da consciência. Ainda, porém, considerou, firmemente:

– Considerando que o Modelo Padrão é o melhor que as pessoas têm aqui até o momento para explicar o comportamento da matéria, energia e forças que atuam no Universo, assevera-se que ele ainda não elucida tudo. Por exemplo, têm-se alguns fenômenos não resolvidos pelo modelo, a gravidade, a assimetria de matéria-antimatéria, a teoria de supersimetria, a massa dos neutrinos...

– O senhor consegue indicar a principal falha nessa unificação das forças? – questionou Lara, com ar de curiosidade.

– É possível que se experimente situação em que dois minúsculos eletroímãs simétricos e alimentados em rede elétrica, com formato em círculos, caiam por gravidade, com moderada rotação em sentidos opostos. Nessa perspectiva, envolvendo a força gravitacional, parece razoável que o observador consiga um sistema mais amplo para explorar a estrutura e as interações da matéria.

Houve uma pausa na sinalização, seja nas mãos ou nas expressões corporais, onde ambos sustentaram olhar incendiado reciprocamente, durante algum tempo.

– Desejo volver à pergunta inicial – continuava Ele de olhos brilhantes – o que tem cooperado, em tua área de ação, tanto quanto possível, a benefício de todas as pessoas que te cercam? Descrever minuciosamente aquilo que nos rodeia é prática comum, de precisamente mais de 2400 anos, quando estudiosos gregos tentavam decifrar qual a composição dos corpos – vivos ou não –, incluindo o próprio corpo da pessoa humana. Mas, precisa-se retribuir com frutos saborosos no mesmo solo que te sustenta. É necessário alargar a visão míope e di-

visar a mais elevada cooperação mútua com amor. “Em algum lugar alguém grande se esconde”. “Em algum lugar alguém pequeno espera por você”. A Natureza é complexa e completa; cada ser deixa legado, dentro de sua possibilidade de contribuição.

“Te dedicaste algum tempo dessa existência à ciência, permitindo contribuir e garantir o saboroso pão diário à mesa. Adverte-se que a ciência natural está em desenvolvimento. Vejamos a história das ciências; ela nos conta que o conhecimento se transforma ao sopro das dedicações de outros colaboradores mais dignos do progresso. Basta lembrar que a física avançou aos saltos, após novas interpretações para o mundo microscópico da mecânica quântica e o movimento em altíssimas velocidades com a relatividade. É consenso inquestionável que a ciência se encarrega de decifrar os enigmas do Universo. Analogamente, a filosofia garante respostas raciocinadas para as interrogações humanas. Mas, a espiritualidade, sem sombras de dúvidas, toca mais profundamente no coração das criaturas, com a revelação do Humano Padrão.”

– Pode-se inferir que o estado energético deriva do estado físico?
– inquiriu Lara.

– Lembre-se que massa é uma forma de energia; e energia tem massa. Supondo que estou examinando você e uma irmã, mas eu só estou analisando a energia, eu não sei se essa energia é sua ou se é da irmã. Como eu sei a quem pertence determinada energia? Pela informação. Toda energia tem uma informação. Isso é o conhecimento, por ora, denominado Mecânica Quântica. A energia por energia só existe uma; o Universo inteiro é feito de uma única energia. Nós somos emanados dessa energia; aí a gente entra na visão imaterial. O que é essa energia única? Deus. O todo. É tudo uma coisa só. Esse é o nosso nível de consciência. Conforme nós vamos expandindo a consciência, seguimos para outros níveis até a gente ser só energia.

Ante o olhar lacrimoso da prof^a. Lara, emergia um riacho de ideias favoráveis, arquivadas definitivamente na sua consciência edificada. Com seu coração embargado de comoção e de profundos sentimentos, em verdadeiro torpor, Lara, virando-se para o rio, mirou por alguns segundos a limpidez das águas, quando viu a projeção de uma sombra humana em movimento sobre a calha de pedras no fundo do rio. Seu dialogador chegou como vento e distanciou de seus olhos apaixonados como vento. Minutos depois nossa mocinha chega até Marina Breitenbach e sinalizou para perguntar ao dono da Chácara por seu filho que conheceu na margem do rio. Eis o que o senhor respondeu de pronto à aniversariante:

– Minha nobre Marina, diga a ela que é muito linda e gostaria muito de ter um filho para enamorar-la, mas que Deus só me deu a graça de ter duas filhas.



Dilema

GISELE DO PRADO SATELES

Havia sangue por todo lado. Em minhas mãos, no meu rosto e no sofá de camurça branco em que o cadáver do meu ex-marido repousava. O som da TV ressoava por toda casa como uma canção de ninar aterrorizante e meu coração retumbava no peito três vezes mais rápido do que o ritmo normal.

Cambaleei para trás me dando conta do que acabei de fazer e acabei tropeçando na garrafa de vinho que eu tinha deixado cair no tapete durante a briga. Nan e Sofia dormiam no meu quarto, elas podiam se levantar a qualquer momento e eu não queria que nenhuma das duas tivesse aquela cena miserável impregnada em suas memórias assim como seria comigo.

Era mais desespero do que razão.

Uma parte de mim, desesperada, sabia que as chances de conseguir a guarda das meninas tinham se tornado nulas depois de ter perdido o emprego. Thomas estava sendo incisivo e deixou bem claro

que iria tirar tudo de mim, mas eu não podia arriscar perder as minhas filhas.

Só de pensar no que ele seria capaz de fazer com elas durante seus surtos de embriaguez... meu sangue fervia.

Elas eram tudo o que eu tinha, não havia mais nada no mundo, e para mantê-las a salvo eu era capaz de tudo. A faca em minha mão era prova o suficiente disso.

Esfreguei meu rosto com uma toalha úmida enquanto me enca-rava e via as lágrimas rolando através do espelho. O que eu iria fazer agora? Meu corpo tremia intensamente e eu não estava emocionalmente estável para pensar no próximo passo. Contudo, reuni toda a coragem e determinação que restavam e reagi. Passei a madrugada inteira sendo meticulosa ao pensar em situações em que precisaria mentir enquanto limpava o estofado do sofá, buscando eliminar qualquer vestígio de sangue que pudesse ter se fixado ali.

No dia seguinte tudo parecia normal; levei minhas filhas para a escola e dirigi durante 40 minutos até o lago mais próximo da saída da Misoprostol. Não contei a ninguém o que tinha acontecido, fiz tudo sozinha, e quem quer que estivesse observando de longe, com certeza me acharia uma assassina fria mas é tudo uma questão de ponto de vista.

Eu estava apenas tentando proteger quem eu amo antes que algo ruim acontecesse a elas como já havia acontecido comigo no passado. Não tive uma mãe que estava disposta a matar e morrer por mim, mas acabei me transformando nessa pessoa.

Três semanas depois, a polícia bateu em minha porta, era um interrogatório, e pela cara do policial eu não consegui distinguir se tinham apenas notado o sumiço de Thomas ou se o corpo havia sido encontrado. Respondi a todas as perguntas feitas, inclusive os ques-

tionamentos sobre a minha relação com meu ex-marido e sobre a guarda das meninas. Apesar da pressão, consegui me manter calma, passiva, criando um cenário onde um consenso entre mim e meu ex-companheiro parecesse que tivesse sido estabelecido, eles foram embora prometendo retorno.

Olhei para minhas filhas no chão, brincando felizes com seus desenhos, e meu coração se apertou. Tudo o que fiz foi para mantê-las seguras, mas acabei envolvida num jogo cruel onde quem joga sujo sai por cima. Era um dilema angustiante; eu sabia que aquilo não representava quem eu era, mas já não podia mudar o que aconteceu. Estaria disposta a abrir mão de tudo por elas, não importando os meios ou princípios envolvidos.

Aquele seria um segredo que eu guardaria para sempre.

Eu só não esperava que mais tarde, naquele mesmo dia, enquanto contava uma história para a mais velha, cuja os problemas de insônia eram tão frequentes quanto os meus, segurasse minha mão e perguntasse:

– O que a senhora fez com o papai?

Aquelas palavras sussurradas na casa silenciosa pesaram como o mundo sobre mim e Sofia me olhava como se entendesse que aquilo era um segredo perigoso que ninguém mais poderia saber. Meu coração disparou em uma curva do desalento, batendo como um tambor em meus ouvidos

– Do que você está falando, querida? – minha voz saiu trêmula, mas tentei sorrir, disfarçando o pavor que me consumia por dentro.

– Eu ouvi a senhora e o papai discutindo. Depois, a vi limpando a sala e o papai nunca mais voltou – Sofia segurou minha mão mais firme, o olhar assustado e distante com um misto de medo e curiosidade.

Respirei fundo, tentando encontrar uma resposta que pudesse acalmá-la sem revelar a verdade.

– O papai teve que ir, Sofia. Às vezes os adultos têm problemas difíceis de resolver, e às vezes eles precisam ficar longe por um tempo. Mas você e a Nan estarão sempre seguras comigo. Confia na mamãe?

Sofia olhou para baixo e mordeu os lábios, enquanto mexia incansavelmente as mãos como forma de controlar as emoções. Sabia que aquela explicação não seria suficiente, mas não tinha nada mais a oferecer além dessa desculpa esfarrapada. Beije sua testa e a abracei, visando que meu calor corporal transmitisse segurança a ela.

Logo depois de colocá-la na cama, fui para a sala de estar. A mente se situava em um turbilhão de pensamentos conflitantes. Não podia simplesmente permitir que minhas filhas sofressem mais do que já haviam sofrido com as minhas escolhas de vida, isso inclui o cara que se tornou meu cônjuge e na qual elas o têm como figura paterna. Elas eram minha prioridade, sempre foram, são o meu principal motivo de continuar a viver e a lutar.

Naquela sala, onde tudo aconteceu, decidi que era hora de fortalecer minha versão dos fatos. Disparei em direção ao rack e alcancei o telefone. Logo após, digitei o número da polícia ligando anonimamente para a mesma, relatei que havia visto um homem parecido com Thomas entrando em um transporte interurbano, só não sabia precisar para que cidade aquele transporte estava indo. Isso com certeza iria desviar a atenção deles por algum tempo e me daria uma oportunidade para raciocinar quais seriam meus próximos passos.

As próximas semanas foram inquietantes. A polícia retornou para mais questionários, mas não descobriram nada sólido. Thomas parecia ter desaparecido. Mantive minha rotina, tentando dar o máximo de normalidade possível para as minhas pequenas, mas a cada batida na porta, a cada ruído de sirene nas proximidades fazia meu coração disparar ligeiramente.

As horas passaram vagarosamente após aquela noite trágica. Eu acordava toda manhã com a certeza de que no fim do dia não estaria mais em casa e ia dormir com a sensação de que no dia seguinte eles me descobririam. Cada batida na porta era uma lembrança da carga que eu guardava em forma de segredo. As indagações de Sofia fez-se menos constantes, mas no fundo do meu coração algo me mostrava que ela ainda mantinha dúvidas guardadas para si. Nan, como sendo mais nova, aceitava as minhas explicações com mais tranquilidade, mas era notório a sombra de aflição em seus olhos cor de mel.

Em uma tarde ensolarada, enquanto enxugava as travessas do almoço, escutei gargalhadas oriundas da sala. Observei e vi minhas pequenas desfrutando de um tempo juntas, as risadas com um teor puro e inocente completando o nosso lar de uma maneira que eu não sentia há muito tempo. Por um breve instante, senti um sopro de expectativa de que as coisas poderiam voltar a ser como era antes.

Mas a harmonia não durou por muito tempo. Na manhã seguinte, enquanto degustávamos o café da manhã, ouvi no noticiário local a menção de que um corpo havia sido encontrado em um lago próximo a região de Misoprostol. Meu coração congelou por um momento. Tentei esconder a minha reação, mas senti Sofia me analisando minuciosamente.

– A senhora está bem, mamãe? Aconteceu alguma coisa? – indagou Nan, sua voz denunciava preocupação.

– Ah, não é nada minha querida. Apenas notícias tristes vindo da TV, vamos desligar isso para que não venha estragar o nosso café com notícias ruins que ocorrem pelo mundo – respondi, tentando manter a calma enquanto desligava o noticiário.

Mais tarde naquele mesmo dia, quando me encontrava sozinha em minha residência, liguei a TV novamente para ver particularida-

des do que já havia noticiado. E pelo que consegui constatar até aquele momento ainda não tinham reconhecido o corpo, mas sabiam que se tratava de uma figura masculina. A possibilidade de que fosse meu ex-marido me assustou. Uma coisa era certa, precisava ser ainda mais cautelosa.

Os dias subsequentes são caracterizados por angústia. A polícia voltou a comparecer em minha casa, e estavam mais incisivos. Tinha questionários mais diretos e expuseram um registro fotográfico do corpo encontrado. Mesmo desgastado, eu tinha plena consciência de que se tratava do corpo de Thomas, fiz o que pude parecer uma ex-esposa amigável e preocupada, disposta a ajudar no que fosse enquanto torcia para que não enxergassem tudo desmoronando por trás da minha máscara.

No período noturno, enquanto tentava colocar Sofia para descansar, ela me olhou profundamente de forma inquisitiva e fez novamente uma pergunta sobre seu pai. Agora, sua voz era mais obstinada, parecia uma adulta.

– Eu sei que tem algo errado, mãe. Confia em mim e me fala o que está acontecendo – indagou, enquanto suas mãozinhas apertavam o meu braço.

Eu realmente queria dizer a verdade, compartilhar o fardo que carregava, mas sabia que não era uma atitude sábia. Em hipótese alguma iria colocar minhas filhas nessa posição.

– Pequena, as coisas podem ser complexas demais e mamãe só quer proteger vocês. Essa sempre foi a minha maior prioridade, vocês são meu tudo! – eu disse em meio a voz falha depositando um beijo suave em sua bochecha.

Ela deu um suspiro forte, aceitando a resposta, mas uma luz de incerteza pairou sobre seu rosto e enfatizou o brilho de dúvida em seus olhos. Sabia que teria que ser mais cuidadosa do que nunca.

Os próximos meses foram uma batalha incessante para preservar a normalidade. Acompanhei as meninas para a escola, participei ativamente das reuniões de pais, fiz de tudo que podia para parecer uma mãe deslumbrante.

Então, numa noite chuvosa, a polícia retornou. Desta vez, transportavam consigo um mandato de busca. Vasculharam a casa inteira, e não encontraram nada que pudesse me incriminar. No entanto, as tensões estavam aumentando de forma alarmante. Tinha a plena convicção de que o meu tempo estava chegando ao fim.

Após revistarem toda a casa, deitei-me no sofá, extremamente cansada psicologicamente. Minhas mãos trêmulas segurando uma xícara de chá, tentando acalmar meus nervos. Minhas meninas estavam no quarto, mas tinha ciência que não seriam capazes de descansar com toda aquela bagunça.

O telefone toca. Atendi com a voz estremecida. Era uma ligação anônima, com uma voz distorcida do outro lado.

– Eu sei o que você fez.

Eu não acreditava naquilo que tinha ouvido. O desespero voltou a tomar conta de mim, mas agora eu tinha que lutar não só para proteger minhas filhas, mas também para manter meu segredo a salvo de um novo inimigo.

A guerra estava longe de acabar. Eu sabia que precisaria reunir todas as minhas forças para lutar pelos desafios que estavam surgindo. Neste momento, olhei para a porta do quarto das minhas filhas e prometi a mim mesma que faria qualquer coisa, literalmente qualquer coisa para mantê-las seguras.

Semanas se passaram e as ligações perseveravam, a mesma voz distorcida, as palavras eram sempre as mesmas. Já não confiava em

ninguém e cada passo que dava no meu dia a dia sentia que estava sendo observada. Em uma tarde, decidi que não podia manter-se naquele insistente delírio. Precisava investigar quem estava se escondendo por trás daquelas ligações.

Instalei um aplicativo visando rastrear as chamadas que forem direcionadas a minha pessoa, esperando que isso me ajudasse a identificar o número anônimo. Durante dias, esperei avidamente pela próxima ligação. E quando finalmente chegou, o aplicativo começou a funcionar, rastreando de onde vem a ligação em questão.

Com o coração extremamente acelerado, o rastreamento foi concluído. A resposta refletiu na tela do meu telefone, me deixando paralisada.

A ligação estava sendo feita dentro da minha própria residência.

Levei alguns segundos para organizar os pensamentos e compreender o que aquilo significava. Com passos meticulosos e trêmulos, me direcionei ao quarto das meninas. A porta estava entreaberta, e pude ouvir sussurros. Fui abrindo delicadamente e visualizei Sofia com o telefone ainda nas mãos.

– Sofia? – minha voz era quase como um sussurro, incrédula.

Ela se virou, com os olhos cheios de lágrimas, mas com uma fisionomia de determinação.

– Mamãe, eu só queria saber o que realmente aconteceu com o papai.

Ajoelhei-me ao lado dela, pegando suas pequenas mãos.

– Por que você agiu dessa forma, Sofia? Por que não perguntou diretamente para a mamãe?

– Eu até tentei, e não foi só uma vez, mas a senhora sempre se esquivava. Achei que, se pensasse que alguém sabia, me contaria. Eu só queria saber a verdade.

– Eu estava tentando proteger vocês, minha filha. Eu acreditei de

verdade que esconder o que aconteceu seria o melhor para nós, para a nossa família – disse enquanto as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

– Eu sei, mamãe. Mas eu também estava assustada. Tinha que descobrir a verdade, mesmo que fosse terrível – disse ela encostando a cabeça no meu ombro, soluçando.

Ficamos ali, abraçadas, por um longo tempo, chorando juntas. Eu não queria compartilhar o peso do segredo com minhas filhas tão jovens, mas era crucial que elas soubessem que estavam seguras. O peso que carregava finalmente se aliviava dos meus ombros, e uma nova determinação crescia dentro de mim. Juntas, faríamos o que fosse necessário para seguir em frente.

Prometi a mim mesma que nunca mais permitiria que o medo controlasse nossas vidas. Sofia e Nan necessitavam de uma mãe forte e verdadeira, e era isso que eu me tornaria daquele momento em diante, por elas. Havia chegado o momento de encarar a realidade de frente, mesmo que isso resultasse abrir mão do controle que eu tanto lutei para manter.

Aceitei que minha tentativa desesperada de proteger minhas filhas me enredou numa espiral de mentiras e paranoia. A verdade sobre o que acontecera com Thomas e o que fiz para proteger Nan e Sofia não podia mais ser escondida. Decidi encarar essa verdade não apenas para manter a confiança delas, mas também para aliviar o peso constante do segredo.

Com Sofia ao meu lado, compartilhamos lágrimas e abraços, reconhecendo que nossa jornada seria difícil. Naquela noite, senti um misto de alívio e temor pelo futuro incerto. Não importava o que o futuro nos reservava, eu estaria lá para minhas filhas, enfrentando as consequências das minhas ações com coragem. A batalha continuava, mas agora não era mais tão solitária.



Desde que ela se foi

SILVANO MESSIAS DOS SANTOS

Respiro fundo, lentamente, enquanto sinto o ar seco e quente de setembro preencher todo meu vazio interior. Concomitantemente, fecho os olhos e a vejo. Ela está sorrindo para mim, sentada no balanço de madeira, bem à vontade no vestido florido que lhe dei de presente em seu último aniversário. O vento espatifa seus longos e volumosos cabelos, encobrindo metade da face rosada. Ela balança a cabeça delicadamente e sorri, convidando-me. Sua voz é doce e seus gestos delicados.

Ouço o miado sereno de Gaia, a gatinha cega que ela deixou sob meus cuidados, e me assusto. Abro os olhos e encaro a realidade: minha imagem descuidada refletida no pequeno espelho trincado suspenso acima da pia do banheiro por um barbante preso à cabeça de um prego enfiado indelicadamente na parede descascada.

Encaro minha imagem duplicada pela rachadura que parte o espelho bem ao meio. Uma face imponente e meio exótica, eu diria, mas

de aparência abatida e um pouco magra demais, com um conjunto de sardas distribuídas pelas bochechas salientes e uma tímida espinha na ponta do queixo. Olhos amendoados, distantes e intrigados. As sombras embaixo deles evidenciam ainda mais a pele desbotada, carente de uma camada generosa de corretivo, no mínimo. O pescoço esguio, exposto pela camiseta folgada demais, revela uma das cicatrizes decorrentes do acidente sofrido três anos atrás.

– Paola, me perdoa! – sussurro, tentando, sem sucesso, expulsá-la de minhas memórias. Tento domar as lágrimas, mas elas desobedecem.

Aos prantos, caminho até a varanda do apartamento. Gaia me acompanha, acariciando minhas pernas com seu pelo ébano demasiadamente macio. Pego-a no colo e ela começa a ronronar. Do terceiro andar, encaro o chão lá embaixo e desta vez não tenho vertigem. O sol clareia meu rosto, mas não vejo seu brilho. Os pássaros cantam felizes no chafariz, mas não os ouço. Jovens se divertem na rua, mas seus risos são tristes. A tarde está colorida, mas para mim apenas mais um dia cinza, sem graça e sem vida.

Pensar que as pessoas que amamos podem morrer é muito doloroso. Um dia, mais cedo ou mais tarde, “a vida acaba” para todos nós – sabemos disso –, mas jamais estamos preparados para perder aqueles que amamos. Crentes ou não na possibilidade de “vida além-túmulo” e, portanto, de um dia reencontrarmos noutra dimensão quem partiu antes de nós, o luto deixa um vazio impreenchível mesclado de dor, ausência, saudade. Enfim, algo difícil de nomear...

Exatamente hoje completa três anos que ela se foi, que ela partiu para não mais voltar. É como se, com a partida dela, eu tivesse partido também e não conseguisse encontrar o caminho de volta para casa, de volta para mim.

Lembro-me da professora Teka falando entusiasmada sobre a

“sequência natural da vida” nas aulas de Ciências no Ensino Fundamental I: “os seres vivos nascem, crescem, se reproduzem, envelhecem e morrem”. Obviamente, é da ordem do impossível ser tão simples assim. *A vida não é padronizável e escapa à normatização.* Neste sentido, à falência destina todo e qualquer modelo. *Cada ser humano é especialmente singular* e percorre um caminho singularmente particular pela estrada da vida. Alguns nascem e crescem, geram descendentes ou não, envelhecem ou não. Outros morrem antes mesmo de nascer, ou nascem e morrem antes de crescer. Apenas algumas “sequências possíveis” de transição pelos (per) cursos da vida.

Um padre me disse certa vez algo mais ou menos assim, quando eu estava na igreja à procura de paz: *“aqueles que amamos nunca morrem, apenas partem antes de nós, porque na memória de quem ama não há lugar para o esquecimento e, portanto, ninguém morre se permanece vivo no coração”.*

Quando ela se foi, sentia que 99,9% de mim tinha morrido: apenas 0,1%, ou menos que isso, tentava se manter vivo, de pé. Me sentia morrendo, lentamente, dia após dia. Um vivo morto. Morto em vida. A dor da perda tortura aos poucos e às vezes me parece infinitamente pior que a própria morte. Sobre isso, o jornalista, político e autor americano Norman Cousins, diagnosticado com uma grave doença degenerativa, da qual afirma ter se curado assistindo com amigos seriados cômicos pela televisão, pontuou certa vez que *a maior perda da vida não é a morte, mas o que morre dentro de nós enquanto vivemos.*

Minha psicóloga me disse que cada pessoa sente e vive o luto de formas e intensidades diferentes. E que o luto precisa acontecer e ser vivido: “a morte faz parte da vida e cada processo de luto é individual, mas esse processo precisa ser saudável; o sofrimento precisa dar lugar a um sentimento de saudade saudável”, falou, durante uma sessão de terapia. Algo nesse sentido ouvi a médica Ana Cláudia Quintana

Arantes comentar em seu perfil nas redes sociais: a morte é um fato e *o luto é o preço do amor*; logo, *a saudade é o amor que fica*. Segundo ela, quanto mais amor, mais sofrimento, mas também mais chances de curar a dor da perda.

Será?

Desde que Paola se foi, naquele acidente de carro, me perdi de mim. Eu estava ao volante quando o veículo capotou e caiu na ribanceira, logo em seguida desaparecendo sob as águas do Rio São Francisco. Um pequeno descuido de um segundo com consequências brutais e irreparáveis.

Em *Alice no País das Maravilhas* ela pergunta ao Coelho:

– Quanto tempo dura o eterno?

Ele responde:

– Às vezes, um segundo.

Como também nos ensinou Charles Chaplin: *um segundo é tempo suficiente para mudar tudo, para sempre...*

Agora, três anos depois daquele segundo que nunca passou, sinto que a vida precisa *seguir em frente*.

Sei que *somos feitos de encontros e saudades*, e o outro, inevitavelmente, sempre ocupa lugar em nossas vidas, marcando-nos e repercutindo em nossos modos de existir. O outro nos afeta, positiva ou negativamente. Deixa marcas, visíveis ou invisíveis. *Somos carregados de passado, de antepassados e construídos de outros*: as nossas experiências, histórias de famílias, de lugares e de sonhos são elementos que se entrelaçam em nós, acompanhando-nos e constituindo-nos. *Somos os nossos discursos e desejos ditos e não ditos*. Em nosso corpo, memória e coração, consciente ou inconscientemente, ficam registradas as lembranças: os sons, as imagens, os odores, as histórias que ouvimos e encontramos em cada pessoa, em cada rua, esquina, casa, quintal.

– Miau! Miau! – manifesta Gaia, trazendo-me novamente à realidade.

As malas nos esperam ao lado da porta da sala e, sem mais delongas, me dirijo até elas. Antes de fechar a porta do apartamento e partir, olho emocionada para seu interior, despedindo-me. Com Gaia engatada em meus ombros, arrasto com dificuldades as bagagens até a garagem e as acomodo no porta-malas do carro, encaixando-as aos demais pertences previamente lá esposados.

Minutos depois, a cidade fica para trás.

Minhas mãos frias e trêmulas seguram com firmeza o volante da Perua DKW-Vemag 1958 azul ardósia escura enquanto sigo atenta pela estrada sinuosa e desértica. Uma hora e meia mais tarde subo a “Ladeira da Morte” e lá do alto avisto o Rio São Francisco agonizando de sede em decorrência da crise hídrica que a cada ano parece afetá-lo cada vez mais violentamente. Olho para a curva do caminho e sinto o coração acelerar os batimentos, num ritmo frenético e desesperado. Foi exatamente ali que tudo aconteceu, três anos atrás. Respiro fundo para aliviar a tensão e acelero o veículo delicadamente. Aumento o volume do som automotivo e a voz poderosa de Clara Nunes imediatamente invade-me.

(...)

O Sol há de brilhar mais uma vez

A luz há de chegar aos corações

Do mal será queimada a semente

O amor será eterno novamente

(...)

Abaixo o vidro da janela e o vento fresco acaricia meu rosto, relaxando-me. Gaia, que durante todo o trajeto dormia no banco do pas-

sageiro, acorda sonolenta e se acomoda em meu colo. Instantes depois, a ribanceira fica para trás. E com ela, o medo. Então piso o pé no acelerador, desta vez com vontade, e o carro ganha cada vez mais velocidade, a sensação de liberdade me tomando por inteira. Fazia tanto tempo que não sentia essa sensação, que nem me lembrava mais do quanto ela é magnificamente formidável.

Após atravessar a ponte de madeira que dá acesso à margem direita do Velho Chico, avisto o casarão ao longe através da esparsa vegetação típica da zona de transição cerrado-caatinga.

– Estamos chegando em nossa antiga casa, Gaia.

Ela me responde com um leve resmungo fofo.

Estaciono o veículo diante do portão de pedra encimado por uma marquise de aroeira e alvenaria, a poucos metros da casa. Nas extremidades do portão, trepadeiras de folhagens grandes e triangulares descem até o chão, formando uma elegante primavera. Dali até a sacada da residência segue um trajeto de pedregulho sinuoso, rodeado por árvores frutíferas cuidadosamente podadas e um elegante jardim com flores ornamentais de estilos variados.

– Você conseguiu! Você conseguiu! – digo-me, os olhos emocionados fitando meu rosto no espelho interno do veículo. Desde o dia do acidente eu não dirigia...

Disposta a recomeçar a vida – “você precisa *seguir em frente*”, me disse Paola em sonhos –, voltar a dirigir significa encarar meus medos e traumas. Um ato de coragem. “Tudo aquilo que não encaramos, nos aprisiona” (Bert Hellinger), dizia um dos quadros expostos na sala de espera da clínica de psicoterapia que frequentava.

“A vida é feita de capítulos e você precisa editar seu enredo, assumir a autoria de sua própria história. É possível reelaborar o passado para ressignificar o presente e construir o futuro”, disse-me a psicóloga, encorajando-me. E para fazer as pazes com o passado – e comigo –, ou

seja, para me reencontrar, pensei: “nada melhor que voltar à fazenda, às minhas raízes, porque aqui meu coração sempre está”. E por isso aqui estou. De volta para mim.

O sol, prestes a se esconder no horizonte parcialmente nublado, criava lindos borrões alaranjados atrás das montanhas situadas ao longe, no ponto mais distante, onde o céu parecia se encontrar com a terra. Fiquei um tempo ali, contemplando aquela beleza descomunal.

Logo mais a noite cairia diante dos meus olhos.

Abro a porta do carro e Gaia antecipa sua saída, parecendo reconhecer nosso antigo lar. Tiro as malas do bagageiro e devagar levo-as até a cobertura da porta principal, após subir com dificuldades vários degraus da escada que dá acesso à espaçosa varanda. Gaia, atrás de mim, cheira tudo que encontra pelo caminho e parece animada.

Um silêncio infamiliar envolvia-nos.

Aquele lugar, que noutros tempos fora palco de inúmeras cenas em família, parecia humanamente desabitado.

Subitamente, fragmentos de minha vida começam a emergir e desaparecer em minha mente. Rápidos lampejos de memória: brincadeiras, piqueniques, banhos no Velho Chico, passeios a cavalo, conversas e risadas jogadas ao vento. Enfim, flashback de um passado feliz inscrito nas entranhas do tempo atual. Um passado que não passou, mas que, reconheço agora, permanece vivo, ativo consciente e/ou inconscientemente.

Em meio a memórias, mas atenta ao entorno, me aproximo de uma das janelas de vidro da casa e por um breve instante sou tomada pela sensação de ouvir um barulho vindo de seu interior. Então me manifesto:

– Tem alguém aí?

Ninguém responde.

Decido então girar a maçaneta da porta, mas está trancada.

Intrigada, retorno à janela e desta vez identifico o vulto de uma pessoa no fundo da sala. Imaginação ou realidade?

Titubeante, aproximo o rosto na vidraça e fixo o olhar na direção da suposta silhueta humana envolta pela sombra e penumbra, mas desta vez nada percebo. Com as cortinas semifechadas, a fraca clareza do sol que agora se escondia no horizonte não penetrava o ambiente, impossibilitando a visualização.

Confusa, esfrego os olhos e tento me convencer de que nada vi. Começo, então, a percorrer o quintal, circulando a casa em busca de alguém que me recepcionasse, mas assim que deixo a sacada ouço a porta principal ringir e abrir lentamente.

Regresso apressada e descubro a porta agora entreaberta. Empurro-a devagar, entrando na sala espaçosa, em alerta: *“se estava fechada, alguém abriu para mim; mas quem? E por que não se revela?”*, pensei, intrigada.

De repente, uma brisa estranhamente fria começa a soprar. Gaia se posiciona ao meu lado: seus olhos estão arregalados e os pelos arrepiados! Abaixo para lhe fazer um rápido cafuné e logo em seguida caminho para o centro da sala.

Os móveis são os mesmos da época em que morávamos ali. No centro da sala, uma mesa triangular feita de pedra e madeira rústica sustenta um belo arranjo de flores silvestres. Num canto, próximo aos sofás de modelo medieval, meu antigo piano coberto por uma toalha de cetim. Um tapete veludo escuro se estende até a escadaria, situada no outro lado da sala. No alto, três ilustres de cristais dão um ar imponente à decoração.

Caminho em direção à escada que dá acesso aos quartos, atenta aos movimentos silenciosos da casa, mas, de repente, uma voz familiar soa atrás de mim. Viro num impulso, extremamente chocada, sem acreditar no que estava acontecendo.

Era a voz de Paola!

...

E então acordo, assustada, voz entalada na garganta, coração quase saindo pela boca. Tem sido sempre assim, há três anos.

Desde que ela se foi...



Do amor

ICTERUS JAMACAI

A imagem na televisão mostrava que, uma a uma, as pequenas aves eclodiam de seus ovos e prontamente seguiam cada passo da mãe. Perante aquela cena era inevitável a lembrança daquela conversa com o velho Marcelo, anos atrás, quando filavam aula para tomar uns porres e esperar pela coragem necessária para flertar com alguma garota.

– Os patos não sabem o que é uma mamãe pata. Eles simplesmente seguem a primeira coisa grande que se mova assim que rompem a casca do ovo. É por isso que é tão comum esses vídeos de patinhos seguindo um fazendeiro, cachorro, gato ou qualquer outra coisa.

– Mas que diabos isso tem a ver com o meu dedo podre?

– Tudo. Quando nascemos, somos tão ingênuos e indefesos quanto os pequenos patos. Não há outra possibilidade senão nos apegar aos nossos cuidadores. O amor que aprendemos e levamos para a vida adulta é o amor que eles nos deram, de forma que se esse amor vem

misturado com doses de frieza e desprezo, você estará fadado a se apaixonar por aquelas que não estão nem aí para você. Sinto muito, meu velho, mas talvez seja esse o seu caso.

– Quer dizer que esse dedo podre é culpa dos meus pais? Porra, mas eles sempre me trataram bem.

– Não é uma questão de ser bom ou ruim. Às vezes precisamos de uma quantidade de amor e dedicação que, por inúmeros fatores, nossos cuidadores não podem nos dar. É uma fatalidade, uma tragédia grega, não há culpados.

Havia algo de interessante em refletir sobre as razões pelas quais nos apaixonamos por quem não gosta da gente. Mais intrigante ainda era o fato de que, mesmo conhecendo a lógica por trás do problema, isso não afastava a vontade de enviar mais uma mensagem para a ruína dos olhos de buraco negro que claramente não queria nada com ele. Ainda estava fresco em sua memória o discurso gentil, mas avassalador, que ela lhe dirigiu da última vez.

– Você é um cara legal, eu também gostei de você, mas acontece que nossas intenções são diferentes. Me desculpa se eu criei alguma expectativa em você, mas realmente não vai acontecer. Eu gostaria que você esquecesse isso e ficássemos somente como amigos.

Ele também gostaria de esquecer, mas não era assim tão fácil, não era como estalar os dedos e tudo estaria bem. Talvez fosse a falta de maturidade, talvez fosse uma manifestação do seu deficitário amor-próprio, a questão é que a desejava e sentia que a simples amizade seria uma tortura. Foram se afastando. Vez ou outra ainda tentara alguma conversa, mas as respostas demoradas e curtas lhe faziam mal, na medida em que escancaravam a falta de interesse. Uma hora a ficha cai até para o mais estúpido dos apaixonados.

Agora ainda lembrava daquele primeiro encontro, dos cabelos de fogo que ela possuía, dos olhos tão escuros quanto a noite, de como

gostava de falar de poesia e arte, do olhar tão cativante que lhe dirigiu enquanto declamava um trecho de Rimbaud. Lembrava também do longo vestido verde que ela usava e que dizia ter tomado de empréstimo da mãe. E como ficara bem nela. Aliás, no estado de encantamento em que se encontrava, era provável que qualquer coisa lhe ficasse bem. Mas aquele vestido que se misturava de forma natural às plantas ao fundo de onde estava sentada, somado à vela que ela fizera questão que fosse acesa assim que se sentaram à mesa e a xícara de café fumegante, formara uma composição tão bela que facilmente poderia servir de inspiração para um grande artista. Aquela tarde passada em sua companhia fora a melhor que tivera em muito tempo e criara-lhe uma forte impressão de que, se a felicidade fosse mesmo possível, ela só poderia sê-lo por meio do amor.

Mas o amor não veio, pelo menos não o tipo recíproco que tanto imaginara e ansiava. Talvez realmente não fosse para ele esse negócio de amor. Provavelmente não era o único. Quem sabe um dia não encontrasse outros igualmente azarados e se reunissem como um grupo de moribundos que, se não podem mudar o trágico fim, ao menos podem se reconfortar na miséria compartilhada.

“Você é meio maluco, um maluco emocionado”, ouviu certa vez de uma amiga. E era uma boa definição. Mas será que valia a pena agir diferente? Se gostamos de alguém, não devemos ser sinceros quanto à extensão desse sentimento? Seria possível não sofrer se esse amor não fosse recíproco? A racionalidade é possível quando se está apaixonado?

– Dizem por aí que a melhor forma de nunca encontrar o amor é continuar apegado aos indisponíveis – disse Marcelo, naquela mesma noite enquanto entornava outro copo de cerveja. – Se é esse o seu objetivo, eu tenho que te dar os parabéns, é um belo trabalho que você tem feito.

Mas não seria essa carência afetiva apenas mais uma face do desgosto crônico que sentia por si mesmo? Agora, na varanda de casa, fitava o morro que se erguia à distância, ao fundo de onde logo o sol repousaria. Era verdade que muitas vezes sentia a solidão lhe esmagar, mas em outras sentia que estar sozinho era uma dádiva. Geralmente era prazeroso quando deixava os pensamentos fluírem livremente por sua mente agitada, eventualmente apanhando um ou outro fantasma que ali habitava e escutando o que ele tinha a lhe dizer. Foi assim que lembrou dos tempos de escola, mais especificamente daquilo o que tanto o atormentou, os apelidos, as músicas humilhantes e as agressões. Nada daquilo existia mais naquele momento, mas as marcas eram tão reais. Guardara as ofensas e as carregava por aí como uma bagagem pesada. Era muito provável que o que pensava de si agora nada mais fosse que um reflexo do que pensaram dele na infância, afinal de contas, o menino é o pai do homem.

Havia crescido, e das coisas que a sociedade nos diz para perseguir, conquistara algumas e continuava a correr atrás das outras. Esforçara-se desde cedo para cumprir as expectativas da família, embora naquela época não houvesse outra opção. Depois de um tempo tentou acreditar que aqueles eram os sonhos dele, as escolhas dele. Mas tudo se provou uma ilusão. A felicidade que tanto esperara, não chegou. Para escapar da angústia, houve um tempo em que se dedicou avidamente ao trabalho, às paixões, ao acúmulo. Mas algumas coisas não podem ser silenciadas, elas simplesmente voltam gritando ainda mais alto. “O sono da razão produz monstros”, estava escrito em uma pintura que viu certa vez. Isso lhe parecia bem verdadeiro, visto que, passado certo tempo, ele se deu conta de que não sabia nem mesmo quem era, o que ansiava e nem mesmo para onde estava indo.

O caminho natural fora se tornar uma espécie de cínico, daqueles chatos que se rotulam realistas quando na verdade estão abraçados ao

pessimismo e que insistem na ideia de que todos os esforços são inúteis, que depois de nossa morte o tempo haverá de apagar quaisquer marcas que tenhamos deixado, que tudo o que os bonzinhos almejam é expor suas supostas virtudes e que o amor é uma ilusão. Mas nos últimos tempos começara a se convencer de que seu problema talvez fosse uma falta de ternura. Falta de alguém que escutasse com carinho sobre os seus medos, dúvidas, remorsos e rancores.

Certa vez encontrara uma alma que lhe fizesse tal caridade. Se chamava Bárbara, conheceram-se em um café e, durante outros encontros, foram nutrindo um interesse mútuo um pelo outro. Inicialmente, não havia nela nenhuma beleza extraordinária que fosse capaz de incendiar o seu desejo, como ocorrera com outros amores. Mas, à medida em que foram se abrindo e permitindo um ao outro, aos poucos, uma vaga compreensão de quem eram realmente, notou a gênese de um sentimento de afeto tão forte que muitas vezes se surpreendia contemplando-a perdidamente. Em certa ocasião, como se procurasse pistas para responder a uma pergunta que ele mesmo fizera a si e para a qual nunca achara a resposta, questionou-a.

– Que tipo de coisa você gostaria de conquistar na vida, Babi?

– Eu gostaria de ter o olhar dos artistas, ou das crianças. Olhar para as coisas cotidianas, para as coisas simples, e enxergar novidade nelas, como uma criança, ou tentar buscar a essência delas, como um artista. Sabe, eu acredito que a gente não precisa de muito para ser feliz. Estou buscando viver de acordo com essa crença.

Era uma dessas pessoas que possuíam motivos para se afundarem, mas que usavam eles como fonte de força, como provas concretas de que podiam prosseguir apesar dos percalços. O pai, por quem ela nutria enorme carinho quando pequena, abandonou a família quando ela tinha cinco anos para começar outra vida com uma amante com quem já mantinha relações a anos. Lembrava vivamente das

discussões ásperas enquanto tentava dormir, dos copos quebrados, das palavras rudes e dos soluços da mãe. A mãe, por sua vez, nunca superou completamente a separação e, por muitas vezes, descontara sua frustração no álcool e na filha pequena. Com sete anos foi morar com a avó em uma pequena casa no campo onde, se não havia luxo, ao menos não faltara amor. Dizia que sua vó Aurora costumava contar-lhe histórias todas as noites antes de dormir. Era quem pegava em seu pé nos estudos e não deixava de lhe dizer que um dia seria uma menina bem-sucedida. Babi guardava com carinho a memória de um dia em que, não conseguindo dormir, fora ao quarto da avó e, ao chegar à porta, encontrara-a orando à meia voz. Em meio à prece pudera distinguir algo como “que essa menina possa um dia ser alguém na vida, que ela possa ser feliz e que a boa sorte seja a sua companhia”. Agora, sempre que falava da velha Aurora, a muito tempo falecida, seus olhos marejavam.

Foi Bárbara quem lhe apresentou uma das frases mais belas que ele se recordava, uma que ela havia lido em um conto de Primo Levi e que era algo como “e agora eu sei a importância de não necessariamente ser forte, mas sentir-se forte”. Para ele, aquela mulher era um bom exemplo do que significava ser forte.

Agora estava longe, já fazia dois anos que saíra do país para estudar e trabalhar. Arrependia-se de não ter dito para ela que a amava, arrependia-se de, quando iam para a cama e ela se deitava em seu peito, não ter lhe dito o quanto gostava dela e quanta falta ela fazia quando ia embora. Arrependia-se, sobretudo, da frieza com que muitas vezes a tratou por medo de que, se fizesse de outra forma, ela se cansasse facilmente dele e se afastasse.

Prestou atenção no morro mais uma vez. O sol agora tocava o seu cume e eclipsava aquela grande parede rochosa que logo o acolheria e o faria adormecer. Contemplando aquela cena, de súbito um pensa-

mento lhe invadiu a mente: havia amado. Aliás, o que mais poderia ser aquela felicidade que experimentara naquelas noites ao lado de Babi? O que fora aquele desejo de que o tempo cavalgasse um pouco mais devagar para que pudesse desfrutar um pouco mais daquela companhia tão agradável? Por que ficara marcada de forma rica em sua memória cada cena daquele último encontro quando ela, com lágrimas nos olhos, lhe disse que havia conseguido a bolsa de estudos que tanto esperara e que partia para Chicago na semana seguinte? Tudo isso só podia ser devido à presença do amor. Mesmo o medo de ser sincero à Bárbara quanto à natureza de seus sentimentos, também isso fora por amor. Era uma pena que, por diversas vezes em sua vida, o houvesse misturado à ideia de posse. Era uma lástima que houvesse estragado um sentimento elevado pela cobrança em ser amado de volta. Aqueles instantes passados haviam sim lhe proporcionado uma felicidade genuína, seu erro foi querer estendê-la a qualquer custo, quando poderia simplesmente reconhecer a sua presença e desfrutar o quanto a sua efemeridade permitisse.

Uma vez mais, lembrou-se da fisionomia de Bárbara, em seu devaneio viu-a sorrindo e então desejou que ela fosse feliz. Era uma forma de gratidão pela elevação de espírito que ela própria o havia proporcionado. E tão sincero foi esse desejo que ele mesmo se sentiu invadido por uma espécie de leveza e bem-estar. Fitou o horizonte, o sol se pusera por completo. Amanhã se levantaria novamente, assim como ele. Havia tempo. Tempo para amar uma vez mais. Agora, havia sobretudo esperança.



Vozes da terra calada

JEAN LUCAS VINHAS MEDEIROS DE CARVALHO

João sentia a areia fina e quente sob seus pés enquanto caminhava pela velha estrada de terra. Ao longe, as montanhas se erguiam como sombras imponentes no horizonte, guardando segredos de tempos que sua geração não conhecia mais. As histórias de seu bisavô sempre o fascinavam, mas naquela manhã, com o sol queimando sua pele, sentia o peso das decisões que teria de tomar.

Desde menino, ouvira as vozes da terra, murmurando histórias antigas, secas como o vento que varria o sertão. Na pequena casa de adobe onde vivia com sua mãe, num vilarejo esquecido no meio do sertão são-franciscano, João encontrou, em uma velha caixa de madeira, as cartas de seu bisavô, Pedro. Eram páginas amareladas, desgastadas pelo tempo, onde Pedro narrava a batalha silenciosa de seu povo contra a seca e a falta de justiça.

Pedro fora um homem que lutara com dignidade, não com armas, mas com palavras e uma fé inabalável em que dias melhores chega-

riam. João, sentado na varanda com as cartas espalhadas ao seu redor, imaginava o velho de olhar firme, arando a terra dura enquanto sonhava com a chegada das chuvas que nunca vinham.

“A terra sempre fala, João”, dizia sua mãe nas noites longas, quando os ventos quentes sussurravam através das janelas de madeira. “É preciso saber ouvir.”

Naquela manhã, algo dentro de João o impulsionou a deixar a casa. Precisava ir ao lugar que seu bisavô sempre mencionava nas cartas: o vale escondido, onde os antigos líderes do sertão se reuniam para planejar uma vida nova para suas famílias. Diziam que era um lugar sagrado, onde os homens encontravam sua coragem e força, e onde a terra se abria em poços de água cristalina, tão raros quanto as chuvas.

Conforme João avançava na trilha, a paisagem ao seu redor parecia cada vez mais desolada. Árvores secas se erguiam como espectros, sombras imóveis contra o céu azul e imenso. Tudo ali era árido, exceto pelos ecos das palavras que lera na noite anterior. Nas cartas, Pedro falava sobre a luta por direitos e dignidade, sobre os vizinhos que abandonaram suas casas, buscando uma vida melhor nas cidades grandes. Mas ele ficou acreditando que o sertão ainda guardava uma promessa.

Quando finalmente chegou ao vale, João se surpreendeu. Era exatamente como Pedro o descrevera, mas diferente do que esperava. Não havia água. O poço estava seco. As pedras ao redor estavam cobertas de poeira, e a única coisa que se ouvia era o som do vento cortante.

Sentou-se em uma das pedras, segurando as cartas. Em silêncio, João entendeu que aquela luta não era só contra a natureza implacável. Era contra o esquecimento. Contra o abandono. O sertão não era só terra rachada; era memória, era resistência, era vida.

Lembrou-se das histórias de sua mãe e de como seu bisavô falava do futuro que desejava para as próximas gerações. Pedro não vira a

promessa da terra se cumprir, mas João agora sabia que ele nunca desistira de acreditar. E isso era o que importava.

Sentiu o peso da responsabilidade. Poderia ele fazer algo? Poderia continuar aquela luta silenciosa, em um mundo onde tantos já haviam desistido? Olhando para as cartas, percebeu que a resposta estava ali, em cada palavra rabiscada com cuidado. As vozes da terra calada precisavam ser ouvidas novamente. Ele não podia abandonar o sertão. Não como muitos haviam feito.

Ao se levantar, olhou uma última vez para o poço seco. Não era mais um símbolo de fracasso, mas de resistência. Enquanto existisse alguém para ouvir a terra, o sertão não estaria morto.

“Voltarei”, murmurou. “Voltarei com todos que queiram ouvir.”

E assim, com as cartas guardadas no bolso, João voltou para sua casa, sentindo-se parte de algo maior. Seu bisavô não estava mais sozinho. As vozes da terra agora viviam nele.

João voltou ao vilarejo com a cabeça cheia de ideias. Sentia um novo vigor, como se a terra seca sob seus pés tivesse, de alguma forma, despertado uma centelha de vida dentro dele. Mas, ao chegar em casa, a realidade o puxou de volta com força. As mesmas paredes de adobe, as mesmas dificuldades e as mesmas histórias de desânimo dos vizinhos. Muitos estavam prontos para partir, desistindo do sertão e de suas promessas não cumpridas.

No entanto, João não conseguia aceitar. Naquela noite, deitado em sua cama, as palavras do bisavô ecoavam em sua mente. Não era apenas sobre resistir, mas também sobre agir, encontrar maneiras de devolver a esperança àquelas terras esquecidas. Ele sabia que o caminho não seria fácil, mas agora carregava consigo algo mais forte do que o medo: a convicção de que a mudança era possível.

Na manhã seguinte, João foi até a casa de seu amigo Davi, um jovem agricultor que também sonhava com dias melhores, embora esti-

vesse prestes a partir para a cidade grande. João lhe mostrou as cartas de Pedro e falou sobre a viagem ao vale.

“É bonito, João”, disse Davi, com um sorriso cansado. “Mas o que faremos com palavras? Elas não enchem o poço.”

João suspirou. “As palavras do meu bisavô não trazem a água de volta, mas nos mostram que, enquanto ficarmos de braços cruzados, a seca vai nos vencer. Precisamos fazer algo diferente.”

“E o que sugere?”, Davi perguntou, cruzando os braços.

“Reunir o povo. Fazer a terra ouvir nossa voz. Trazer as técnicas de irrigação, melhorar a plantação, cobrar das autoridades o que é de direito nosso. Não podemos esperar pela chuva como se fôssemos condenados a esta vida seca.”

Davi olhou para o amigo, a esperança lutando para se fazer presente em seus olhos. “Você acha que o povo vai escutar? Eles já estão prontos para partir.”

“Talvez não de imediato, mas se dermos o primeiro passo, talvez outros sigam.”

Nos dias seguintes, João e Davi começaram a visitar as famílias da região. Conversaram com os mais velhos, que lembravam dos tempos de Pedro e suas lutas pela sobrevivência. As palavras de João ressoavam nas lembranças, despertando algo que estava adormecido. Aos poucos, a ideia de desistir começou a ser questionada.

Na praça central do vilarejo, João organizou uma reunião. As pessoas chegaram com expressões desconfiadas, muitos com o peso de quem já havia desistido. Mas João falou com paixão. Leu trechos das cartas de Pedro e relembrou as lutas do passado. Contou sobre sua visita ao vale e o que aquilo significava para ele.

“Não é a água que falta aqui, meus amigos. É a união. É o espírito de resistência que nossos antepassados carregavam. Se formos embora, deixamos a terra morrer. Se ficarmos, podemos trazer a vida

de volta. O sertão não é só terra rachada, é a nossa casa, é a nossa história.”

Os rostos começaram a mudar. Alguns, como Davi, sentiram as palavras de João ecoarem em seus próprios sonhos. Outros ainda estavam reticentes, mas, pela primeira vez em anos, o vilarejo sentiu um sopro de algo diferente: esperança.

Nos dias que seguiram, João liderou os esforços para revitalizar o vilarejo. Junto com Davi, buscou apoio de técnicos agrícolas e especialistas em irrigação. Os poços secos começaram a receber sistemas de captação de água da chuva. As plantações foram reorganizadas e as técnicas tradicionais de cultivo foram adaptadas às novas realidades.

Aos poucos, a terra que antes só conhecia a aridez começou a mostrar sinais de recuperação. Pequenos brotos verdes surgiram nas plantações e, com eles, o orgulho dos moradores voltou a florescer. O vilarejo, antes condenado ao esquecimento, passou a ser visto como um exemplo de resistência e inovação.

João, agora uma figura central na comunidade, observava com satisfação o resultado do esforço coletivo. Porém, ele sabia que o caminho ainda era longo. A seca não havia desaparecido e os desafios ainda eram muitos, mas o espírito que havia trazido vida àquele lugar era inquebrável.

Numa tarde tranquila, enquanto observava o pôr do sol tingindo de laranja o céu do sertão, João ouviu novamente as vozes da terra. Desta vez, não eram lamentos, mas sussurros de gratidão. Ele sorriu, sabendo que seu bisavô Pedro estaria orgulhoso.

Os meses se passaram, e o vilarejo transformou-se num símbolo de esperança. O pequeno grupo que se uniu sob a liderança de João havia crescido, atraindo olhares curiosos de outras comunidades. O sertão, que antes parecia apenas um deserto infértil, agora mostrava sua força oculta. O sistema de captação de água prosperava, os cam-

pos eram cultivados com técnicas aprimoradas, e o mercado local começava a reviver. As frutas e legumes que brotavam da terra tornaram-se prova viva de que a resiliência era mais poderosa que qualquer seca.

Certa manhã, João acordou com um sentimento de inquietude. Algo lhe dizia que o trabalho ainda não estava completo. Embora o vilarejo estivesse florescendo, havia algo maior a ser feito, algo que iria além de sua comunidade.

Enquanto caminhava pelas plantações, avistou ao longe uma comitiva de homens de terno e carros com placas do governo. O progresso do vilarejo havia finalmente chegado aos ouvidos das autoridades. João sabia que aquela visita era importante, mas também sentia a desconfiança crescer em seu peito.

O líder da comitiva, um homem corpulento e de fala mansa, apresentou-se como o novo secretário de desenvolvimento regional. Após os cumprimentos formais, ele elogiou os esforços da comunidade e sugeriu que o governo assumisse a gestão das terras, oferecendo em troca promessas de modernização e investimento.

“Isso tudo é impressionante, João”, disse o secretário, com um sorriso largo. “Mas com o apoio do governo, podemos transformar essa pequena vila em um grande polo agrícola. Tratores, irrigação moderna, tudo o que vocês precisam. Claro, seria uma parceria, o governo ficaria com parte da produção, mas vocês teriam muito mais do que isso.”

João olhou para a comitiva, sentindo o peso daquelas palavras. A promessa de modernização era tentadora, mas a experiência de sua comunidade havia sido construída com suor e esforço coletivo. Aceitar aquela oferta significava abrir mão de algo que não poderia ser medido em cifras: a autonomia e o orgulho do povo.

“Com todo respeito, senhor secretário”, João começou, “agrade-

ceamos a visita e a oferta, mas essa terra, como o senhor vê, começou a florescer não por causa de máquinas ou contratos, mas pelo nosso esforço conjunto. Ela nos pertence de maneira mais profunda do que qualquer papel pode dizer. Se aceitamos sua ajuda, entregamos algo que custou mais do que qualquer modernização pode nos dar”.

O sorriso do secretário vacilou por um momento. Ele olhou ao redor, tentando entender o que movia aquele povo. “Mas João, você entende o que está em jogo, certo? Estamos falando de um crescimento exponencial. Vocês não precisam continuar lutando sozinhos.”

João, com os olhos fixos nos campos, balançou a cabeça. “Não estamos sozinhos. Temos uns aos outros. Isso é mais do que qualquer máquina pode nos oferecer. O que estamos fazendo aqui não pode ser medido pelo dinheiro que poderíamos ganhar, mas pelo valor de manter nossa história e nossa autonomia vivas.”

O secretário olhou para seus assessores, desconcertado, e, com um aceno curto, retirou-se junto com sua comitiva. João os viu partir, sentindo o peso da decisão, mas também uma tranquilidade em seu peito. O vilarejo continuaria a crescer, mas à sua maneira, no seu tempo.

Nos meses seguintes, a notícia da rejeição à proposta governamental espalhou-se. A decisão de João foi recebida com admiração por uns e desdém por outros. Algumas comunidades vizinhas, atraídas pelas promessas do governo, seguiram o caminho da modernização, mas os habitantes do vilarejo de João escolheram confiar na força de sua união.

Com o passar dos anos, a pequena comunidade continuou a crescer, mas sem perder suas raízes. As crianças que nasciam já não conheciam o desespero de seus pais e avós. Elas cresciam correndo pelos campos, ouvindo as histórias de como a terra fora resgatada do esquecimento. João, agora mais velho, via nas novas gerações o fruto de

tudo pelo qual havia lutado. E, mesmo com as dificuldades que ainda surgiam, sabia que o espírito do sertão nunca havia sido tão forte.

Numa tarde de verão, João caminhou novamente até o vale escondido, o lugar onde sua jornada começara. Sentou-se na mesma pedra onde estivera tantos anos antes, as cartas de seu bisavô Pedro ainda guardadas no bolso. O vento soprava suave, e ele fechou os olhos, ouvindo as vozes da terra. Elas não lamentavam mais. Agora, sussurravam histórias de resistência, de vida, de um povo que havia vencido a seca com a força de sua vontade.

João sorriu. O sertão estava vivo. Ele sempre estivera. Tudo o que precisavam era alguém para escutar.



O canto do mar e da terra

JOSMAILTON ANJOS

Nas águas salgadas do litoral nordestino, o sol nasce vermelho, abraçando o horizonte como um gigante adormecido que desperta para mais um dia. Zé Pescador, como era conhecido na vila, tinha o rosto marcado pelo tempo e pela vida dura no mar. Seus olhos, profundos como a maré, carregavam histórias que só o oceano conhecia.

Desde que se entendia por gente, o mar era seu guia, seu sustento, sua luta. Herança de seu pai, que aprendeu com o avô, o ofício de pescador vinha passando de geração em geração, como uma benção e, às vezes, uma maldição. O barco de madeira, carcomido pelos anos de sal e sol, era seu companheiro mais fiel. Remendado incontáveis vezes, ainda assim, deslizava pelas águas com a destreza de quem conhecia todos os segredos do vento e das correntes.

Zé nunca quis outra vida, mas o mundo lá fora mudava. Os barcos a motor chegavam aos montes, trazendo consigo novas formas de pesca, mais rápidas e eficientes. Os jovens da vila, ansiosos pela novidade,

abandonavam os velhos botes a remo para aventurar-se nas máquinas barulhentas. Para eles, o progresso era sinônimo de facilidade, de fartura garantida. Para Zé, porém, cada motor era um golpe no coração da terra e do mar que ele tanto amava.

“O mar não canta mais como antes”, pensava Zé em suas noites silenciosas, escutando apenas o sussurro do vento no coqueiral.

Sua esposa, Dona Iracema, tentava consolá-lo. “Os tempos mudam, Zé. Quem não muda com eles fica para trás.” Mas como mudar quando o sal já corria nas veias? Como abandonar o que sempre fora seu norte?

Certa manhã, Zé decidiu que seria diferente. Não abriria mão de sua tradição, mas também não se oporia às mudanças. Saiu cedo, antes mesmo que o sol se deitasse nas águas. Levou consigo seu filho mais novo, João, um garoto de quinze anos que ainda não tinha decidido entre o barco de madeira do pai e o motor dos tempos modernos. Era uma chance de mostrar ao menino que o mar guardava mais do que peixes.

No meio do oceano, Zé lançou a rede com a calma de quem conhece cada nó e cada movimento das ondas. “Presta atenção, João,” disse ele. “Aqui, no silêncio, o mar fala com a gente. Ele ensina paciência, respeito e, se a gente escutar bem, até o que ele quer nos dar.”

João observava, fascinado, mas impaciente. Os peixes demoravam. O sol já alto no céu fazia a pele queimar. Foi quando Zé sorriu e apontou: “Olha lá.” A rede começou a se mover. O peso nas mãos de Zé indicava uma boa pesca. “É o mar respondendo. Ele sempre responde.”

Voltaram à terra firme com o barco carregado de peixes. Naquele dia, João entendeu que havia algo mais profundo na vida de pescador. Não era só sobre pegar peixes. Era sobre a comunhão com o mar, o respeito aos seus mistérios e o entendimento de que, embora o progresso seja inevitável, a essência da terra e das águas nunca pode ser esquecida.

Zé não sabia quanto tempo ainda teria para pescar da forma antiga, mas não se preocupava. O importante, para ele, era que seu filho havia aprendido a ouvir o canto do mar.

Claro! Vamos continuar a história de Zé Pescador, aprofundando ainda mais as nuances entre tradição e mudança no Nordeste.

Os dias passaram e, enquanto a vila crescia ao ritmo dos motores, Zé mantinha-se fiel ao seu barco de madeira. A modernidade corria pelas ruas em forma de pequenas embarcações motorizadas, e os jovens, que antes passavam os dias remando contra o vento, agora se vangloriavam da facilidade com que enchiam seus barcos. Parecia que a vida de pescador nunca fora tão simples.

Porém, Zé observava com olhos treinados que o mar não respondia a todos da mesma maneira. Com a pressa dos motores, muitos pescadores voltavam com menos do que esperavam. O mar, na sua sabedoria silenciosa, dava apenas a quem o respeitava, pensava Zé.

João, embora fascinado pela paciência do pai, sentia a pressão dos amigos. “João, você ainda vai sair nesse barquinho velho?”, zombavam. “Venha conosco, pega mais peixe em menos tempo.” As palavras dos colegas ecoavam na mente do jovem. Por que insistir no velho, quando o novo prometia tanto?

Certa tarde, ao voltar de uma pescaria longa com Zé, João tomou coragem e falou:

– Pai, por que não compramos um motor? A gente poderia pegar mais peixe, viver melhor. Você sabe que os tempos mudaram.

Zé suspirou profundamente, sentindo o peso das palavras do filho. Ele sabia que João não estava errado. O mundo mudava, e quem não se adaptava corria o risco de ficar para trás. Mas, ao olhar para o mar, Zé viu mais do que peixes. Ele via a sabedoria ancestral, as histórias que os ventos sopravam de geração em geração.

– Filho – começou Zé, com a calma que só os anos trazem –, o mo-

tor pode até fazer o barco ir mais rápido, mas ele nunca vai te ensinar a ouvir o mar. Com ele, você vai pegar mais peixe, é verdade, mas será que você vai entender o que o mar está te dizendo?

João ficou em silêncio, as palavras do pai ressoando em sua mente. Havia algo naquele modo de vida que ele ainda não compreendia por completo. O mar não era apenas um meio de sobrevivência, mas uma forma de vida, de estar em sintonia com a natureza.

No dia seguinte, João decidiu aceitar o convite dos amigos e embarcar numa dessas lanchas motorizadas. O barulho do motor era ensurdecedor comparado ao silêncio a que estava acostumado. As águas eram cortadas com pressa, e logo estavam lançando redes com mais agilidade do que ele jamais imaginara. Mas algo estava errado. Apesar da velocidade e da força do motor, as redes voltavam vazias.

– Estranho – comentou um dos rapazes. – Esses pontos sempre foram bons.

João, observando com olhos novos, lembrou-se das palavras do pai. Será que o mar não estava respondendo por falta de respeito? Olhou para o horizonte, buscando entender o que se passava nas profundezas daquelas águas antigas.

Quando retornou à praia, decepcionado com a pesca magra, encontrou Zé sentado na areia, remendando calmamente uma rede. Ao ver o filho, Zé apenas sorriu e disse: O mar não se trata só de técnica, João. Se você não aprender a esperar e a ouvir, ele vai te ensinar da forma mais dura.

João começou a compreender, pouco a pouco, que o mar exigia mais do que força e velocidade. Ele exigia paciência, respeito e, acima de tudo, uma escuta atenta aos seus segredos. Não era uma lição fácil, especialmente para alguém da sua idade, mas era uma lição que ficaria com ele por toda a vida.

Com o tempo, João encontrou seu próprio equilíbrio. Em alguns

dias, ia com os amigos na lancha motorizada, explorando o novo. Mas em outros, preferia estar ao lado do pai, remando devagar, ouvindo o vento e as ondas, e sentindo a profunda conexão com o mar. Aprendeu que havia lugar para o velho e o novo, desde que ambos fossem guiados pelo respeito.

Os anos se passaram, e João cresceu. A vila se transformou diante de seus olhos. Novos pescadores chegaram, mais motores cortaram as águas, e as redes tecnológicas começaram a dominar. A modernidade era inevitável, mas João, agora um homem feito, sabia que havia algo que nunca poderia ser substituído.

Zé envelheceu, suas mãos calejadas ainda teciam redes como quem bordava memórias. O tempo, que antes parecia tão distante, agora se aproximava. Certo dia, sentindo que a velhice o chamava, Zé olhou para o mar pela última vez. Era como reencontrar um velho amigo. Ele sabia que seu tempo naquelas águas chegara ao fim, mas não sentia tristeza. Havia ensinado a João tudo o que sabia, e agora era o mar quem continuaria o ensinamento.

Quando Zé partiu, a vila sentiu sua ausência. Os velhos pescadores comentavam sobre como ele era um dos últimos a ouvir o canto do mar. Mas João, em suas viagens solitárias com o velho barco de madeira, sabia que o pai nunca partira completamente. Nas ondas e no vento, no balanço da rede, Zé continuava a falar com ele.

Os dias seguintes após a partida de Zé foram silenciosos na vila. O mar, que antes cantava histórias aos ouvidos atentos de Zé, parecia mais calado. João continuava suas pescarias, agora não mais como aprendiz, mas como o herdeiro de uma sabedoria que transcendeu o tempo e o progresso.

A vila observava. Havia algo diferente em João. Embora ele ocasionalmente utilizasse os motores, era em seu pequeno barco de madeira, remando contra o vento, que ele parecia mais em paz. Alguns

dos jovens pescadores, que antes o chamavam de tolo, agora o olhavam com respeito. João carregava uma conexão que muitos tinham perdido ou nunca souberam existir.

Certo dia, um dos mais jovens da vila, Pedro, se aproximou de João enquanto ele preparava sua rede. Pedro era inquieto, com olhos ansiosos e mãos que não paravam de se mover. Ele queria aprender, mas a pressa o impedia de ouvir.

– João, como você faz para pegar tanto peixe? Tenho ido de motor, lanço a rede nos mesmos pontos, mas sempre volto com menos do que esperava – Pedro perguntou, tentando não demonstrar frustração.

João olhou para o rapaz e viu em seus olhos o reflexo de si mesmo, anos atrás, quando questionava seu pai sobre o mesmo assunto.

– Pedro, você conhece o mar? – perguntou João, calmamente.

– Claro que sim. Nasci aqui, cresci nessas águas.

João sorriu e balançou a cabeça.

– Conhecer o mar não é só saber onde ele está. Não é apenas lançar a rede e esperar o peixe. O mar fala, e, se você não aprender a ouvi-lo, vai passar a vida brigando contra ele. Não é a velocidade ou a força que contam. É a paciência e o respeito.

Pedro franziu o cenho, sem entender completamente. Para ele, o mar sempre foi apenas uma ferramenta de trabalho, algo que deveria dar frutos rapidamente, algo que deveria ser domado.

– Eu já ouvi meu pai falar sobre isso, mas não entendo. Como o mar pode falar com a gente? – questionou Pedro, tentando buscar uma resposta mais prática.

João, pacientemente, convidou Pedro para uma pescaria no dia seguinte, ao amanhecer. Quando chegaram ao barco, o sol ainda estava nascendo, pintando o horizonte de laranja e dourado. A brisa suave trazia consigo o cheiro do mar, e João remava devagar, em silêncio.

– Não tenha pressa, Pedro. Hoje não é dia de pescar muito. Hoje é

dia de escutar.

Durante as primeiras horas, Pedro se agitou no barco. Ele estava acostumado a ação rápida, a motores ruidosos e redes lançadas com força. Mas João continuava em silêncio, olhando as ondas e sentindo o vento.

Foi só quando o sol já estava alto que João falou:

– Agora – e lançou a rede, como se tivesse escutado um chamado silencioso do oceano.

Pedro observava, ainda incrédulo. O mar parecia calmo, sem sinais evidentes de peixes por perto. No entanto, a rede começou a se mover com força. João e Pedro puxaram-na devagar, e o jovem pescador ficou surpreso ao ver a quantidade de peixes.

– Mas... como você sabia? – Pedro perguntou, maravilhado.

– Não é sobre saber, Pedro. É sobre sentir. O mar nos dá sinais o tempo todo. Ele te avisa quando está pronto, mas para isso, você precisa estar em sintonia com ele. – João explicou.

Pedro voltou para casa naquele dia com uma nova compreensão. Ele entendeu que a paciência era o segredo, mas não apenas isso. Era o respeito pela natureza, por algo maior do que ele mesmo, algo que nem sempre poderia ser explicado em palavras ou técnicas.

E assim, a sabedoria de Zé continuava a ser passada. João agora era o guardião dessa tradição, e aos poucos, os jovens da vila começaram a procurar por ele, não apenas para aprender a pescar, mas para compreender o que significava viver em harmonia com o mar e com a terra.

Os dias na vila seguiram, e embora os motores ainda cortassem as águas, os pequenos barcos a remo nunca desapareceram. Havia sempre aqueles que, como João, sabiam que o progresso não precisava apagar as raízes. O mar continuava a falar, e agora, uma nova geração estava aprendendo a ouvir.

O tempo passou, e o nome de Zé Pescador tornou-se uma lenda entre os pescadores da região. As histórias sobre sua paciência, sobre como ele ouvia o mar, eram contadas ao redor das fogueiras à noite, enquanto as redes eram preparadas para a manhã seguinte. João, já mais velho, se tornara o líder da comunidade pesqueira, mas sempre com a mesma humildade e respeito que herdara de seu pai.

Os jovens, que antes buscavam a facilidade dos motores, agora encontravam valor em aprender a arte de ouvir o mar. João, muitas vezes, não precisou dizer muito. Ele era um exemplo vivo de que tradição e modernidade poderiam coexistir, desde que houvesse equilíbrio.

Pedro, que um dia fora impaciente e apressado, agora ensinava os mais jovens com a mesma calma que um dia João lhe ensinara. A vila prosperava, e o mar, sempre generoso, continuava a prover para aqueles que o respeitavam.

E assim, o canto do mar e da terra ecoou através das gerações, um som suave e constante, lembrando a todos que a natureza tem seus próprios ritmos e que, para prosperar, é preciso saber escutar.



O antiemético

TIAGO LOPES DE SOUZA

Raquel dedicava horas do seu dia a criação de um casaco que a acompanhava há pelo menos nove meses, era um casaquinho mui bonitinho de crochê com florezinhas de renda que selavam a gola como se fossem botões, pelo menos era assim em sua mente.

O fato é que as azaleias do casaco nunca saíram do primeiro ponto alto, por todos esses meses ela era perseguida por um enjoo que vivia dentro de si, tanto que se não fosse sua condição infértil, mal diriam os outros que ela estava grávida. A náusea que a controlava surgia acompanhada de sinais claros e precisos, primeiro os tremores sob os olhos, um calor nas bochechas, a boca aguando tal qual a forma que urge a água numa nascente: escorrendo e preenchendo as cavidades.

Mas nesse dia a sensação era diferente, surgia muito mais forte uma tontura do que vômito, ela buscou o Dramin em todo o gaveteiro, arregaçou as três gavetas, mas não encontrou nada mais que cartelas vazias de fluoxetina e um frasco de clonazepam. Até pensou em ficar

em casa, entretanto lhe era tão grande o mal-estar não tinha para onde correr, precisava do antiemético.

Não havia farmácias próximas de sua casa, a mais fácil era a drogaria paris, mesmo assim ela ainda precisaria tomar o carro e atravessar a ponte para chegar lá, não faziam entregas. Fazia parte do trajeto passar pela prainha, por lá ela sempre via casais deitados a beira do rio, cena boa, os jovens recém-saídos da faculdade comemorando suas juventudes, mas derradeiro era o acalanto, pois ao virar a esquina para o seu azar o semáforo bateu o verde o amarelo e repousou no vermelho.

Estava angustiada, olhava para um lado e outro apertando o volante como quem sova massa de pão, os 50 segundos do semáforo pareciam demorar mais do que isso, ela sempre via as mesmas coisas nos semáforos: apressados motoqueiros esperando uma oportunidade de arrancar, ciclistas dançando com os carros, malabaristas argentinos ou cães perdidos, mas nesse dia ela viu algo completamente diferente, uma criança.

Esta não parecia ter nem um ano, estava estática sobre um papelão molhado, a palma da mão dela (faceta menos ocultas de si) era tão roxa que lembrava a um cacho de uva, as pontas dos dedos em especial se assimilavam as niagras que comprou no mercado um dia antes e que carregava consigo esquecidas na ecobag dentro do porta-malas, além do tato, nada mais da criança era visível, ela estava coberta o corpinho todo por uma manta rosa meio surrada de barro.

Quanto a sua mãe – apesar da comparação não ser o mais perfeito verossímil – essa dava a impressão de ter menos de 15 anos, digo isso pela sua estatura, a juventude era explicitamente cravada a sua fisionomia: a desnutrição, as canelas finas como cabos de vassoura e o cabelo desgrenhado de quem vivia a vida para correr e se molhar em suor – nesse quesito ela parecia com um Shih Tzu que não visitava a

meses um petshop – as unhas dela lembravam as do antigo lavrador que teve na infância, o Caruso, mas encarando a moça, não conseguia conceber em parte alguma de sua memória, momento sequer em que viu ele tão maltrapilho quanto ela.

Mocinha – esse era o apelido que a deram, em vista que nem ela sabia o próprio nome, achou justo, ela parece mesmo ser nova – Mocinha não sorria, mas quando abria a boca pra falar nem precisava ela ser odontóloga para notar que seus dentes restantes eram tão escuros quanto o amendoim que vendia.

Um engarrafamento se formou por causa de uma carreta grande demais para os espaços que a curva oferecia, mas antes disso a atenção de Raquel já tinha sido roubada, o caos não importava, não importava mais motoqueiro, ciclista, palhaço ou cachorro, a única coisa que realmente chamava atenção era a gritalhada de mocinha aos carros:

– Dois reais é um, dois fica cinco real – ela dizia

Mocinha era destemida, muito provavelmente por sobrevivência se não pela configuração de sua mente, um exemplo prático disso é que se por um acaso recusassem a mercadoria ela praguejava cidadão ou bandido mandando ir ao inferno ou buscar a mãe que nunca era pura, em uma situação dessas, acabou cruzando com um marginal que lhe rechaçou o nariz, depois disso, num período de convalescença, graduou-se em matéria de xingar os outros (ela xingava agora em silêncio).

“Que situação gente”, Raquel pensou ao ver mocinha buscar o bebê, “muita judiação ela pegar ele pra vender mais, fica querendo cobrar mais do povo na simpatia do menino”.

Entretanto, mesmo em oposição a crítica que fez, ainda pensou em ajudar, só que de súbito veio na sua mente o raciocínio: “em que momento dar dinheiro era suficiente? como que eu ia saber que a água

que vai matar a sede também não poderia afogá-los?”. Essa ideia evidenciava a dubiedade dos caminhos que o dinheiro poderia alçar, se alimentaria a um vício que Raquel não sabia se existia, ou se esfarelando alimentaria a fome um pedaço de pão. Não, dar dinheiro ela não daria, mas queria ver o rostinho do pequeno.

Enfiou em sua cabeça que o neném era menino, isso porque em si própria não podia sequer sonhar em ver uma menina naquela situação, ela tinha acabado de ver a afilhada nascer, o casaco que levava em sua bolsa era pra ela. Raquel queria que fosse menino porque dizia pra ela mesma que menino é forte, e se quando crescer conseguisse sair, ele seria melhor e sobreviveria de forma mais digna: ia estudar para ser funcionário público ou então ia virar operador de caixa, era profissão boa para quem veio de tão baixo, daria para criar uma família e pagar um aluguel no centro.

Prometeu para si que não interferiria, nem o vidro ia abaixar para recusar o amendoim, mas não se abstém ao ver ela jogar o menino de um colo para o outro lado da bacia só para botar o dinheiro no bolso.

– Ei, coisinha, venha cá! – disse enquanto rasgava o pacote que repousava sobre o retrovisor.

A frase saiu pela boca como um tiro sai do cano de uma espingarda: estourando. Dissera aquilo tão alto que dificilmente os outros carros não a ouviriam, entretanto ela ainda torcia para o contrário. Em meio a isso, apesar de começar do fundo os pedidos de esmola, a mocinha refez o trajeto e voltou para Raquel, ela trouxe a mão no retrovisor do veículo para descansar o braço e em seguida disse ser 10 reais o pacote de amendoim.

– Mas você não disse ser dois reais agora a pouco? – retrucou

– Eu não disse não, mas se mudou o preço foi agora e você já abriu, então vai ter que pagar! – respondeu

Mocinha subiu as sobranceiras e inclinou o rosto ao torcer o pes-

coço, fez com que Raquel olhasse ao redor e visse que a contra favor das expectativas as outras pessoas a ouviram chamá-la. “Eu juro, aquilo me refogou o estomago”, Raquel dizia assim quando lembrava do caso.

Veja bem, ela não deixaria de dar o dinheiro porque o preço mudou, ela tinha na carteira, Raquel ficou abismada mesmo foi porque ela percebeu que os outros carros estavam olhando e fazia aquilo para forçá-la dar mais dinheiro, e deu, a vaidade tomou conta de sua mão com tanta perversidade quanto não toma conta de si o adolescente que descobre o corpo, e em reflexo a isso, ofereceu mais do que foi pedido pelo amendoim, vinte reais.

Mocinha refez o olhar, as duas persianas quebradas que lhe cobriam os olhos – rastros de uma extensão de cílios que deu errado – mostravam uma ganância tamanha que diria ser o seu alicerce mais valorado, Mocinha percebeu que Raquel tinha notado a criança.

– Quer pegar?

Raquel nem precisou responder que queria, acendeu o braço feito um isqueiro e levantou a chama ao encontro do cigarro. O ato lhe surgiu involuntário, era notório que sim, e tão logo que pegou debaixo dos bracinhos, sentiu respingar da boca de mocinha uma saliva acida que te queimara o rosto, a gota vinha acompanhada pela frase que completava o rastro do que começou antes:

– ...quinhentos reais – encerrou mocinha

“Mas que merda, desgraça nenhuma que eu podia lidar com uma situação dessas, quem dera eu furar o sinal para fugir disso, eu que logo agora dizia não me envolver em nada estava em situação de comprar menino”, Pensara, entretanto o seu corpo fez o contrário, estendeu as mãos para pegar a criança nos braços, era lindo e era menino, ver que era homem deveria lhe reconvexar à situação, franzir-te os ombros para dentro e estender de novo a criança com o pensamento de que

seria concursado e salvaria a si mesmo, mas ela tinha dó e tinha ânsia em ser mãe, assim, tão logo que o sinal abriu acelerou o carro com a criança ainda atravessando a janela, desfez-se em velocidade largando para trás uma explosão ocasionada pela poça de água parada.

– Oh, porra, o meu dinheiro! – brandou a mulherzinha

Teve que malabarizar o menino no banco do carona, equilibrando-o sobre as sacolas da Santa Lolla como faria um equilibrista sobre um monociclo. Pisou fundo no acelerador, lançando-se em alta velocidade, tornando tudo ao seu redor um grande borrão como os quadros impressionistas que tinha na clínica. Seus olhos, dois faróis esbugalhados, varriam a estrada como se buscassem um porto em meio à tempestade. O volante, escorregadio como sabão, lutava contra suas mãos trêmulas. A náusea agitava-se como um cachorro acorrentado por muito tempo, teimava em querer fugir, isso a engolia por dentro, enquanto por fora o vento atravessava a fresta da janela e chicoteava seu rosto.

Vomitou ainda sobre o volante, em resposta ao golfo seu pê freou tão secamente que gerou um mini terremoto no carro, a inércia sacudiu até os ossos de Raquel, lançando o menino como um fantoche contra o assoalho do piso. “Diabo”, esbravejou ao mesmo tempo que a culpa e o desespero ecoava no carro e no silêncio do bebê. Não sabia o que faria, mas quando olhava para o carona não via mais a bolsa com o sapato, via o assoalho manchado de vomito e um bebê no chão.

Tudo girava naquele momento, precisava parar, sabia que a mulher a seguiria. “Eu não sei por que não dei”, se perguntava, mas bem quanto dirigia viu a primeira chance de parar: um Buteco.

Raquel entrou no bar e correu direto para o banheiro, a pressa ia a deixando sem fôlego, correu para limpar os seus pés, a criança e suas roupas. Mesmo apesar da situação o olhar das pessoas não estava em Raquel e sim repousado no menino. veja bem, nos últimos anos não é muito comum se ver bebês, a maioria das pessoas deixaram de gostar de

ter filhos, raramente se ouvia falar de algum nascimento, os avanços dos crimes, a descrença de que as coisas melhorariam e a falta de resposta dos deuses sobre o sentido das dores, foram motivos que ocasionaram o que os antropólogos chamam de antinatalismo.

Raquel olhou para o menino em seus braços, ela sabia que tinha feito algo impulsivo, talvez até ilegal, mas não podia ignorar o instinto de proteger aquela criança indefesa, enquanto isso a sua mente corria com pensamentos sobre o que fazer a seguir.

O banheiro de azulejos brancos no piso e revestimento verde esmeralda atrás e ao lado do espelho, traziam um ar de paciência e tranquilidade a Raquel, ela conseguiu fugir da predatória mãe que se ocupava do menino – do seu menino – tudo ia bem, Raquel havia se limpado e agora iria para a criança, mas justo nesse momento, o clima logo foi tombado pelo grito sujo e escrutínio que antecedia a graça da criação.

– Me dá o meu filho, desgraçada – escarnou mocinha

Raquel era cética em não devolver, em cuidar dele – pensava que ficaria melhor com ela – mesmo tendo sido mãe por tão pouco tempo já estava marcada pela candura de ser, disse que mudava o tempo e derrubava as paredes, mas de lá ela só saía com o bebê. Tão logo afirmou-se para mocinha, essa insurgiu contra Raquel usando uma lâmina.

Os olhos de mocinha brilhavam como se fossem um par de candelários alimentados por ódio. A lâmina, alçada acima da altura dos ombros, refletia a luz de hospital que iluminava o banheiro. Em derradeiro, com um grito gutural ela se lançou sobre Raquel, a ponta da faca mirava-lhe acertar a garganta, dava para ver o pânico no rosto de Raquel, no entanto, a lâmina guiada mais pela fúria do que pela precisão, raspou apenas a coxa da portadora, abrindo um corte que sangrava freneticamente. Com um gemido de dor, soltou a faca, que caiu com um tinido metálico no chão frio e perfumado de Qboa.

Raquel, vendo a oportunidade, avançou sobre a arma, mocinha rastejando feito fera ferida tentou agarrar-te as pernas, a impedir. Os olhos da menina, antes cheios de ódio, agora brilhavam de pânico e terror da cena que acabara de causar. mesmo apesar de uma sequência de chutes mocinha ainda conseguiu cravar as unhas à altura do joelho de Raquel, com o peso de três, Raquel caiu no chão com criança e tudo, a faca agora estava ao alcance de ambas. O ar no banheiro parecia pesado, o piso era escarlata e a tensão tão palpável que estava a ponto de cortar a pele.

E cortou... no segundo seguinte a uma mão ter empunhado a faca ecoara o som de um suspiro no ambiente, o som de tecido sendo cortado. Estava morta, Raquel a havia matado, sentiu-se vitoriosa, olhou para si mesmo no espelho e sorriu, no entanto, ela tomou aquela a criança para si acreditando que seria melhor com ela do que com a outra, mas como poderia continuar acreditando nisso depois do que fez, isso não importava, ela a tinha para si.

Pelo menos foi o que pensou, quando lembrou do menino viu que ele não chorou um segundo sequer desde quando o viu no semáforo, mesmo apesar de tudo. De sobressalto imaginou que ele sempre esteve dormindo, encantado na candura de ser criança, no entanto a verdade é que estava morta, a boca entreaberta acobertava a fome de cem anos, larvas e moscas buscavam a si próprias dentro do buraco escuro e seco, sob o palato, os dentes que mal existiam se putrefaziam e consumiam-se uns aos outros, a pele fria, pálida e arroxeada contrastou a todo momento com o calor de Barreiras. Eu morri e ninguém percebeu.



Encontros e desencontros

JORGE NÉRIS

– Ei, professor, quanto tempo?

É pena que as palavras não possam conter a efusão com a qual somos tratados, recebidos, ou queremos tratar, receber as pessoas que, de alguma forma, nos são caras. Sendo assim, é com as palavras acima, alinhadas em uma frase tão vulgar, tão comum, que quero expressar a maneira pela qual um ex-aluno me recebeu ontem, enquanto eu saía, extasiado, de uma cadeira de dentista. E, se me permitem, quero deixar logo claro, que farei alguns parênteses neste conto. Cadeira de dentista. Foi a primeira vez na vida que me senti um objeto. Foi ali na cadeira de um dentista. Não! Não é bem um parênteses! E eu preciso contar. Faz parte desta história. Vejamos!

Eu não era de ir a dentistas. Hoje, eles estão em todo lugar. Continuam caros e inacessíveis a muitos! Sendo a saúde bucal algo tão básico, é triste pensar que seja assim. Além do que, a própria cultura, na qual estamos de alguma forma imersos e na qual nos fazemos como

seres humanos, tende a nos conduzir a uma atitude de negligência para com nós mesmos. Enfim, a primeira vez que fui a um dentista e me sentei naquela cadeira tão mal falada (culpa do motorzinho do dentista, é claro), a minha consciência foi tomada pela situação. Eu, ali jogado, imóvel e paciente, à disposição daquela pessoa estranha! Ao lado da dentista, sua auxiliar, lhe oferecendo os instrumentos típicos, dos quais nunca chegamos a saber os verdadeiros nomes: vemos alicates, seringas, líquidos amargos, que aprendemos ser anestésicos... Mas isso é tudo! Nada mais do que olhos de leigos podem ver. Eu, ali, jogado, como disse, sofrendo as ações de uma profissional, mesmo assim, me sentindo um objeto. Eu precisava estar ali e diria até que eu queria estar ali. Minha ida à dentista era motivada por um dente que começava a doer e pelo desejo, ou necessidade, de colocar aparelho. Então, por bem ou por mal, eu queria estar ali. Repito, mesmo assim, um objeto! A sensação de ser objeto é horrível e se assim o é naquela situação, estranha para mim, mas comum e regulamentada em nossa sociedade, imagina em outras. Uma vez vi uma pessoa, uma mulher, falando sobre esse sentimento, o de ser objeto, em um exame ginecológico. Eu mal consigo imaginar a sensação nesses casos, sendo eu homem, ainda que ciente da sociedade machista, em que vivemos. Aqui, vemos mais do que situações em que nos sentimos como objetos, em um sentido amplo. Com efeito, as notícias mostram, tristemente, a objetificação das mulheres.

Eu sou professor. E ser professor não me coloca longe da situação que chamaríamos de relação sujeito-objeto. É o estudante um objeto? Diríamos de imediato que não! O estudante é um sujeito e, no contexto contemporâneo, evitaríamos essa terminologia, em vias de ser ultrapassada, e falaríamos o estudante é uma pessoa. Mas, ao olhar os estudantes em sala de aula, ao ter sido estudante um dia, não posso ocultar aos meus olhos a sensação de que somos sim, objetos, objetos

de uma relação. E acho que isso seja inescapável, para alguns, dado o nosso contexto de opressão silenciosa. Em primeiro lugar, denotam isso as cadeiras em fila, numa escola qualquer. Elas pedem silêncio, apesar das “conversas paralelas”, que nós professores detestamos: queremos atenção, precisamos de atenção, porque há algo de fundamental a ser explicado. Algo que, com toda atenção do mundo, já é difícil de explicar, imagina sem ela! O estudante olha, de alguma forma tenta, e alguns até conseguem oferecer máxima atenção, sedentos do conhecimento, do saber! Mas é fato: a maioria, quase todos, espera! Espera, pacientemente, tal como eu na cadeira do dentista, pela solução pronta, por outra pessoa nos oferecida. No dentista, a dor contida, os dentes alinhados, um sorriso brilhante; na escola, segurar o conhecimento com as próprias mãos, quando nelas colocadas; ou coisa melhor: o diploma! Há uma lástima em tudo isso, mas é nesse contexto que à efusão inicial, que eu imaginava ser pela minha presença, se segue à pergunta, verdadeiro motivo da “alegria” de tanto me ver:

– O senhor é especialista em aprendizagem, né?

– Não. Não sou. No sentido específico que falam da especialização, não. Não sou!

Eu expliquei todos os meandros acadêmicos a ele, que discernia um tipo de pós a outro etc. Ele não estava interessado nisso, eu sabia. O que eu não sabia era onde ele queria chegar.

– Sim. Mas não era isso que eu queria saber – ele disse! (tal como eu imaginara). – O que eu queria saber era como absorver o conhecimento.

E começou a me explicar de onde vinha aquela pergunta, situando assim a questão proposta. O que ele fazia, em termos formais, era apresentar a problemática geradora, a tensão, que o conduziu ao problema. E começou assim...

– Quando estive na universidade... Há quase 12 anos... bem, eu não

estava pronto! Eu via aquilo tudo e não conseguia entender. Eu gostei de uma matéria lá. Uma que tinha no nome a palavra “interdisciplinar”, uma coisa assim... uma matéria que reuniu lá quatro assuntos, de disciplinas diferentes, enfim... mas, no geral, eu sinto hoje que, naquele tempo, eu não estava pronto para absorver tudo aquilo que a universidade me oferecia. Hoje, sinto que estou!

E me perguntou de forma mais incisiva:

– Você sabe sobre o cérebro?

– Sei. Respondi. E logo complementei... – mas nada aprofundado. Sei o que vejo dizer. Sei que, no conjunto das neurociências, o cérebro se tornou muito importante hoje. Muito se discute sobre a relação entre cérebro e aprendizagem.

– Lembro que se falava na universidade de paradigmas... – ele disse, buscando lembrar com precisão do que se tratava.

Eu começava a compreender onde ele queria chegar. Ele queria saber por que não estava pronto e agora estava... porque não se sentia pronto e, agora, se sentia. E de uma forma mais básica, a questão em seu sentido universal: o que nos impede de aprender? Como é possível que não estejamos prontos? E ele já tinha uma resposta para a questão, ainda que não formulada. Foi, por isso, que falara de paradigma. E foi por isso que, logo depois, lembrou que eu lhe falara, em sala de aula, da importância da linguagem. Eu, apenas, complementei:

– Sim... Linguagem é pensamento!

Tudo isso que conversamos e, na verdade, mais do que isso, aconteceu numa conversa em pé, ao lado da loja em que ele trabalha. Isso ele não precisou me dizer. Estava saindo da loja, com o uniforme, onde se lia bem a vista o nome que também estava na fachada. Mas o seu interesse em solucionar aquele enigma, que o tomava, era tanto, que ele me convidou a tomar um suco, do outro lado da rua, num restaurante, que estava aberto, mas quase vazio de pessoas, com umas cadeiras e

mesas situadas na calçada à sua frente... Era pelas 19h quando começamos a conversar ali mesmo, em pé na calçada, na lateral da loja, da qual ele acabara de sair. Eu confesso que queria ir embora, estava cansado, mas ele queria uma aula! E, eu, me senti obrigado a aceitar o suco. Em segundos, chegamos e nos sentamos à mesa. Ele entrou. Voltou:

– Laranja, professor?

– Sim, laranja.

E daí avançamos como que numa floresta, cujo destino era certo, mas o caminho tão obscuro e confuso para ele, que confesso me trouxe a mesma sensação. Ele estava munido das perguntas, nenhuma trivial, eu tinha até uma resposta a oferecer, talvez, muito trivial... mas chegar lá significou caminhar por caminhos não construídos por mim – coisas que nós professores sempre fazemos, nós estabelecemos os caminhos a percorrer, mas naquela situação era ele quem dava as cartas. Era ele quem fazia as perguntas e era ele quem buscava conectar as respostas que eu oferecia, na intenção de solucionar o problema que ele impunha a si mesmo. O objeto na relação professor – aluno, naquele momento, era eu! Apesar de ele supor que a resposta viria de mim, suas ações não eram de quem esperava. O que ele queria era arrancar a resposta de mim. Inclusive, me citando, caso da ideia sobre a linguagem, num passado distante que já nem mais lembrava. Se eu adotasse a política de me defender, poderia ter dito: “eu disse isso?? Eu não disse isso...”, mas era uma coisa que eu teria dito, é algo que eu ainda diria, é algo que eu digo. Realmente, linguagem não é tão somente meio de expressão. A “virada linguística”, na filosofia, já nos ensinou: linguagem é pensamento! “Os limites do meu mundo são os limites da minha linguagem.” Ainda semana passada, vi uma estudante citando essa famosa frase de Wittgenstein e, confesso, fiquei surpreso. Venhamos e convenhamos não é assim tão comum que os estudantes de graduação

estejam preocupados com a linguagem, ainda menos com Wittgenstein. Num curso de letras, de linguística ou filosofia, talvez... mas não era o caso. Seja como for, fiquei envergonhado de ficar surpreso. Que ela me perdoe pelo julgamento precipitado! Voltando... De alguma forma, eu precisava me defender, mas não seria dessa forma, não seria por meio de uma evasiva. A melhor defesa é o ataque, repetem amiúde por aí! Contudo, podia eu atacar? Igualmente, não se tratava disso. Até, então, eu sentia que não tinha nada a ganhar. Sendo assim, por que atacar? Nem atacar, nem defender... e foi nessa encruzilhada que resolvi aguardar! Como ouvi dizer um dia, na vida o que importa não é ter as melhores cartas e sim jogar bem com as cartas que se tem... E as cartas, eram todas dele! E não eram ruins. Não sei se eram as melhores, mas eu sentia que com elas se podia jogar. Resolvi, então, seguir o fluxo.

– Você já sabe as respostas, só não sabe que sabe!

Não estava sendo platônico, quando disse isso. Não quis dizer com isso que havia ideias que nasceram com ele e que ele, por alguma razão, havia rompido as correntes e saído da caverna. E nem quero dizer que Platão estava errado! Quem sou eu? Sinceramente, eu não sei. A minha crença ingênua é de que vamos caminhando no mundo, vamos ouvindo coisas, fazendo coisas, essas coisas ficam com a gente porque dela nos apropriamos, consciente ou inconscientemente, e sempre, dessas apropriações, restam coisas que fazem determinado sentido para nós e que, ao longo da vida de todo dia, do cotidiano, vamos reelaborando, problematizando, criando, desbravando florestas, que nunca deixam de ser florestas.... Achamos que estamos num regato límpido e seguro e vem alguém e joga uma pedra e as águas, de repente, ficam turvas, como diria o poeta. E já estamos, de novo, perdidos! Floresta para todo lado!

Mas foi essa direção que adotei, mesmo antes de chegar à mesa do

restaurante, quando lhe disse que “absorver” o conhecimento não era um bom termo, apesar de compreender o que ele queria dizer...

– A linguagem importa assim, é? Me perguntou, de pronto!

– Lembra da noção de paradigma que você me falou agora há pouco? Bem, para alguns, os paradigmas são de uma forma tal que um paradigma A e um paradigma B tratam de coisas só compreensíveis dentro de cada um deles. Sendo assim, mesmo quando utilizam uma mesma palavra, querem dizer, com essa palavra, coisas completamente diferentes. E, no geral, o que tendem a fazer é rejeitar o uso de certas palavras, como quem joga fora o bebê junto com a água do banho. Como quem, sem pudor, diz... esse filho não quero, esse filho não é meu. Seja como for, os paradigmas são visões de mundo e cada filósofo ou cientista aceita a sua e tende a rejeitar todas as outras. E não tenho razões para supor que os não filósofos e os não cientistas, em nossa cultura, não tenham qualquer problema de aceitação. Não pode ser à toa que, hoje em dia, falamos tanto de “respeito” e “tolerância”, como quem diz eu não aceito, mas eu “respeito”, eu “tolero”.

Fora isso, o construtivismo já nos ensinou as vantagens do contraste, de fazer conflitar perspectivas distintas, como forma de nos desenvolvermos, sem que isso signifique intolerância e desrespeito. Nesse tom, eu lhe disse:

– Sendo assim, determinado paradigma usa certas palavras, mas rejeita o uso de outras. A ideia de absorver conhecimento está relacionada a uma metáfora. Somos, nessa perspectiva, como que esponjas... só que, em vez de absorvermos água, absorvemos conhecimento. Algo passivo, entende? Então, eu não usaria a palavra “absorver” ...

Aqui, eu criei problema para mim.

– Como diria, então?

Em segundos, me veio... Eu diria “apropriar”. Nos apropriamos. Não absorvemos conhecimento. Isso mesmo... nos apropriamos! E

lembrei a citação de Goethe: “O que é de teus pais adquira para que o possuas”. É isto: para possuir precisamos adquirir, precisamos nos apropriar. “Vaca não dá leite! A gente tira o leite da vaca”, já ouvi alguém proclamar! (Teríamos, aqui, uma visão de mundo construtivista em oposição à empirista, presumida na metáfora da esponja. Mas isso eu pensei... não disse a ele. Não queria novos problemas para mim).

Ele falou do desejo de voltar hoje à universidade, terminar, talvez, o curso que havia começado e abandonado lá pelo 6º semestre (isso eu não lembrava e fiquei surpreso. A imagem que eu tinha é que ele havia abandonado o curso logo no segundo ou terceiro semestre). Disse, também, que tinha feito mais dois anos em Brasília, do mesmo curso que abandonara e, mesmo assim, por questões de trabalho, não conseguira concluir. Eu lhe falei de projetos em universidades, de cursos de extensão, inclusive on-line, que ele podia participar e que, certamente, o ajudaria, no enfrentamento das questões que, agora, ele colocava para si mesmo. Cogitei, também, a hipótese dele fazer um curso noturno... Falei de livros e ele começou a falar dos livros que ele ouvia. Não lia. Ouvia... e, se justificando, disse que assim tivera contato esse ano com inúmeros livros e que, se fosse para ler, certamente ele não teria lido tantos. E passou a mostrar alguns desses livros no YouTube.

Eu confesso que na base de sua pergunta o que me intrigava era: por que antes ele não estava preparado, não se sentia pronto, e agora sim? Essa era a pergunta que eu queria responder... Ele usou a expressão “virada de chave” para dizer que era necessária uma mudança dessa envergadura para que a pessoa chegasse a estar pronta, sem talvez se perguntar como a “virada de chave” acontecera na vida dele. E ali, respondendo às questões dele, eu estava mais interessado em responder a minha: como se deu, na vida dele, a virada de chave?

Com efeito, ao longo desses anos, ele não havia apenas “absorvido” conhecimento, como supõem muitos que concebem a aprendizagem

como simples recepção de algo que outra pessoa nos oferece. Aprendizagem, para ele, tinha aquele significado da aprendizagem pressuposta no construtivismo histórico e dialético, de autores como Vygotsky ou Paulo Freire: ele havia transformado a sua identidade! Mas ele próprio não sabia como, se soubesse não estaria se sentindo perdido, querendo “esclarecimentos”. O fato é que ele agora era como uma faca, não a de dois gumes. De um lado, me fazia perguntas como quem não tem lâmina; de outro, implicitamente, ele mesmo oferecia as respostas. Ele mesmo as recortava do mundo. Eu não precisava buscar as respostas em outro lugar. Ele mesmo as oferecia!

Foi, então, que me ocorreu. Foram aqueles livros, aqueles livros... todos eles componentes de um grupo de livros que nós, acadêmicos, abominamos, que o colocou em condição de refletir sobre si mesmo, no seu caminhar: os famigerados livros de autoajuda. Literatura de aeroporto como diziam meus professores. Mas não aqueles livros isoladamente, o que torna a resposta a minha pergunta longe de ser precisa. Em outras pessoas, eu pensei, o efeito não teria sido o mesmo! O efeito, nele, era de quem se dilacerava consigo mesmo. De quem se enfrentava em busca de respostas, presumindo, porém, uma resposta definitiva. Coisa que os livros de autoajuda, certamente, lhe ofereceram, a ideia de respostas prontas, acabadas! A questão é que, por alguma razão, ele não os aceitou integralmente. Eu poderia supor uma resposta bem simples à minha dúvida: história de vida! Ou, em outros termos, dizer que o ser humano é um “biopsicossocial” e, por isso, cada pessoa responde suas experiências à sua maneira. Mas, por outro caminho, cairia no idealismo dos livros de autoajuda, ainda que vestido de construtivista. O fato é que eu não tinha resposta!

Mas, nessa tensão, em que eu passei a ser objeto de uma relação professor-aluno, em que ele perguntava, eu respondia, situando a resposta a partir de suas perguntas e considerações, eu senti que tão

pouco eu, ali, era objeto. Não era como na cadeira do dentista! O que havia era um diálogo entre pessoas diferentes, em busca de solucionar um problema, talvez, sem solução. A questão dele “como acontece a virada de chave”, como é que deixamos de estar “não prontos” e passamos a “estar prontos”, no fundo era a mesma que a minha, sendo que apenas situada nele, na pessoa que estava ali a minha frente, não mais como aluno, como alguém “sem luz”, como supõe a etimologia da palavra, mas como estudante da vida que vive e quer viver e, para viver, sente que precisa conhecer, ou melhor, interrogar-se sobre a vida.

Nos despedimos... Eu forcei a despedida, alegando que teria aula cedo no outro dia, o que não deixava de ser verdade. Descobri, não sem me indignar, que ele morava ali ao lado. Caminhamos alguns passos além do restaurante e ele disse: – eu moro aqui. Ou seja, por ele, ficaríamos a noite inteira naquela floresta de saída incerta. Eu segui em frente, caminhei por uns vinte minutos até chegar em casa. Tomei banho. Dormi.

Quando acordo, me vem a seguinte ideia: não importam as árvores que compõem a floresta! Não importa que os livros sejam de autoajuda! O que importa não são as árvores, mas a relação entre elas e nossa vida. O que importa é pensar as relações. São elas que vivem, ocultas, entre as árvores. E eu achava que as árvores, isoladamente, importavam, como quem supõe que a vida é a arte do encontro, quando na verdade, é nos desencontros, por alguma razão desconhecida, que nos encontramos. Afinal, um objeto não se sente perdido, um objeto não se sente objeto! Na cadeira da dentista, eu me perdia e me encontrava. Ao se perder na universidade, ele se encontrou na vida... com a sensação de estar pronto e perdido ao mesmo tempo! Arte do encontro, a vida? Não. De encontros e desencontros!





